FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SABADO, 31 DE JANEIRO DE 1959

ANO 39.º — NÚMERO 12 981

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O 31 de Janeiro

O 31 de Janeiro, cujo aniversário hoje se comemora, é, muito mais do que uma data da República, uma data da Nação. Os soldados e civis, que nessa manhã foram varados na Rua de Santo António pelas balas da Guarda Municipal, eram portadores de uma nobre aspiração. Animava-os um espírito de devoção total á causa que serviam. Nos seus corações vibrava uma indignação dignificante e redentora. Não lhes abriu caminho nenhuma espada consagrada pela sorte dos pronunciamentos incruentos ou pelo favor real. Não os precedeu nenhuma fanfarra estridente. Marcharam, com a altivez dos estoicos e a simplicidade dos bravos, para a derrota com a certeza de que lançavam á terra uma semente que o tempo faria germinar.

Moveu-os um patriotismo ardente e sem mácula. O ultimato — que foi a afronta vibrada pelo estrangeiro — tinha raizes na dissolução do regime que, desfrutando o Poder, ignorava as aspirações populares e em cujo amago germinavam os fermentos de imoralidade que, ferindo a consciência pública, provocavam reacções indignadas.

Nada mais pueril do que filiar

(Continua na página seguinte)

O nevoeiro

causa vítimas no Norte da Europa e em Inglaterra

BONN, 31. — O nevoeiro provocou, ontem, na Alemanha Ocidental, mais de 50 acidentes de automóvel, especialmente na Baixa-Saxónia, onde a visibilidade era quase nula, ao fim da tarde.

Na auto-estrada Francfort-Karlsruhe, os acidentes revestiram-se de certa gravidade.

No conjunto do território federal, há até agora 3 mortos e uns 40 feridos. — (F. P.).

*

BERLIM, 31. — As autoridades da Alemanha Oriental encerraram

(Continua na 12.ª página)

O «Hans Hedtoft», acabado de construir, no momento em que largou para a sua viagem inaugural, no dia 6 do corrente, da qual regressava agora á Dinamarca, quando foi de encontro a um «iceberg», nas águas da Gronelandia, a 30 milhas a Sueste do Cabo Farwell

Deve ter-se afundado

com 55 passageiros e 40 tripulantes

o navio dinamarquês que embateu num «iceberg» nas águas geladas da Gronelândia

HALIFAX (NOVA ESCÓCIA), 31. — Diminuiram, hoje, rapidamente, as esperanças de salvar qualquer dos 95 passageiros e tripulantes do navio-motor dinamarquês de carga, misto, «Hans Hedtoft», o qual, segundo se anunciou pela ultima vez, «estava a afundar-se, lentamente», após ter chocado durante a noite, com um «iceberg», ao largo da costa da Gronelandia.

O «Hans Hedtoft», de 2.875 toneladas, equipado com todo o equipamento moderno de navegação, encontrou, assim, á semelhança do «Titanic» em 1912, o seu trágico fim, após ter colidido com um «iceberg» na sua primeira viagem.

A traineira alemã «Johannes Kreuss» comunicou, pela rádio, ás primeiras horas de hoje, qu

(Continua na 14.ª página)

A NOVA CRISE DE BERLIM — 1

A diplomacia soviética

propõe-se resolver os problemas da paz e da reunificação alemã

PARIS, Janeiro — Depois de rejeitarem a proposta soviética sobre o estatuto de Berlim, os Ocidentais perguntam quais são as verdadeiras intenções dos Russos. E' evidente que, ao levantarem essa questão, estes sabiam o acolhimento que a sua proposta teria e contavam com a sua rejeição. Por outro lado não é de crer que lhes passasse pela cabeça recorrer á força para obrigar os Ocidentais a retirar as suas tropas da antiga capital do Reich.

Ao pedir a modificação do actual estatuto da cidade, os Russos pensavam, portanto, noutra coisa? Em quê? A resposta a esta pergunta talvez a encontremos no contexto da nota soviética na qual se afirma a intenção de transmitir os direitos de potência ocupante ao Governo da

(Continua na 11.ª página)

As novas Corporações da Indústria e do Comércio

principiarão em breve a sua actividade

O ministro das Corporações entregou hoje, no seu gabinete, os alvarás de constituição das Federações dos Grémios do Comércio dos Distritos de Braga e Viana do Castelo, Faro, Leiria, Santarém e Setubal, cujas comissões directivas são presididas, respectivamente, pelos srs. Adolfo Santos da Cunha, José Rodrigues Sanches, Luís António Roda, Fernando Casimiro Pereira

(Continua na página central)

O ministro entregando os alvarás

Nota do dia

Colpe de «bacarat»

Monte Carlo vive horas de inquietação política que não alteram, por enquanto, a fisionomia habitual do principado, nem quebraram o ritmo das bolas de marfim nas salas doiradas do casino. Rainier III, usando dos poderes que lhe confere uma Constituição antiquada, que não está de modo nenhum de acordo com o progresso material e espiritual do principado, suspendeu-a e declarou-se em ditadura. Foram dissolvidos os Conselhos Municipal e Nacional, isto é, os orgãos representativos da soberania popular, e os negócios publicos passaram a ser geridos por um directório de cinco membros, que já tomou posse, numa cerimónia discreta e familiar. A decisão inesperada e desconcertante do descendente dos Grimaldi parece não ter sido estranha a vontade caprichosa da princesa Grace, que defende, deste modo, o direito divino dos reis — e a supremacia doméstica das mulheres. Aliás, elas tiveram sempre um fraco pelas ditaduras e amam, naturalmente, os homens fortes. Rainier não hesitou, por isso, em assumir uma atitude enérgica em face dos sintomas de rebeldia que se vinham esboçando entre os representantes eleitos pelo povo monegasco, que pretendiam nada menos que a «democratização» do estatuto constitucional. O conflito está em plena evolução e os membros do Conselho Nacional, surpreendidos por esta revolução de palácio, preparam-se para resistir ao golpe de Estado—até ao ultimo golpe de «bacarat». Entre os poderes absolutos de que o Principe não quer abdicar e as aspirações dos seus desautorizados conselheiros, cava-se um abismo que nem todo o oiro canalizado pelas roletas de Monte Carlo conseguirá preencher.

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Conceito actual da Patologia

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

NUMA recente «revisão de conjunto», Peláez Redondo, de Salamanca — a velha e nobre cidade universitária, tão próxima da de Coimbra, que o mesmo é dizer Portugal —, refere-se ao significado da patologia actual, filha da patologia científico-natural cimentada na velha anatomia patológica de Virchow, nas experiências e achados fisiológicos de Claude Bernard e, mais tarde, manhã dentro da ciência experimental, na bacteriologia de Pasteur e Koch (duas Europas frente-a-frente), vasto campo de estudo e observação enriquecido pe-

(Continua na 10.ª página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

Transmissão de poderes ao novo governador civil do Distrito de Aveiro

AVEIRO, 31. *(Pelo telefone).* — Efectuou-se hoje, á tarde, nesta cidade, a cerimónia da transmissão de poderes ao novo governador civil do distrito, sr. dr. Jaime Ferreira da Silva.

Ao acto, muito concorrido, assistiram muitas centenas de pessoas, de todas as categorias sociais, principalmente do concelho de Estarreja, de onde o novo governador civil é natural e onde exercia as funções de presidente da Camara Municipal.

Estavam também presentes, o sr. dr. Francisco José do Vale Guimarães, governador civil cessante, membros da União Nacional, deputados deste circulo, presidentes dos municipios de todo o distrito, representantes das Juntas de Freguesia, etc.

VIDA SOCIAL

DIPLOMATAS

Teve a amabilidade de nos apresentar cumprimentos de despedida o sr. Hassan S. Il Hakeem, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da R. A. U., que terminou as suas funções entre nós e regressou ontem ao Cairo.

O 31 de Janeiro

(Continuação da página anterior)

apenas no gesto brutal de Salisbury esse episódio sangrento da vida portuguesa. Os que nele tomaram parte ou lhe deram a sua solidariedade quiseram dizer ao Mundo que, entre nós, tudo podia perder-se menos a honra. Nos dez anos que o precederam, a Pátria identificara-se já com a República através de um impetuoso movimento de renascimento cívico. Este tornou irreparável o divórcio entre a Nação e a Monarquia e fez a prova de que havia latentes e ignoradas forças que levedavam no generoso propósito de a redimir.

O fontismo, que fez da corrupção organizada um poder do Estado, gerou, simultaneamente, sintomas de que a parte sã do País não aceitava como definitiva essa situação humilhante. As conferências do Casino foram uma tentativa malograda para despertar os Portugueses da apatia em que os mergulhara a venalidade e a incompetência dos próceres do constitucionalismo monárquico. O clarim que Antero fez soar com estridência ficou sem eco. Mas no centenário de Camões voltou a ouvir-se com um acento desconhecido. O cortejo que junto da estátua do épico manifestou a sua inabalável confiança no futuro da Pátria continha os germes de reabilitação que encontraram no Partido Republicano o seu intérprete legítimo. O mandato que o povo lhe conferiu foi cabalmente cumprido e executada, pela sua acção, a sentença que a Nação irrevogàvelmente ditara.

Os homens que depois do 31 de Janeiro seguiram o caminho do exílio e do cárcere — Bruno, Basílio Teles, Ricardo Severo — foram os arautos da cruzada que tornou indissolúveis os destinos da Pátria e da República. O manifesto dos emigrados, que o primeiro redigiu, é, além de um notável documento político, um brado que repercutiu pelo tempo fora os acentos do mais clarividente patriotismo. As estrofes indignadas de Junqueiro, os panfletos vibrantes de João Chagas, os acordes da «Portuguesa» exprimiram um estado de alma que deu á Nação consciência do rebaixamento em que a tinham prostrado e á mocidade o ímpeto que a levou á luta e á vitória.

Os estudantes que na madrugada de 31 de Janeiro aguardaram ansiosos em Coimbra a solidariedade dos militares, não abrandaram no esforço de realizar o sonho que os transfigurava. Entre eles se recrutaram os tribunos, os jornalistas e os propagandistas que deram realidade a esse sonho e os revolucionários que, anos depois, o materializaram com um epílogo vitorioso.

Os seus obreiros ignoraram as deserções e as claudicações. Enquanto os Vencidos da Vida se perdiam nas divações perigosas do engrandecimento do poder real e Oliveira Martins divagava na seiva dos interesses criados, Teófilo construia, pedra a pedra, esse espantoso monumento de fé lusíada que é a «História da Literatura Portuguesa», e um moço escolar de Medicina, António José de Almeida, escrevia a «Desafronta», que é o mais eloquente testemunho da têmpera moral dos propagandistas da República. Recordar a data da revolução vencida é lembrar o seu idealismo e exaltar o seu patriotismo, que tornaram a República indestrutível e ligaram os seus destinos para sempre aos destinos da Nação.

Subsídios para os estabelecimentos de assistência

Os estabelecimentos de assistência aos alienados foram dotados, pelo Ministério da Saude, com subsídios no valor de 37.150 contos, o que representa, em relação ao ano anterior, um aumento de 3.650 contos.

Estes subsídios destinam-se á manutenção dos referidos estabelecimentos (incluindo o reajustamento dos vencimentos do pessoal). Mas deles se destacou uma verba destinada a manter e modernizar o respectivo equipamento.

Aos serviços centrais do Instituto de Assistência Psiquiátrica foram concedidos 8.528 contos. Nesta verba incluem-se 240 contos para melhoria das condições de vida dos alunos das escolas de enfermagem.

Ao Hospital Julio de Matos atribuiram-se 12.589 contos, dos quais 333 para equipamento; ao Hospital Miguel Bombarda, 10.347 contos, sendo 280 para equipamento; ao Hospital Sobral Cid (Coimbra), 3.381 contos, dos quais 92 para equipamento; e ao Asilo Pisiquiátrico de Travanca, 950 contos (26 para equipamento).

O Hospital Magalhães de Lemos (do Porto) figura com uma verba de 10 contos (pró-memória), pois só é de admitir que as obras de construção se iniciem no fim do ano ou em princípios de 1960. Os estabelecimentos particulares de assistência devem ser subsidiados pela verba, atrás citada, atribuida aos serviços centrais do Instituto de Assistência Psiquiátrica.

Alcançaram altos preços os terrenos para jazigos no Alto de S. João

No Pavilhão dos Desportos, foram, esta manhã, postos em hasta publica vinte lotes de terreno 10 no cemitério do Alto de São João e 10 no cemitério dos Prazeres, para construção de jazigos particulares. Compareceram cerca de cinquenta pessoas, incluindo algumas senhoras todas interessadas na aquisição dos terrenos.

Em quase duas horas, foram arrematados cinco lotes, sendo os trabalhos suspensos ao meio-dia, para prosseguirem durante a tarde.

O primeiro lote posto em praça, foi o da Rua N.º 7 do cemitério do Alto de São João, arrematado para construção de jazigo de capela, com 2 metros e 30 de frente, por 55.452$90. Seguiram-se quatro lotes do mesmo cemitério, que foram arrematados, respectivamente, por 51.792$90, 61.592$90, 37.440$00 e 40.860$00.

Porto franco no Douro

Foi constituída uma comissão para proceder ao estudo da criação de um regime geral franco para o porto do Douro, a que presidirá o engenheiro António José Pebelo Pimentel Correia dos Reis, representante da Administração-Geral dos Portos do Douro e Leixões.

Na AMADORA o «Diario de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Tabacaria Dina.

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar.
ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA **ENO**

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

MAR LINDO

Restaurante
PRAIA DE SANTA CRUZ
Telefone 6

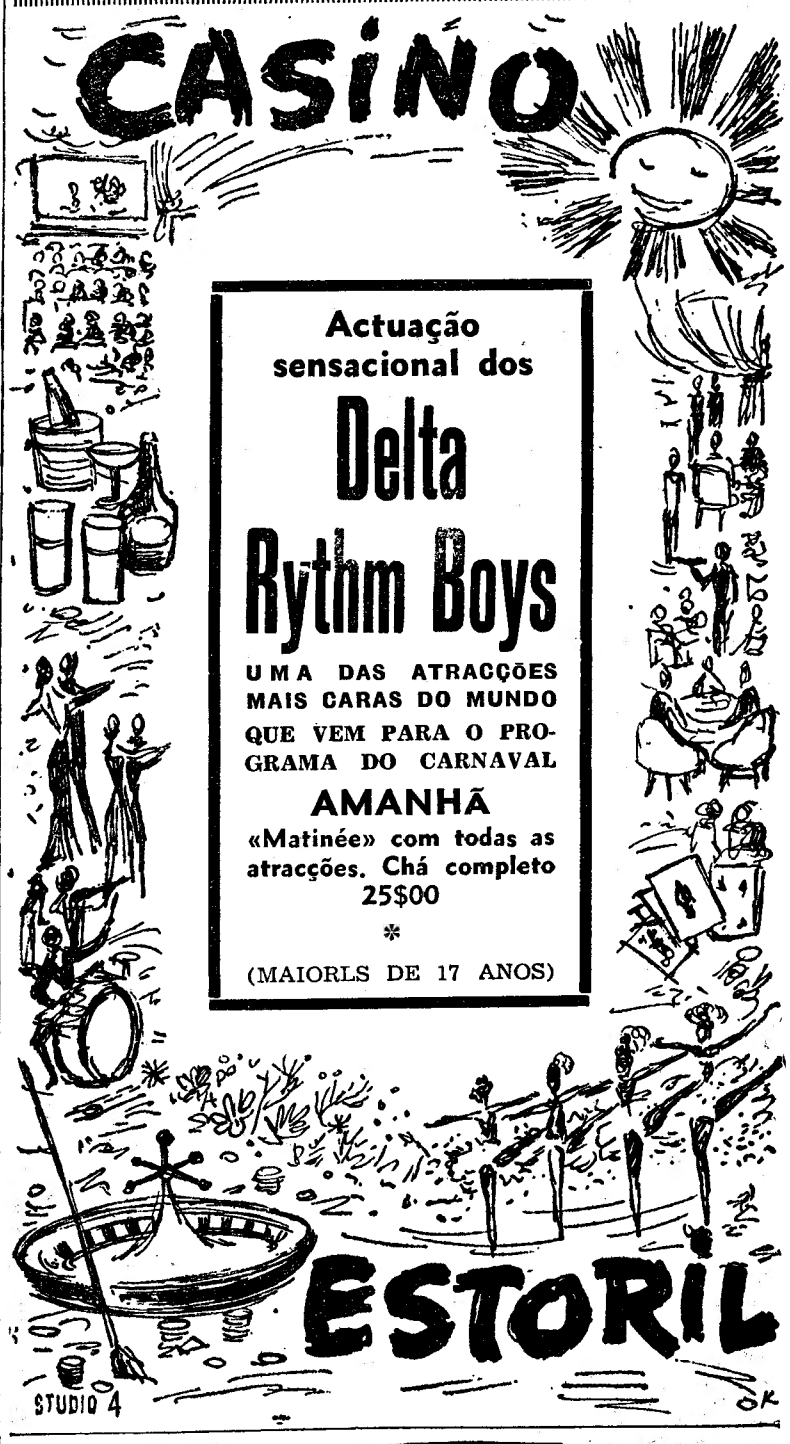
Amanhã DOMINGO, pratos especiais. Caldeirada e dobrada á Mar Lindo. Aprecie um belo almoço e dar-lhe-á tempo de assistir ao grande desafio

Torriense-Sporting

Marque já a sua mesa

COGNAC
MARTELL

Vendas a prestações de tecidos de novidade para Senhora e para Homem.
TECIDOS ALVINIZ
16, Largo do Carmo



GRIPE... então os comprovados COMPRIMIDOS DE ASPIRINA BAYER

De ontem para hoje

O HELICÓPTERO DA ESPERANÇA

A civilização técnica do nosso século, acusada de conduzir à desumanização da vida, quando vai ao ponto de transformar os homens em peças de um imenso maquinismo, tem não obstante maravilhosos aspectos positivos. Não só ela promete libertar o homem das suas mais dolorosas servidões, como o salva de perigos e desgarradoras desgraças em circunstancias ontem quase sem apelo. Tal o caso deste capitão grego do «Aegean Dolphin» que, tendo ficado sem a mão direita, decepada num acidente a bordo, e encontrando-se assim em estado muito grave, foi recolhido no alto mar por um helicóptero americano da Base Aérea das Lajes. Do céu desceu a esperança sobre a nave em alarme!

FEIXE DE IMAGENS

TRÊS distintos oficiais da nossa Armada acabam de ascender a altas funções que as suas brilhantes folhas de serviços amplamente justificam. São eles o almirante Nuno de Brion, novo comandante naval do continente, figura de muito prestigio não só nacional como internacional, dada a sua intervenção superior em exercícios conjuntos com as Armadas de outros países e da N. A. T. O.; e os comodoros Noronha Andrade, presidente da Comissão Central Portuária do Ministério da Marinha, e Paulo Viana, antigo comandante das forças aeronáuticas da Armada, os quais foram nomedos respectivamente comandantes naval da base de Lisboa e da força do continente.

*** Duas outras figuras de grande relevo da vida nacional são chamadas a exercer cargos, para os quais o seu prestígio intelectual e competência profissional no campo económico os recomendam expressivamente. Trata-se dos srs. drs. Ulisses Cortês, antigo ministro da Economia, e João Faria Lapa, professor catedrático do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, os quais vão ser nomeados respectivamente administrador-geral e vogal do Conselho de Administração da Caixa Geral de Depósitos.**

*** Dois desastres impressionantes no dia de ontem. No concelho de Braga, uma camioneta despistou-se e foi brutalmente contra uma árvore. Um morto (Francisco da Silva Lopes), jovem de 24 anos forte e confiante pouco antes, e mais quatro feridos. Tudo isto porque rebentara um pneu de uma das rodas da frente. No segundo acidente, perto da ponte de Sacavém, um camião embateu numa furgoneta, que vinha em sentido contrário. Neste ultimo veículo seguiam dois homens que ficaram gravemente feridos. Um deles, o condutor, Virgílio Ferreira apareceu horrívelmente entalado nos destroços da furgoneta.**

*** Correrias, panico, fogo. O pacato bairro do Alto do Pina ergueu-se num alvoroço. Gritos de casa para casa, crianças chorando. Que sucedera? Quando um droguista (o sr. José Maria Félix de Almeida) derretia cera no seu estabelecimento, servindo-se para isso de uma lamparina de álcool, as chamas comunicaram-se a um depósito de produtos inflamáveis. Deu-se então a fragorosa explosão. E logo o armzém se transformou num brasido. Mais de quarenta minutos lutaram os bombeiros com as línguas vermelhas de fogo, que tudo iam devorando, álcool, benzina, latas, prateleiras, portas. Salvaram-se, ao menos, as pessoas. Do mal o menos!**

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu no Palácio de Belém os srs. embaixador dr. José Nosolini; capitão-de-mar-e-guerra eng.º José Rodrigues Santos, dr. Azeredo Perdigão e Mota de Vasconcelos. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado os srs. Hassan El Hakeem, vice-almirante Guerreiro de Brito, generais Adelino Alves Veríssimo, Beleza Ferraz, Carlos da Costa Macedo e Venancio Deslandes, contra-almirantes Joaquim de Sousa Uva e António Alves Leite, comodoro Sarmento Rodrigues, brigadeiros Lino Dias Valente e Bernardo Tiago Mira Delgado, dr. Francisco Vale Guimarães, dr. Jaime Ferreira da Silva, D. Manuel de Melo, dr. José Manuel de Melo e dr. Jorge da Silva de Melo. * Com o sr. Presidente do Conselho trabalhou ontem o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros. * No prosseguimento das visitas que tem efectuado aos estabelecimentos anexos á Universidade de Lisboa, o sr. prof. Marcelo Caetano, reitor da mesma Universidade visitou ontem o instituto de Oncologia. * O sr. ministro da Saude foi eleito sócio honorário do Auto-Clube Médico Português. * Tomou posse o director do Aeroporto de Luanda, sr. Jaime José de Almeida Santos.

Miscelânea

- *Uma certa Camara Municipal, para pagar as contas aos hospitais dos doentes pobres da sua jurisdição, lançou, há tempos, uma derrama sobre os proprictários. Trata-se, sem duvida, de um gesto humano, mas não podia resolver-se o caso de outra maneira, evitando-se assim mais uma «contribuição»?*
- *Os estudos estão caros. Há que pagar nos cursos secundário e universitário matriculas, livros, equipas de ginástica, sebentas e cartas. Só a do curso completo dos liceus custa algumas centenas de escudos, quando bastaria a respectiva caderneta se não um certificado redigido, em meia folha de papel selado.*
- *No Estado de Illinois (U. S. A.) os presos que se encontram na cadeia, há muitos anos, obtiveram autorização para seguir os cursos da Universidade de Chicago pela televisão. Podem fazer exame e obter os respectivos diplomas.*
- *Um engenheiro de Riga (Letónia) construiu uma bicicleta voadora. Accionada unicamente pela força humana pode atingir no espaço uma velocidade de sessenta a setenta quilómetros á hora.*
- *Andar nos autocarros, de dois pisos, é uma verdadeira tortura. sobretudo, quando se viaja no ultimo. As ruas, mesmo de asfalto, esburacadas e de constantes desniveis, para não falar já nas revestidas de calçada á portuguesa, que não oferecem uma superficie uniforme, fazem saltar, oscilar, vascolejar constantemente os pesados veículos de tal maneira que os passageiros se julgam liquidos agitados dentro de uma garrafa.*
- *Moscovo celebrou recentemente pela quarta vez o «Dia da Poesia». De todos os lados da Russia surgiram vates. A estatistica oficial mencionou duzentos. Alguns declamaram os seus versos na praça publica, escutados por milhares de pessoas.*
- *Quando é que o Museu de Arte Contemporanea sai do velho convento de São Francisco? Mas não o ponham longe se querem que o povo o visite, numa cultura estética facilitada, como que de passeio, sem encargos de transportes. Que tal o Palácio Foz? E porque não instalar o Secretariado da Propaganda, num imóvel, ao lado do «palácio de latão» (por Platão) da C. M. L. nos Restauradores?*
- *Nos Estados Unidos fundou-se um clube de mulheres divorciadas. As sócias obrigaram-se solenemente a jamais beijar um feio elemento do sexo forte. Em caso de infracção (ou paixão subitanea), pagam uma multa, que reverte para o cofre da pouco galante colectividade.*

VIDA ARTÍSTICA

Exposição Jaime Murteira

A exposição de quadros do brilhante artista Jaime Murteira, tem sido muito visitada, registando-se numerosas aquisições. O certame continua aberto, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, até ao próximo dia 5.

No I. N. E. F.

principiou hoje um ciclo de palestras sobre "A Arte e a Juventude"

Com o louvável objectivo de valorizar a capacidade intelectual dos seus alunos, o Instituto Nacional de Educação Física tomou a iniciativa de organizar um ciclo de palestras subordinado ao tema «A arte e a juventude», que hoje se iniciou, com uma lição sobre pintura pelo pintor sr. dr. José Julio Andrade dos Santos, director da S. N. das Belas-Artes, a que assistiram o director e o subdirector, respectivamente, srs. dr. Andressen Leitão e prof. José Esteves, professores e todos os alunos do Instituto.

O interessante trabalho do pintor José Julio foi ilustrado com projecções luminosas, estabelecendo-se, no final, animado diálogo entre o palestrante e a assistência.

O ciclo engloba mais as seis palestras seguintes:

Em 6 de Fevereiro, sobre teatro, pelo dr. Fernando Amado, professor do Conservatório Nacional; em 14, sobre literatura, pelo escritor dr. Fernando Namora; em 21, sobre arquitectura, pelo prof. Carlos Ramos; em 28, sobre cinema, pelo crítico dr. Domingos Mascarenhas; em 7 de Março, sobre musica, pelo crítico dr. João de Freitas Branco, presidente da Juventude Musical Portuguesa; e em 14 do mesmo mês, sobre poesia, pela poetisa D. Sofia Melo Breyner Andressen.

Todas as sessões se efectuam ás 12 horas, no anfiteatro do I. N. E. F. e terminarão com debate.

Os danos causados pelo desastre ferroviário da Gibalta

O «Diário do Governo» publicou hoje o acórdão proferido pelo Supremo Tribunal Administrativo no recurso interposto pela Sociedade Estoril, em que era recorrido o Ministério Publico, representando o Estado, do despacho do ministro das Obras Publicas que a considerou responsável por todas as perdas e danos causados ao Estado e particulares pelo grande desastre ferroviário de 31 de Março de 1952, no sítio da Gibalta, por virtude de uma derrocada de terras, muros e rochas.

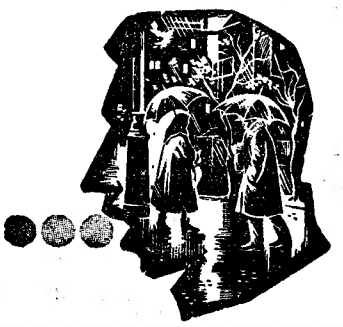
Tendo aquela Sociedade intentado, na comarca de Lisboa, a acção de processo ordinário deduzida contra o Estado, e ouvido o Ministério Publico, este veio declarar que «a invocação dos danos sofridos pela autora, como a atribuição da culpa ao Estado, mostravam que a competência para a causa não pertencia ao tribunal comum», com o que concordou o corregedor; a autora agravou para a Relação que confirmou o despacho, e interpôs novo recurso para o Supremo Tribunal de Justiça que se pronunciou no sentido de que «o recurso para fixar a competência era para o tribunal de conflitos» do Supremo Tribunal Administrativo, cujo acórdão termina por estas palavras:

«Nos termos referidos, os pedidos, demais em íntima correlação, não fogem á competência do foro comum, competente para o julgamento das causas que por lei não forem outorgadas a alguma jurisdição especial (artigos 66.º e 67.º do Código de Processo Civil). Pelo exposto, julgam competente o tribunal comum».

HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA
NO TERRAÇO DAS ESTRELAS
BRENDA Y VALENTI
APLAUDIDA PARELHA DE BAILARINOS FANTASISTAS
(ADULTOS — MAIORES DE 17 ANOS)
AMANHÃ: «MATINÉE» DANÇANTE COM AS ATRACÇÕES. CHÁ COMPLETO 25$00
À noite: ESTREIA da atracção internacional «DUO GRANDE»

Tágide
«Chez Elle»
Até 6 de Fevereiro
SUZY SOLIDOR
Ainda no programa
Helena Tavares — Ivone e Clara Maria Candal
Adultos—Maiores de 17 anos)

TA-MAR
AMANHÃ
Paelha á Valenciana
RESTAURANTE * ALGÉS *


NEO-PENITROL
Uma nova fórmula potenciada
ANGINAS • FARINGITES • LARINGITES
PIORREIAS • GENGIVITES • GRIPES • ETC.

Senhora
A. Ribeiro da Costa, vende a preços especiais, o resto da sua colecção de casacos e «tailleurs». Rua Augusta 245-247.

CARNAVAL INTERNACIONAL DO ESTORIL
Venda de bilhetes das 13 às 21 horas para o Corso de Sábado 7, Domingo 8 e Terça-feira, 10
Postos instalados nos seguintes locais:
CAIS DO SODRÉ
MARTIM MONIZ
RESTAURADORES
SALDANHA
AREEIRO
LOTAÇÃO LIMITADA
NOS POSTOS INDICADOS, TAMBÉM SE VENDEM BILHETES PARA OS PARQUES DE ESTACIONAMENTO DE AUTOMÓVEIS
10% DA RECEITA DESTINAM-SE A OBRAS DE ASSISTÊNCIA

4 extraordinários bailes
nas noites de Sábado, Domingo, 2.ª e 3.ª feira, com a presença das celebridades mundiais
M/17 anos

Leia o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

Carmen Dolores

Rogério Paulo

ÀS 21.45 HORAS

AVENIDA

A «COMPANHIA DO TEATRO DE SEMPRE» SUBSIDIADA PELO FUNDO DE TEATRO APRESENTA A FASCINANTE COMÉDIA DRAMÁTICA

O FIM DO CAMINHO

UM ESPECTÁCULO ADMIRÁVEL COM UMA ENCENAÇÃO E INTERPRETAÇÃO NOTÁVEIS!
P.ª M/ DE 12 ANOS
AMANHÃ, ÀS 16 H., ESPECTÁCULO À TARDE

ULTIMO

NO VARIEDADES

EMP.ª TEATRAL AVENIDA, LDA.

ÀS 20.30 e 22.45 H.

DO GRANDE EXITO DO MOMENTO

MAS!

ADULTOS M/ DE 17 ANOS

A ALEGRE REVISTA POPULAR

COM JEITO, VAI!

A REVISTA EM QUE TRIUNFA

BEATRIZ COSTA!

AMANHÃ, DOMINGO, ÀS 16 HORAS
ESPECTÁCULO À TARDE

Berta Loren, em «Sou um fenómeno»

POR AMOR DUMA RAINHA

com O. W. FISHER, ODILE VERSOIS e HORST BUCHHALZ

NÃO É UM FILME COR-DE-ROSA, NEM DE CAPA E ESPADA... É UMA OBRA DE EXCEPCIONAL VALOR ARTÍSTICO, DIRIGIDA À SENSIBILIDADE E À INTELIGÊNCIA DO MELHOR PUBLICO!

Do «Diário de Notícias»:

«Fiel á sua tradição, o Império apresentou ontem mais um filme de inegável categoria».

Do «Diário Popular»:

«Após um período de menos fulgor, o cinema alemão, de tantas tradições, conseguiu novamente captar as simpatias do publico, e esta sua produção é uma obra a todos os títulos notável».

Do «Diário de Lisboa»:

«Trata-se de uma obra notável, que se impõe pela honestidade dos processos utilizados para a realizar».

Do «Diário Ilustrado»:

«Por amor de uma rainha» engrandece-se ainda mais pela extraordinária fotografia, colorida num bom «Agfacolor».

EM 2.ª SEMANA NO IMPÉRIO

Um exclusivo da SONORO FILME

(ADULTOS — M. DE 17 ANOS)

NÃO SE FALA NOUTRA COISA

EXITOS QUE ANDAM NA BOCA DE TODOS

A DINAMICA PARELHA EM BAILADOS E CANÇÕES

LES VILALLTA

NUMEROS BISADOS COM LOUCO ENTUSIASMO!

A ATRACÇÃO PORTUGUESA DE PRESTÍGIO INTERNACIONAL

BALLET ERASTO

HERMANOS RIBERO

EM DANÇAS TÍPICAS QUE ARREBATAM O PÚBLICO!

E AINDA, TODO O GRANDIOSO ELENCO DE OURO DO «RITZ»

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE

ADULTOS (maiores de 17 anos)

Musica de baile por VILAÇA e sua orquestra.

No Salão Típico: Fados e Guitarradas e «Manolillo de Berbes» em cantares flamencos

2.ª FEIRA — EM ESTREIA

A FAMOSA BAILARINA

MARGARITA CRUZ

ESTA SEMANA: MAIS 5 NOTÁVEIS ESTREIAS QUE VÃO DAR BRADO

CARNAVAL

4 NOITES DE LOUCURAS COM SENSACIONAIS BAILES DE MÁSCARAS

Teatro Nacional de Dona Maria II

Todas as noites ás 21 e 45

Aos sábados, ás 16 horas, tardes populares, a preços reduzidos

(12 ANOS)

O PROCESSO DE JESUS

TODA A COMPANHIA

O TEATRO ESTA AQUECIDO

ATENÇÃO AO GRANDE CARNAVAL DO

(MAIORES DE 15 ANOS)

CAPITOLIO

Quatro noites de incomparável folia!

TRÊ MAGNÍFICAS TARDES PARA CRIANÇAS!
UM DESOPILANTE FILME DE ESTREIA!
UM GRANDE PROGRAMA DE ARTRACÇÕES INTERNACIONAIS!

BAILES ATÉ DE MADRUGADA

ANIMADOS PELO ESPLENDIDO CONJUNTO DE JOSÉ MAGALHÃES

PREÇOS: INCRIVELMENTE POPULARES!

VEJA AMANHÃ ANÚNCIO ESPECIAL

BUGIO

Telefone 043198

RESTAURANTE E SNACK-BAR

Pastelaria — Salão de Chá -- Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.

Largo 5 de Outubro
STO. AMARO DE OEIRAS

CARNAVAL DISCOS

OS MAIS RECENTES ÉXITOS DE MÚSICA DE DANÇA: «*Hula Hoop*», «*Cha, Cha, Cha*», «*Rock and Roll*», *etc.*

STANDARD ELÉCTRICA
RUA AUGUSTA, 19

UM HOMEM SÓ

UM GRANDE EXITO DE UM AUTOR E DE UM ACTOR NO TRINDADE HOJE ÀS 21.45 (12 ANOS)
AMANHÃ, ULTIMA «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

LIDO

SANTO AMARO DE OEIRAS

SÁBADO, 31

BAILE CARNAVALESCO, até ás 3.30 da MADRUGADA

Domingo, dia 1 — Matinée e Soirée

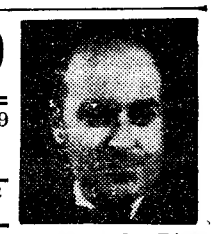
BAILES DE CARNAVAL DURANTE 4 NOITES COM O CONJUNTO *LIDO*
RESERVE A SUA MESA
(15 anos)
TEL. 043094

LUSO

Tr.ª da Queimada, 8-A—Tel. 32889
Adultos — maiores 17 anos

M. Augusta

João Viana «Vianinha»



Hoje (até de madrugada) Cantam: *Maria Augusta, Armando Dias, Maria A. Proença, Baptista Martins* o cantor mais pequeno, Julieta Estrela e *João Viana «Vianinha»*. Á guitarra A. Couto; á viola A. Rami. *Quinta-feira: «FERNANDA BAPTISTA». Sexta-feira,* festa do poeta *Carlos Conde «RECORDAR É VIVER»*. ATENÇÃO AO CARNAVAL NO *LUSO. FADOS* E *BAILE*. MARCAM-SE MESAS. AMANHÃ—GRANDIOSA *«Matinée»*.

RESTAURANTE ALVALADE

Telef. 779151

Todos os dias a partir das 0 horas, atracções com ceias até às 3,30

HOJE BAILE DE MÁSCARAS

(Adultos M. 17 anos)

Restaurante Regional

VILA FRANCA DE XIRA
RUA SERPA PINTO, 92

Aos domingos: Açorda de sável —Dobrada á regional—Frango á surrasco—Cabrito á Ribatejo, etc.

Leiam o «SEMPRE FIXE»

Recintos de diversões

No Centro de Recreio Popular do Alto da Ajuda, haverá hoje um festival de fados e variedades, em que participam mais de vinte e cinco artistas, entre os quais Filipe Pinto, Manuel Fernandes, Manuel de Almeida, Luísa Borges, Mário Rocha, Julio Vieitas e Armando Dias.

—Na próxima segunda-feira, efectua-se, no Salão Luso, a festa artística do cantador Vítor Nunes, que apresentará um bem elaborado programa de fados e variedades.

No Trindade

«Um homem só», em últimas representações

O T. N. P. está a apresentar, no Trindade, em ultimas representações, a peça «Um homem só», de Costa Ferreira.

Além de Ribeirinho, que tem nesta peça uma interpretação extraordinária, participam no elenco de «Um homem só», os artistas Maria Lalande, Josefina Silva, Rui de Carvalho, Maria José, Carlos Wallenstein, Lili Neves, Armando Cortês, Fernando Muralha e Joaquim Rosa.

FIESTA

A CASA TÍPICA DO BARREIRO

HOJE, DIA 31,

FESTA DE HOMENAGEM À QUERIDA E POPULAR ARTISTA

MARIA PEREIRA

COM A COLABORAÇÃO DE VÁRIOS ARTISTAS

MARCAÇÕES DE MESAS NA

FIESTA

Telefone 023744—BARREIRO

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

TEATRO MONUMENTAL — TELEF. 55133

ESP. VASCO MORGADO, LDA.

HOJE e AMANHÃ ÚLTIMOS DIAS

ÀS 21.45 H.

(Adultos M/17 anos)

A PEÇA DE COLETTE

GIGI

com MILÚ na protagonista

AMANHÃ, ESP. ÀS 16 HORAS

ATENÇÃO: As marcações para os 4 dias de Carnaval terminam hoje ás 19 h., impreterívelmente

HOJE e AMANHÃ À TARDE, ÀS 18.30 H.

PREÇOS: 3.ª Balcão frente, 5$00 — 2.ª Balcão, a 10$00

Plateia a 15$00

GRANDE PARADA MUSICAL DE 1959

MONUMENTAL CARNAVAL SÓ O DO TEATRO MONUMENTAL

NAS 4 NOITES — 2 SESSÕES

ÀS 20.30 e 23.30 H.

(PARA MAIORES DE 15 ANOS)

A BAILARINA CIGANA

LA CHUNGA

E O SEU CONJUNTO

ORQUESTRA CARNAVAL TROPICAL SHOW

TRIO THE MENPHIS

BAILE ATÉ DE MADRUGADA AO SOM DE 3 ORQUESTRAS PARA O PÚBLICO DAS 2 SESSÕES

MARIA VITORIA

EMP.ª «E. SALVADOR e R. MARTINS, LDA.»

SÓ

HOJE

E

AMANHÃ

EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

SALVADOR

APRESENTA

A SUA MELHOR REVISTA

POR CAUSA DELAS...

2 SESSÕES ÀS 20.30 e 22.45 ADULTOS—M/17 ANOS

AMANHÃ

ULTIMA «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

ADULTOS M/17 ANOS

A SEGUIR

MAIS UM GRANDE ESPECTÁCULO DE

SALVADOR

A REVISTA POPULAR

ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...

RAUL SOLNADO

abc

Tel. 366745

EMP. TEATRAL ABC, LDA.

Às 20 e 30 e ás 22 e 45

O CARTAZ DA ALEGRIA

8.ª SEMANA

VINHO NOVO

PARA MAIORES DE 17 ANOS

AMANHÃ — ESPECTÁCULO ÀS 16 HORAS

A ÚNICA SALA DO PARQUE MAYER COM AQUECIMENTO

HOJE

Sábados e Domingos

Matinées-dançantes das 18 ás 20 horas, com todo o elenco

Pasapoga

TELEF. 23584

Empresa MANUEL ZEFERINO

(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

OUTRA GRANDIOSA NOITE DE ESTÚRDIA

MAIS UM SENSACIONAL

BAILE DE MASCARAS

CONSTANTE E SEU CONJUNTO

Em maravilhosas criações do folclore português

O consagrado e dinamico **BALLET MILOS RISTIC**

e ainda **VITORIA PASTOR** e **ANTÓNIO ALVARINHO**

Musica permanente por **SÉRGIO E SUA ORQUESTRA**

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — TEL. 27173

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)

Um acontecimento histórico que alarmou a consciência do Mundo inteiro

O JULGAMENTO DO CAPITÃO DREYFUS

com **José Ferrer, Anton Walbrook** e **Viveca Lindfors**

Venda de bilhetes para o Carnaval

EDEN — TEL. 20768 — Emp. Lopo Lauer

15.30, 18.30 e 21.30

M/12 anos

Um sucesso de gargalhada

A SERENATA DOS CANHÕES

Os humores guerreiros do capitão. Comandante **Vittorio de Sica** comanda um calhambeque.

CONDES — TEL. 22523

15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)

2.ª SEMANA

A vida de Modigliani, uma sublime história de amor

O VAGABUNDO DE MONTPARNASSE

com **Gérard Philipe** e **Lilli Palmer**

ODEON — Telefone 26282

Às 15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

Um drama de amor, unico e apaixonante

UMA ENTREVISTA DE AMOR

com **Silvia Pinal** e **Jaime Fernandez**

LIZ — TEL. 48560

Às 21 (M/12 anos)

A RAPARIGA DAS VIOLETAS

Pai á forca

RESTELO — Telefone 610375

21.15 (M/17 anos)

Cinemascope

Londres chama Pólo Norte

com **Curt Jurgens**

CASINO ESTORIL

21.30 (M/17 anos)

AMOR DE JORNALISTA

com **Clark Gable**

TIVOLI — TEL. 50595

2.45 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/12 anos)

3.ª SEMANA

dum grandioso triunfo mundial

A POUSADA DA SEXTA FELICIDADE

Em Cinemascope — Cor de Luxe

com **Ingrid Bergman** e **Curt Jurgens**

Venda de bilhetes para o Carnaval

Amanhã, ás 11 h., Ses. Clás. «No reino da calunia». (M/17 anos).

POLITEAMA — TEL. 26301

15.15 - 18.15 e 21.30

Vibrante Exito

Uma obra-prima do melhor quilate de «suspense», em cinemascope

INTENÇÃO DE MATAR

com **Richard Todd** e **Betsy Drake**

(Maiores de 17 anos)

AVENIDA — Telefone 763086

15.45 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)

Uma injustiça terrível que a França soube a tempo reparar

O JULGAMENTO DO CAPITÃO DREYFUS

com **José Ferrer, Anton Walbrook** e **Viveca Lindfords**

Venda de bilhetes para o Carnaval

MONUMENTAL — TEL. 55131

Às 15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

3.ª SEMANA

O mais alto grau de «suspense» e emoção jamais atingido em cinema

A MULHER QUE VIVEU DUAS VEZES

com **James Stewart** e **Kim Novak**

Venda de bilhetes para o Carnaval.

TERRASSE — TEL. 20917

A's 21 (M/12 anos)

A RAPARIGA DAS VIOLETAS

Louva a Deus gigante

IMPÉRIO — Tel.: 55134-5

Às 15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

2.ª SEMANA

A extraordinária realização de **Harold Braun,** inspirada na sublime paixão de uma mulher

POR AMOR DUMA RAINHA

com **O. W. Fisher** e **Odilo Verdis**

Em Agfacolor

Bilhetes á venda para o Carnaval

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)

HARDY KRUGER heroi da mais fantástica fuga da história das guerras!

A ÁGUIA FUGITIVA

O unico aviador alemão prisioneiro, que fugiu aos ingleses.

ROMA — Telefone 727778

15.30, 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

O drama de uma mulher apaixonada, que conheceu duas rivais

MULHER ARDENTE

com **Hedy Lamarr, George Nader** e **Jane Powell**

AVIS — Telefone 47163

15.30, 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

Um espectáculo belo e hilariante

AS MIL E UMA NOITES

com **Tin Tan, Maria Antonieta Pires** e um grupo de esculturais bailarinas

---

ROYAL — TEL. 845037

Às 21 (M/12 anos)

SISSI

No progr.: **SANGUE e LUZ**

CINEMA IDEAL — Telefone 24194

As 21 (M/12 anos)

Cinemascope

O CÁLICE DE PRATA

Complem. vários

Leiam o «SEMPRE FIXE»

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

«Velhinha da Avenida», «Batalha de flores», «Teddy-Boy» e «A moleira», são os numeros que a actriz Mimi Gaspar vai desempenhar na revista «Encosta a cabecinha e chora...», em ensaios no Teatro Maria Vitória.

— Terminam amanhã, no Teatro Monumental as representações da peça «Gigi».

— No programa que o conjunto artístico «Comboio-Foguete», amanhã apresenta no Coliseu do Porto toma parte o artista Joaquim Cordeiro.

— A companhia Laura Alves termina a temporada no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, no dia 10 de Fevereiro, regressando a Lisboa no dia seguinte.

— Começam hoje, no Palácio de Cristal, do Porto, os espectáculos da grande companhia do II Festival Mundial de Circo.

— É provável que a companhia do Teatro Variedades, depois dos espectáculos que vai realizar no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, apresente a revista «Com jeito vai», em algumas cidades da Provincia.

— A actriz Pepa Ruiz segue na próxima semana para o Rio de Janeiro a bordo do paquete «Vera Cruz».

— Terá encenação de Amélia Rey Colaço a peça de Artur Miller «A vista da ponte», que na presente temporada subirá á cena no Teatro D. Maria II.

— Terminou a sua actuação em Luanda a actriz-declamadora Bárbara Virginia, que anda em digressão artística pelo nosso Ultramar.

No Teatro A B C

«Vinho Novo», em 3.° mês

Lisboa inteira discute a revista de características populares «Vinho Novo», o grande êxito de gargalhada do ABC, que amanhã entra no terceiro mês de representação. Milhares de espectadores foram já ao simpático teatro do Parque Mayer, ver «Vinho Novo». Aida Baptista, Clarisse Belo, Antónia Montes, Alvaro Pereira, José Viana, Carlos Coelho, Leónia Mendes, Raul Solnado e a grande vedeta italiana do disco, Loris Velli são, com muitos outros artistas e lindas raparigas, os intérpretes desta revista.

Primeiras exibições

«As mil e uma noites», no Avis

Aos Portugueses que vão a Madrid, e conhecem o Teatro Martin, diremos que este filme do Avis é do género que ali se explora, com semelhantes características de autores e actores, identico bom humor popular e iguais processos de fazer rir, finalidade amplamente atingida na versão cómica dos contos de «As mil e uma noites».

O realizador, Fernando Cortés tem o espírito dos autores daquele teatro madrileno, ainda que o protagonista, o cómico Tin-Tan, utilize o modelo de Cantinflas, com a diferença que vai do original á cópia, oscilando os restantes intérpretes entre a maneira mexicana e a espanhola. Também os intérpretes femininos do filme, muitas e belas, parecem «tiples» do Martin na exibição plástica, e até os «boys» se parecem com os seus bailarinos exibindo-se todos em danças de amplo conjunto, e elas num quadro de sugestivas estátuas vivas.

Maria Antonieta Pons figura á cabeça das beldades, mas outras lhe levam a palma em «papeis» de menor quantia, e alguns cenários dão bem o ambiente oriental, atingindo até certa beleza. Enfim, por todos os motivos, até pela quadra carnavalesca, se recomenda este filme do Avis, bom para rir, e agradável de ver. — *Visor 68.*

«A serenata dos canhões», no Eden

Sátira á guerra, uma explosão de riso contra o militarismo, «A serenata dos conhões» foi realizado por um alemão e interpretado por italianos. E' interessante notar serem alemães e italianos os autores desta deliciosa comédia, aqueles que provocaram o ultimo conflito mundial.

«A serenata dos canhões», de Wolgang Staudt, é uma obra-prima de ironia, de construção, de cor. Eis aqui um história muito bem contada, com uma realização muito mais que razoável, mesmo brilhante. Com um cenário (uma cidade de Itália) admirável, uma cor dominada e cheia de inteligentes tonalidades, numa sequência de quadros bem compostos, «A serenata dos canhões» é interpretada por Vittorio de Sica, num prodigioso «comandante», e um grupo de actores entre os quais destacamos o maciço mas expressivo Folco Lulli e a quase Sofia Loren que é Helene Remy.

«A serenata dos canhões», é muito mais do que parece e deve ser integralmente entendida. Uma serenata, aliás, contra os canhões.

Bon sdocumentários, entre os quais um com pássaros e um claro e mogartiano fundo musical. — *Visor 100.*

No S. Jorge

continua «A Águia Fugitiva»

Nos bastidores das guerras escrevem-se páginas de heroismo e amor pátrio. E' o caso de Franz von Werra, aviador alemão que os Ingleses aprisionaram durante a ultima conflagração mundial, o qual buscou e alcançou a liberdade que haveria de o reconduzir ás frentes de combate, para acabar trágicamente nas águas profundas do Atlantico.

E' sobre a realidade deste facto histórico que os Ingleses, com a reconhecida proficiência e honestidade, realizaram «A Aguia Fugitiva», que o São Jorge exibe. Cinematográficamente, o filme constitui um magnífico espectáculo, mantendo o publico interessado. Hardy Kruger confirma a sua reputação de consumado actor, imprimindo á figura de Franz von Werra toda a dramática realidade exigida pela personagem.

No Odeon

exibe-se «Uma entrevista de amor»

«Uma entrevista de amor», em exibição no Odéon, conta-nos uma história diferente, profundamente humana, que obriga o espectador a pensar.

Esta obra do extraordinário director Emilio Fernandez, que nos habituámos a considerar pelas suas excelentes realizações, ao lado do não menos categorizado operador Gabriel Figueiroa, que nos tem oferecido belas imagens e panoramas formosos, através de filmes que ficaram na história do cinema mexicano, é realmente uma obra fora de série, com a interpretação de Silvia Pinal e Jaime Fernandez.

Danik Patisson

comentará um filme

O arrojado filme de Leonide Moguy «Ao longo das ruas» obteve no Festival de Vichy, três prémios internacionais, dos quais o da interpretação feminina foi atribuído á jovem actriz Danik Patisson.

Realização corajosa, de profundas repercussões sociais, «Ao longo das ruas» será exibido na próxima quarta-feira clássica do Império, precedido de um comentário proferido pela própria Danik Patisson, que está agora em Lisboa a interpretar a primeira figura feminina de «O primo Basilio», que António Lopes Ribeiro extraiu da obra de Eça de Queirós.

Music-Hall

Os «Delta Rythm Boys», no Casino Estoril

A estreia de ontem, á noite, no Casino Estoril, foi um êxito. O conjunto vocal «Delta Rythm Boys», que o publico aplaudiu sem reservas, é dos melhores, senão o melhor, de quantos se têm exibido no nosso País. Os quatro componentes do conjunto possuem vozes apreciáveis, com destaque para o baixo, onde se identifica toda a gama das melodias negras das plantações de algodão e dos trabalhadores do Mississipi.

Os «Delta Rythm Boys» apresentaram canções francesas, americanas e argentinas, acompanhados pelo seu pianista privativo, que se revelou excelente executante.

O programa de variedades do Casino Estoril inclui, ainda, a apresentação do aplaudido «ballet» cubano de Manolo Peralta e do grupo de «Bailados Portugueses», dirigido por Fernando Lima.

Cinema de amadores

O Clube Português de Cinema de Amadores vai, uma vez mais, levar a efeito o concurso nacional de filmes da modalidade, com referenência a 1959, e destinado a galardoar os amadores que melhores produções tenham realizado ultimamente. Dos filmes apresentados a concurso, serão ainda seleccionados aqueles que hão-de representar o amadorismo cinematográfico português no concurso internacional a efectuar este ano na Finlandia.

O C. P. C. A., como secção da Sociedade de Propaganda de Portugal, tem as suas instalações na sede deste ultimo organismo, no Largo do Chiado, 12, 2.°.

Coliseu

OS COLOSSOS DE RHODES

Esta noite as super-maravilhas do Mundo, na gigantesca companhia de circo do Coliseu, Chimpanzés «clowns»

Esta noite, grandioso espectáculo de circo no Coliseu. Superfenómenos na pista e no espaço. A ogiva humana. «Troupe» de chimpanzés «clowns». Acrobatas e trapezistas rasgando o ar, em fantásticas audácias aéreas. Duas parelhas de palhaços. O novo Atlas. Os colossos de Rhodes, e muitos outros prodígios inacreditáveis. Quatro horas a ver maravilhas.

«Orfeu», de Gluck, em S. Carlos

Fomos a São Carlos colher, desta vez, uma impressão dominante de descanso, de serenidade, apesar do frémito de tragédia que anima algumas das passagens da representação, sobretudo nos formosos acentos do papel do (ou *da*) protagonista, e que atingem o auge na magistral cena do 1.° quadro do ultimo acto. Estava-nos reservada também a surpresa de ouvir a anunciadora partitura de Gluck na versão francesa, não só pelas figuras solistas, que somam apenas três, mas pelo coro. Finalmente, passados oito anos, depois de um memorável «Orfeu» (que não encheu totalmente São Carlos), tivemos agora para desempenho do protagonista uma notérprete, Rita Gorr que reune um inultrapassável conjunto de qualidades. (E esgotou-se a lotação). Raras vezes vimos o publico assim suspenso, não á espera apenas de um trecho «caro» ou de uma «nota» fenomenal, mas entregue ao desenrolar de uma acção sem enredos. E como é que tanto academismo e tantos lugares comuns do texto francês podem animar-se de uma vida tão empolgante?... Pelo recorte claro dos recitativos e das melodias, pela decantada justeza dos acentos da musica acima de tudo pela exactidão da execução, incluindo a pronuncia e a sonorização, pela riqueza de timbre de voz e sua impecável afinação pelo jogo cénico de um estilo não menos excepcional, pela gradação do desenvolvimento do papel e porque tudo isto está subordinado a uma completa integração no papel. Logo na entrada, bastaram os dois apelos a «Euridice» para encher-nos de confiança no que iria seguir-se; e na grande primeira cena do 3.° acto, entre Orfeu e Euridice. (Theresa Stich Randall, que também canta em bom francês e deu a sua arte cativante ao papel) o estro musical e teatral de Gluck atingiu tal riqueza dramática que quase não acreditamos na possibilidade de não parecer, a seguir, mais pobre, apesar de tão célebre, o célebre trecho a solo «J'ai perdu mon Euridice»; mas não; Rita Gorr tornou-se a unica realidade no teatro, com a qual todos os corações bateram em uníssono.

A direcção de Alexander Krannhals, que não evitou uma certa frouxidão e um sistemático atraso na pontuação da orquestra para acompanhar os recitativos nas cenas anteriores, no referido 3.° acto impôs-se com mais firmeza; e pode dizer-se que o conjunto, em que os coros e as danças têm parte preponderante, foi bastante bom. Para o maestro Pellegrini e seu colaborador Carlo Pasquali, a tarefa não era das mais duras, e mais uma vez as vozes enaiparam com boa qualidade de timbre e a orquestra teve lances vigorosos.

A montagem cénica, com as respectivas lancas, deu a Francis Graça a oportunidade de afirmar o seu desejo de corresponder ás exigências da incumbência. Esmerou-se no primeiro acto, sobretudo, em que a sucessão e o entrelaçamento de figurações teve interesse. Na cena dos Campos Elíseos, também deu bonitas composições de grupo; e com Violette Quenolle, sempre correcta, demonstrou a sua boa forma actual. Sem procurá-la, distinguimos no conjunto Ruth Walden e a sua harmoniosa arte, que entre outros sucessos, fez triunfar, há anos, a «Menina Tonta», de Frederico de Freitas.

(Porque seria que uma bailarina só, no conjunto, se apresentava de meias?). E achamos a luz demasiadamente imolacável; mas os cenários sem nos convencerem por completo, não destoaram. No ultimo quadro da ópera, o afrouxamento geral do estilo do conjunto não bastou para que se desvanecesse a profunda impressão momentos antes criada por Rita Gorr e Theresa Stich Randall, ainda centradas no palco.

Uma referência ainda ao conhecido solo de flauta na cena dos Campos Elíseos; e outro a Lisa Otto pela sua boa vontade no papel de «Amor», que tudo remedeia, tão gentilmente.—FRANCINE BENOIT.

REUNIÕES CIENTIFICAS

Várias comunicações na Sociedade de Dermatologia e Venereologia

No Hospital do Desterro, ontem, á noite, e no Hospital de Santa Maria, esta manhã, realizaram-se duas reuniões da Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Venereologia, ás quais assistiram membros de Lisboa, Porto e Coimbra.

Em ambas as sessões, que decorreram com grande interesse, e foram dirigidas pelo sr. dr. Meneres Sampaio, presidente da Sociedade, apreciaram-se diversos casos clínicos e as comunicações a seguir discriminadas:

Actividade dermatonicológica no Hospital do Rego de 1945 a 1958», da autoria dos srs. prof. dr. Juvenal Esteves, e drs. Norton Brandão, Hermano Neves e J. da Silva Custódio, que apresentaram o balanço de treze anos de actividade na secção de Dermatologia do Hospital Curry Cabral, com os respectivos problemas clínico, profiláctico, pedagógico e científico, multiplicidade de funções deliberadamente orientadas com o objectivo de procurar conseguir acção eficaz num departamento hospitalar especializado no combate á tinha e doenças relacionadas. Os resultados obtidos foram satisfatórios e encorajadores, pelo que os autores da comunicação se propõem intensificar a sua actividade. Neste trabalho acentua-se a frequência das dermatonicoses em todo o País e a necessidade de desenvolver a acção epidémiológica e a educação sanitária da população.

«Mixedema circunscrito», pelos srs. drs. Meneres Sampaio, José Roda e Meneses Ferreira, que descreveram o primeiro caso português da especialidade, associada a hipertiroidismo, focando os principais aspectos clínicos, patológicos e terapêuticos desta doença rara.

«Sindroma de Klippel-Prenaunay e seu tratamento pela roentgenterapia», pelos srs. drs. Martins da Silva e Hermano Neves, que apresentaram o estudo clínico e radiológico de um caso, no qual se salienta a melhoria obtida com a roentgenterapia.

«Bases para acção imediata na luta antivenerea», pelos srs. drs. Aureliano da Fonseca, Norton Brandão, Maciel Chaves e D. Maria Manuela Antunes, que propuseram uma série de disposições destinadas ao combate contra as doenças venéreas, acentuando a necessidade de centralização dos serviços de inquérito epidémiológico e de visitação sanitária, a fim de se estabelecer a ligação e a coordenação dos diferentes departamentos interessados na luta antivenérea.

Todas as comunicações suscitaram larga e proveitosa discussão.

Em ALTER DO CHÃO o «Diario de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos por José Nunes Barros.

Três dezenas de carros alegóricos formarão o "corso" do Carnaval do Estoril

Estão pràticamente supridas as muitas e inesperadas dificuldades que se depararam á comissão organizadora do «corso» do Grande Carnaval do Estoril, a qual, em boa verdade, não pôde contar com a colaboração de empresas e organismos que, de certo modo, a deveriam ter prestado. Muitas diligências se fizeram no sentido de obter essa colaboração, tanto mais que se tratava de uma iniciativa que iria transcender o ambito nacional, para se projectar além-fronteiras.

Em face desta situação, a própria Sociedade Estoril-Sol, superiormente dirigida pelo decidido e arrojado industrial sr. Teodoro dos Santos, lançou mãos á obra e, assim, nos próximos dias 7, 8 e 10, desfilarão, pelo Parque do Estoril, mais de três dezenas de carros alegóricos, artísticos e humorísticos, em que seguirão grupos de lindas e alegres raparigas, prontas a travar renhida «batalha de flores» com a assistência. A animar o «corso» haverá, ainda, uma grande figuração de «gigantes» e «cabeçudos» e a presença gentil de «estrelas» do cinema e celebridades mundiais.

São os seguintes os carros que a Sociedade Estoril-Sol mandou construir: «Miss Universo» e «Satélite», de artistas italianos; «Rei Carnaval», «Rainha da Praia» e «Elefante», de artistas espanhois; «O Peixe do Estoril», de Olavo d'Eça Leal; «Neptuno», de Pedro Leitão; «O circo», de Bélito; «O golfinho», dos irmãos Vilaças; «O Sol», de José Espinho; e «A girafa de fogo», do desconcertante Salvador Dali.

A mesma Sociedade subsidiou os carros que serão apresentados pelo Clube Naval de Cascais, Grupo Dramático e Sportivo de Cascais, jornal «A Nossa Terra», Clube de Caçadores de Cascais, Clube Columbófilo de Cascais, Troupe Caparide e Sociedade de Recreio de Carcavelos.

No «corso» figurarão, também, carros alegóricos mandados construir pela Cidade de Madrid, Camara Municipal de Lisboa, Camara Municipal de Cascais, Junta de Turismo da Costa do Sol, Junta de Turismo da Madeira, Automóvel Clube de Portugal, Sociedade Central de Cervejas, Robiallac, A Confidente, Fábrica de Cartão Canelado UNOR e Oratol (Laboratório «Sidus»).

A TV americana e o Carnaval do Estoril

No avião da P. A. A., chegou hoje a Lisboa a conhecida «estrela» da Broadway, «miss» Jacqueline McKeever, uma das mais populares artistas da Rádio e Televisão americanas, que participará no «show» de Ed Sullivan, organizado pela Peabody, com a colaboração do S. N. I., a apresentar na Columbia Broadcasting. Aquela artista, participará, igualmente, no programa do Carnaval do Estoril.

Alguns minutos mais tarde, também de avião, chegou o próprio Ed Sullivan, que se desloca especialmente a Lisboa para organizar o programa da televisão sobre o Carnaval do Estoril, que será apresentado na Columbia Broadcasting System, para 50 milhões de americanos.

O popular cinegrafista americano juntamente com Robert Precht, que se encontra no nosso País há alguns dias, realizará também um filme com sequências de Vila Franca de Xira e Nazaré, nas quais colaborará a cantora Celeste Rodrigues. Esse filme incluirá, ainda, a cores, os acontecimentos mais notáveis do Carnaval Internacional do Estoril, as principais atracções típicas portuguesas, serenatas de estudantes de Coimbra, aspectos de Lisboa e grandes planos da produção do vinho do Porto, corridas de touros, danças regionais, etc.

Neste filme aparecerão Maurice Chevalier, Jacqueline McKeever, The Ames Brothers, John Gilpin, Mary Ann Burr e «The Sadler's Wells Ballet».

Para os nossos pobres

Para os nossos pobres, recebemos 20 escudos de um anónimo, e 25 escudos de A. C. Em nome dos beneficiados, agradecemos as duas dádivas.

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

No Restelo—a grande dúvida

O Belenenses pode forjar um novo campeonato ao passo que o Benfica se limita a defender aquilo que parece seu

A 19.ª jornada tem no Restelo a grande duvida, o começo de um novo campeonato ou o fim do que está a desenrolar-se. Se o Benfica ganhar reduzidas probabilidades restarão aos «azuis» do Norte e do Sul; se perder, então os «encarnados» deverão acautelar-se por forma a afirmar bem as suas pretensões áquilo que parece ser seu — o título.

Práticamente, o jogo é decisivo — uma espécie de final — e, naturalmente, concita as atenções gerais, dominando até as preocupações que reinam nos espíritos dos ultimos classificados. Nada mais interessa sem que isto menospreze os restantes encontros.

O calendário marca para amanhã os seguintes jogos:

Belenenses-Benfica
F. C. Porto-Caldas
Torriense-Sporting
Lusitano-C. U. F.
V. Setubal-V. Guimarães
Barreirense-Spt. Covilhã
Spt. Braga-Académica

A firme candidatura do grupo belenense

Um considerável somatório de circunstancias pende para o lado dos «azuis». A principal fundamenta-se na imperiosa necessidade de evitar o definitivo afastamento dos «encarnados». O Belenenses precisa da vitória mais do que nunca e é, nessa determinação de espírito, que pisará a fofa relva do Restelo. O facto de não ter perdido ainda no seu campo e ter ali consentido sòmente um golo são também factores dignos de ponderação.

Contra este conjunto de considerandos os «azuis» terão contra si o facto de não apresentarem a sua equipa habitual e de... enfrentarem o Benfica — que se conserva de maneira impressionante no comando da classificação desde a primeira volta. Naturalmente, os benfiquistas pensam também no triunfo e verdade seja reunem condições suficientes para o conquistar.

O jogo, grande no despique e grande na duvida, será um espectáculo emotivo, mas de fracas possibilidades no explendor técnico. Resi-

dirá na eficácia e autoridade de um dos sectores defensivos a «chave» do problema. Se ambos os sectores se equivalem, então dependerá do oportunismo dos avançados a sorte da luta. Neste aspecto, tanto o Benfica como o Belenenses dispõem de homens hábeis e de remate fácil.

Em resumo, afigura-se arriscado dar um vaticínio. As contingências são inumeras. No entanto, a admissibilidade de um empate não constituirá uma fantasia em desafio de poucos golos, mesmo que haja um vencedor.

* * *

Dos restantes jogos, a tarefa mais tranquila cabe ao F. C. Porto sem que, evidentemente, deixe de pensar na «operação Restelo». O Caldas está destinado a fazer o papel de vitima e sê-lo-á, porquanto a potencialidade dos Nortenhos não se inclina para outra hipótese.

Os «azuis» ainda não perderam no seu Estádio. Em oito jogos conseguiram sete vitórias e um empate com o total em golos (19-1). Os «encarnados» só perderam uma vez e empataram quatro nos jogos efectuados «fora» de casa. Golos (18-7).

O Sporting, com novo «team», vai a Torres Vedras e isso equivale a dizer que os locais em situação delicada, tudo tentarão para arrecadar dois pontos que muita falta lhe estão a fazer. Será o Sporting capaz de deter o frenético entusiasmo dos Torresãos? Talvez. Dependerá da inspiração dos seus avançados, capazes de desfeitearem os anseios do adversário.

Em Setubal, desenrola-se um jogo em que os dois antagonistas só têm vantagem em pensar em lances de boa urdidura técnica. Tanto os Vimaranenses como os Setubalenses, práticamente, obtiveram o que desejavam. Enfim, nenhuma tem preocupações especiais. A previsão de um empate ou do triunfo local é de admitir.

No Barreiro já o caso muda de figura. Os Covilhanenses, animados E' com um propósito esclarecedor que interesse ter presente, para que se posam compreender os fepela recuperação que empreenderam, serão obstáculo firme ao Barreirense, o qual necessitará de velocidade no ataque para surpreender a muralha defensiva visitante. Vitória local, pela tangente, ou empate, entram no cálculo das probabilidades.

A Académica vai a Braga. Isto significa que o empate assumirá aspectos emocionantes visto que também os dois adversários precisam do triunfo. Os Bracarenses afiguram-se mais apetrechados para o conseguir, mas os «estudantes» se acertarem na toada atacante talvez obtenham êxito.

O Lusitano é uma das sete equipas na contingência de num curto prazo de tempo ficar na zona perigosa. Decerto, providenciará para beneficiar do facto de jogar no seu campo. Mas a «descontracção» da C. U. F. pode ser uma tremenda aificuldade. A vitória dos Eborenses é de aceitar.

Prováveis formações

BELENENSES — José Pereira; Pires e Moreira; Carlos Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Yauca, Tonho, Matateu e Tito. BENFICA — Costa Pereira; Serra e Angelo; Neto, Artur e Alfredo; Cavém, Coluna, Aguas, Mendes e Hilário. Arbitro: Abel Macedo Pires (Lisboa).

F. C. PORTO — Acursio; Virgílio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Gastão, Noé, Teixeira e Perdigão. CALDAS — Rita; Amaro e Rogério; António Pedro, Pastorinha e

(Continua na 10.ª página)

O «Nacional»
da 3.ª Divisão

O 31 desafio
da 3.ª jornada

Continua amanhã, com os encontros correspondentes á 3.ª jornada, o campeonato nacional da 3.ª Divisão, que movimenta, de Norte a Sul do País, nada menos de 62 clubes.

O programa apresenta-se assim:

ZONA A — 1.ª Série: Bragança-Limianos, Paredes-Régua, Fafe-Mirandela, Murça-Monção.

2.ª Série: Ovarense-Águeda, Leça-Beira Mar, Feirense-Académico, Avintes-Penafiel.

ZONA B — 3.ª Série: Mortágua-Cebolense, Académico de Viseu-Guarda, Castelo Branco-Mangualde, Sernache-Lusitano.

4.ª Série: Alcobaça-Marrazes, Mirense-Naval, União de Coimbra-Recreio, Lausanense-Marialvas.

ZONA C — 5.ª Série: Vilafranquense- «Leões», Tramagal- Torres Novas, Operário-Alhandra, Ferroviários-Vitória.

6.ª Série: Olivais-Cova da Piedade, Luso-Amora, Casa Pia-Futebol Benfica, Seixal-Sesimbra.

ZONA D — 7.ª Série: Elvas-Estrela Portalegre, Campomaiorense-Estrela de Évora, Montemor-S. L. e Évora.

8.ª Série: Aljustrelense-Despertar, Silves-Louletano, S. Domingos-Lusitano, Moura-Sambrazense.

Todos os desafios se realizam ás 15 horas, excepto o Luso-Amora, marcado para as 11 horas.

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

A luta entre lisboetas e algarvios
desenrolar-se-á em três campos

Caminha-se apressadamente para o termo da fase inicial do campeonato nacional da 2.ª Divisão. A jornada de amanhã é já a 22.ª ficando, por vencer, apenas, quatro.

Embora não se conheçam ainda os vencedores das zonas — o avanço dos «guias» é folgado e não pode ser anulado á primeira, nem, mesmo, á segunda derrota que possa ser-lhes infligida — o principal interesse incide de momento, na luta para o terceiro lugar.

Mas, vejamos, o que nos reserva a jornada de amanhã, na zona Norte:

Sanjoanense (20)-Leixões (33)—1-1
Tirsense (21)-Boavista (30)—1-9
Salgueiros (22)-Vila Real (21)—0-1
Chaves (21)-Oliveirense (21)—1-3
Peniche (22)-Gil Vicente (18)—2-2
Marinhense (22)-Vianense (16)—1-2
Portalegrense (5)-Espinho (22)—0-4

Nenhuma das equipas que amanhã joga em casa conseguiu vencer no correspondente encontro da primeira volta E se a Sanjoanense e o Peniche procuram uma rectificação, a tarefa dos restantes é mais difícil, pois apresenta-se-lhes o desejo de desforras.

De uma maneira geral, os desafios afiguram-se susceptíveis de fornecerem lutas equilibradas — portanto de difícil vaticínio. Em relação aos jogos de São João da Madeira e de Santo Tirso, para onde se deslocam, respectivamente, o «guia» e o «subguia» poderá pensar-se que os visitantes levem a melhor, mas não poderá pôr-se de lado a ideia de que os adversários, com as suas pretensões, deixem de oferecer boa réplica.

Nos restantes desafios — á excepção do de Portalegre — o factor «casa» pode ajudar a decidir a contenda. O Portalegrense, apenas, deverá evitar tão severa punição como a da primeira volta.

* * *

Voltemos, agora, a nossa atenção para a zona Sul, cujo programa se apresenta assim:

Olhanense (31)-Atlético (36)—1-3
Arroios (17)-Farense (25)—1-8
Sacavenense (12)-Oriental (21)—1-2
Almada (23)-Coruchense (12)—2-1
Desp. de Beja (12)-Serpa (16)—3-6
Montijo (24)-Juventude (19)—2-0
Estoril (21)-Portimonense (25)—0-0

O jogo de maior expectativa é, sem duvida, o que se realiza em Olhão, entre o «subguia» (o visitado) e o «guia» (o visitante) — ambos em busca de tranquilidade para o resto da prova e, portanto, desejosos de vitória. A perspectiva é a de um encontro ardorosamente disputado que não é o mesmo que bem jogado.

O despique Lisboa-Algarve prolonga-se nos campos de Moscavide e Estoril, com dois jogos de bastante interesse. Mas, de resto, todos os desafios têm motivos de agrado, pela dificuldade de vaticínios quanto aos vencedores para fugir dos ultimos lugares.

PROVAS DA A. F. L.

Quatro torneios
fornecem 30 desafios

Apresenta-se vasto, como aliás sucede normalmente, o programa elaborado para amanhã pela A. F. L. As quatro competições que decorrem aos domingos oferecem os seguintes desafios:

Campeonato distrital da 2.ª Divisão — Castelo-Charneca, no campo da Picheleira; Palmense-Povoense, no campo «José Ramos»; Amoreiras-Fanhões, no campo «Francisco Lázaro» — todos ás 15 horas; Ericeirense-Amadora, na Ericeira; Odivelas-Santa Iria, em Odivelas — ambos ás 15 e 30 horas.

Campeonato distrital da 3.ª Divisão — Série A — Carcavelos-Queluz, em Carcavelos; Belas-Lourel, em Belas; Cacém-Cascalheira, em Cacém; Algés-1.º de Dezembro, em Algés; Linda-a-Velha-Alto da Eira, no Estádio Nacional — todos ás 15 e 30 h. **Série B** — Zambujalense-Povoense, no Zambujal; Malveira-Caneças, na Malveira; Tojal-Castanheira, no Tojal; Loures-Camarate, em Loures; Ponte de Frielas-Bucelense, em Ponte de Frielas; Pinheiro de Loures-Vialonga, em Pinheiro de Loures — todos ás 15 e 30 horas.

Campeonato de Juniores da 1.ª Divisão — fase final — Série A — Benfica-Olivais, na Luz; Oriental-Algés, no campo «Eng. Carlos Salema» — ambos ás 10 e 30 h. **Série B** — Belenenses-Atlético, no Restelo, ás 9 e 30 h.; Sporting-Torriense, em Alvalade, ás 10 e 30 h.

Camp. de Juniores da 2.ª Divisão — Série A — Carcavelos-U. Algés, em Carcavelos; Vitória-Londa-a-Velha, na Picheleira; Operário-Santa Catarina, em Chelas — todos ás 10 e 30 h. **Série B** — Amoreiras-Queluz, em «Pina Manique», ás 10 h.; Fut. Benfica-Sintrense, no campo «F. Lázaro», ás 10 e 30 h.; Amadora-Casa Pia, na Amadora, ás 11 h.; Rio de Janeiro-Sporting, em Palma, ás 11 e 15 horas. **Série C** — Santa Iria-Sacavenense, em Santa Iria; Camarate-Alverca, em Camarate — ambos ás 10 e 30 h.; Desp. Olivais-Oriental, em Moscavide, ás 11 horas.

GINÁSTICA

A preparação das equipas nacionais
para o Portugal-Espanha

No princípio de Fevereiro deverão ser convocados os prováveis representantes portugueses para sessões de preparação especial com vista aos encontros com a Espanha, que, como já informámos, se realizam em 16 e 17 de Maio, em Lisboa, no Pavilhão dos Desportos, e 6 e 7 de Junho, em Madrid, segundo a proposta da Federação Portuguesa, amávelmente aceite, sem quaisquer reservas, pela sua congénere espanhola.

Os ginastas designados treinarão conjuntamente aos sábados e domingos, servindo de provas decisivas de selecção os torneios especiais de 1.ª e 2.ª categorias, a realizar em 20, 21, 23 e 24 de Abril e em 8 e 9 de Maio.

E' bastante provável que sejam nomeados preparadores das equipas nacionais, masculina e feminina, respectivamente, os srs. profs. Anti Tarkiainen, finlandês, do Ginásio Clube Português, e Josef Sammer, alemão, do Lisboa Ginásio.

O calendário definitivo da Federação

Em face da perspectiva de diversas organizações de carácter nacional e internacional, a Federação Portuguesa de Ginástica introduziu algumas alterações ao calendário oficial de provas já divulgado.

O programa definitivo passou a ser o seguinte:

Abril — 3 e 4, torneio nacional masculino de iniciados; 6 e 7, torneio nacional feminino de iniciados; 11 e 12, torneio nacional masculino de 3.ª categoria; 14 e 15, torneio nacional feminino, de 3.ª; 20 e 21, torneios especiais, masculino e feminino, de 2.ª categoria; 23 e 24, torneios especiais, masculino e feminino, de 1.ª categoria.

Alegando dificuldades de preparação dos atletas para os encontros com a Espanha, os Campeonatos da Europa e, até, os Jogos Olímpicos, o organismo federativo resolveu não fazer disputar esta época os campeonatos nacionais de 1.ª e 2.ª categorias, dos dois sexos, substituindo-os pelos torneios especiais acima referidos, apenas com a execução de exercícios facultativos. A F. P. G. pretende que os nossos melhores praticantes principiem, desde já, a treinar os esquemas obrigatórios para os Jogos Olímpicos de 1960.

O Sport do Porto promove amanhã um festival

Com a finalidade de expansão, o Sport Clube do Porto promove amanhã, ás 16 horas, no seu ginásio-sede, um festival em que colaborarão as classes infantil-mista de educativa, do prof. Eugénio Carvalheira, e de ginástica desportiva, masculina e feminina, do treinador Araujo Leite.

ATLETISMO

MANUEL FARIA
partiu esta manhã para a Bélgica

O campeão nacional de fundo, Manuel Faria, partiu esta manhã para a Bélgica, onde vai participar no importante «cross» de Hannut.

A competição, na distancia de 9.800 metros, é, por assim dizer, uma corrida-ensaio para o «Cross» das Nações», pois a ela concorrem os melhores especialistas da Europa, atletas que nos seus países possuem títulos nacionais.

Antes de partir, Manuel Faria disse-nos estar esperançado em alcançar uma boa classificação, não obstante ir defrontar adversários de grande valor técnico. Regressado de S. Sebastian, intensificou a sua preparação e ainda ontem treinou até cerca das 10 horas. A terminar, informou-nos de que brevemente terá que se deslocar á Alemanha para receber directrizes com vista ao seu treinamento para o «Cross das Nações».

HOJE, À NOITE

ANIVERSÁRIO—O Clube Naval de Lisboa comemora o seu 67.º aniversário com um jantar de confraternização, ás 20 e 30 horas, no restaurante do Hotel Mundial.

BADMINTON—Ás 21 horas, prossegue o campeonato da 1.ª Divisão com os encontros Sporting-Triangulo e Benfica-Técnico, no ginásio da Escola Nuno Gonçalves, e Lisboa Ginásio-Direito, no do Liceu Gil Vicente.

BASQUETEBOL — Continua o campeonato nacional. No Pavilhão dos Desportos, a partir das 21 e 30 horas, Benfica-Nacional e Sporting-Belenenses. No Barreiro, ás 21 horas, Luso-Montijo. No Porto: Vasco da Gama-Sangalhos; em Coimbra: Académica-F. C. Porto e em Aveiro: Galitos-Boavista. Estes ás 22 horas.

Uma esquadra da "Home-Fleet" visitará em Fevereiro o Funchal e Lisboa

«Sir» W. Davis

Uma esquadra da Marinha de Guerra inglesa constituida por unidades da «Homme-Fleet», sob o comando do almirante «sir» Williams Davis, que simultaneamente desempenha as funções de comandante da área Oriental do Atlantico, estará em águas portuguesas no próximo mês, para efectuar duas visitas não oficiais. Esta força é constituida pelas seguintes unidades: lança-minas «Appollo», no qual anda embarcado normalmente o almirante Davis, e em cujo mastro principal está desfraldado o seu distintivo; os contratorpedeiros «Tyne», «Solebay», «Lagos» e «Hoque»; e os submarinos «Talente», «Tireless» e «Thermopylal»; e, ainda, o navio de reabastecimento «R. T. A. Tidereach».

A primeira visita será ao Funchal, onde a esquadra estará de 18 a 23 de Fevereiro, vindo depois para o Tejo, onde a sua chegada está prevista para o dia 25.

Nesta esquadra viaja também o chefe do Estado-Maior da «Homme-Fleet», sr. contra-almirante H. C. D. Maaclear.

A guarnição total da esquadra, que permanecerá sete dias no Tejo, é de cerca de 160 oficiais e 1.828 sargentos e praças.

Visita de um navio-apoio de hidroaviões americano

E' aguardado, no próximo dia 7 de Fevereiro, no Tejo, o navio-apoio de hidro-aviões «Valcour», da Marinha de Guerra dos Estados Unidos da América do Norte, que vem ao porto de Lisboa, em viagem operacional. Comanda aquele navio o capitão-de-mar-e-guerra T. F. Caldwer Junior. Foi nomeado oficial de ligação o primeiro-tenente Coutinho Lanhoso.

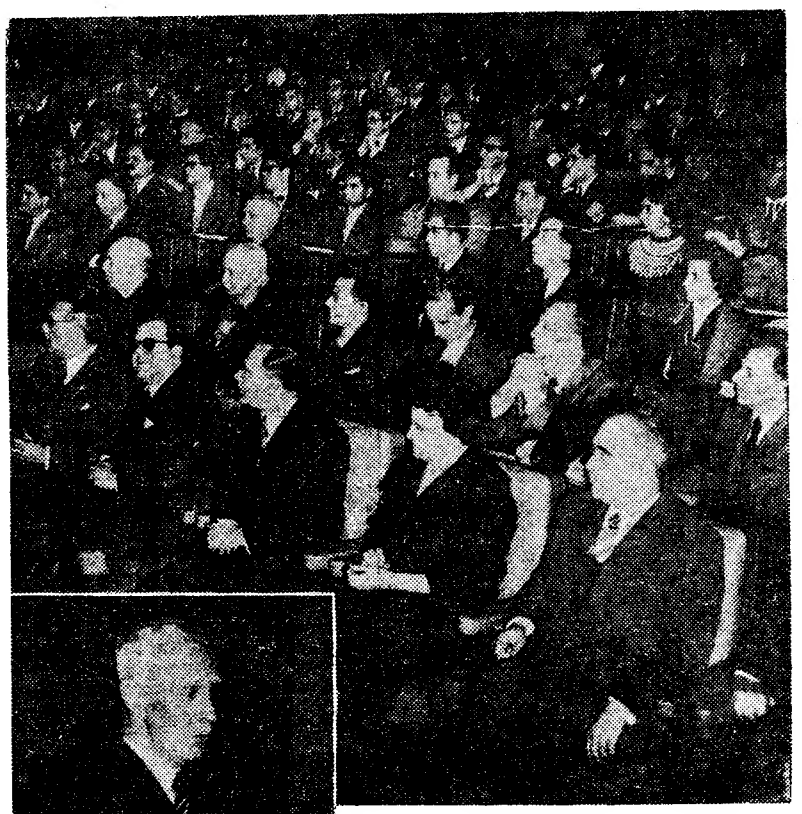
O dr. Mário Madeira regressou hoje a Lisboa

Regressou, esta tarde, a Lisboa, por via aérea, acompanhado de sua esposa, o sr. dr. Mário Madeira, que exerceu até há pouco o cargo de governador civil de Lisboa.

No aeroporto, estiveram a apresentar-lhe cumprimentos o secretário-geral e funcionários superiores do Governo Civil de Lisboa, presidentes de Camaras Municipais, directores do Automóvel Clube de Portugal, o presidente do Grémio da Imprensa Diária, etc. Várias crianças de asilos ofereceram ramos de flores á esposa do dr. Mário Madeira.

Boas Alvissaras

Binóculo madrepérola, grande valor estimativo, deixado taxi. Levou casal da Praça de S. Paulo a S. Carlos, ontem pelas 21 horas. Telefone 24318.



O prof. dr. José Gabriel Pinto Coelho e a assistência á sua lição de hoje

Voltou hoje à sua catedra de Direito Comercial o prof. J. G. Pinto Coelho para falar sobre marcas

O prof. dr. José Gabriel Pinto Coelho, mestre jubilado da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, que, durante largos anos, foi o titular da cadeira de Direito Comercial e desempenhou as funções de reitor da Universidade Clássica, voltou esta manhã a ocupar uma cátedra naquele estabelecimento de ensino superior, para proferir uma lição sobre «Protecção da marca notória e da marca de reputação excepcional».

Á lição assistiram entre outros, os professores Galvão Teles, director da Faculdade, Raul Ventura, Emigdio da Silva, Pinto Coelho, Costa Leite (Lumbrales), Vitorino Nemésio, Paulo Cunha, além de numerosos alunos.

O prof. Fernando Olavo, que rege a cadeira de Direito Comercial, na qual está integrada esta lição, apresentou o prof. José Gabriel Pinto Coelho, referindo a sua acção como mestre e a sua obra de estudioso, afirmando ter muita honra em ser seu discipulo.

Depois, o prof. José Gabriel Pinto Coelho proferiu a sua lição, com esta ordem de tópicos — protecção de «marca notória» e da marca de «reputação excepcional» na Conferência Diplomática de Lisboa sobre a propriedade industrial; espírito e fundamento dos preceitos referentes á protecção da marca de reputação excepcional; o problema dos limites e amplitude desta protecção; a proposta italo-americana votada na Conferência de Lisboa; a oposição irredutível da Jugoslávia e da Áustria, impedem o triunfo do principio na Conferência de Lisboa; termos em que entendemos dever consagrar-se a protecção da marca de reputação excepcional.

O prof. José Gabriel Pinto Coelho foi muito aplaudido.

Castigo original...

VIANA DO CASTELO, 31 — Esta aconteceu. Não interessa citar nomes nem lugar...

Quando um proprietário recolhia a casa, após ter assistido, no café vizinho, a um programa de televisão, deparou determinado indivíduo «empoleirado» numa das suas laranjeiras, o qual procedia á colheita dos saborosos frutos para dentro de um saco.

Serenamente, esperou que o «pássaro» descesse da árvore e apanhou-o com destreza e decisão. Não houve alarido, nem discussão, nem a intervenção da Polícia foi necessária: o proprietário obrigou o meliante surpreendido a carregar com o saco até ao café, onde o apresentou á assistência, que riu fartamente com a peripécia...

Craveiro Lopes recebeu hoje em Lourenço Marques o bastão de marechal

LOURENÇO MARQUES, 31 — Milhares de pessoas assistiram esta tarde á entrega solene do bastão oferecido pela população de Moçambique ao marechal Craveiro Lopes. A cerimónia efectuou-se no salão nobre do Município desta cidade.

O governador-geral da província, comandante Correia de Barros, entregou oficialmente o bastão. A seu lado encontrava-se o presidente da Camara Municipal de Lourenço Marques, que simbolizava a presença de todos os municípios moçambicanos.

No momento da entrega do bastão, a assistência, que enchia o vasto salão, os corredores, a escadaria do edifício, a grande praça e as janelas dos prédios fronteiros, saudou com vibrantes vivas o marechal Craveiro Lopes. — (L.).

De «crista» ou assim se faz na Escola Hoteleira

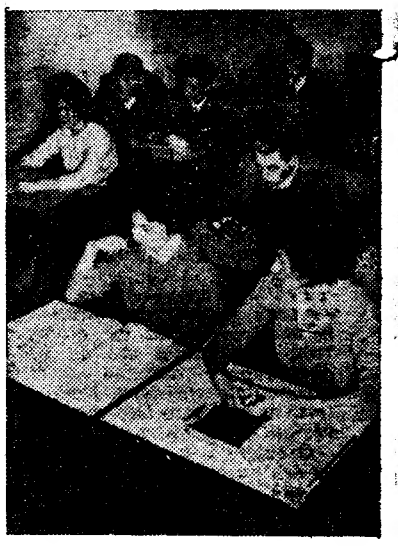
—Um «roats-beef» bem sangrento!

—Menina, ás quatro horas, quero a casaca e todos os complementos de «toilette» em ordem!

—«Crepes» Suzette, para o almoço!

—Este «consomé» está frio, ora bolas!

Um sorriso, um gesto discreto de compreensão e aquiescência. Nada



Trata-se de vitaminas, da lição de inglês, de aritmética, legislação, caligrafia e dactilografia, turismo e geografia turística ou de tecnologia das mercadorias? De qualquer modo, pela expressão dos alunos, a lição não deve ser fácil...

de justificações! O cliente tem sempre razão. Paga bem e não quer ser mal servido. Que tudo corra como se os homens fossem máquinas, tocadas por uma varinha de condão.

O império do ouro exige dos homens seres diligentes—não servis—conscientes das suas responsabilidades e da importancia do seu papel. São parafusos do turismo? Talvez. Por isso mesmo, deles depende o seu equilibrio, quer dizer, o progresso da industria hoteleira.

O ministro das Corporações apontou a necessidade de avivar o ritmo da celebração de novos contratos de trabalho

(Continuação da 1.ª página)

da Silva e Manuel José Gois. Assistiram ao acto, funcionários superiores do Ministério das Corporações e Previdência Social e dirigentes das Uniões de Grémios de Lojistas e do Comércio.

Usaram da palavra os srs. Manuel José Gois, Adolfo Santos da Cunha e o dr. Veiga de Macedo.

O primeiro orador agradeceu ao ministro a aprovação dos estatutos das cinco novas federações e a sua designação e a dos seus colegas para dirigir, de inicio, os novos organismos, e vaticinou que «melhores deverão surgir para as justas aspirações do comércio português com a criação destes organismos de grau secundário». Mas é na Corporação do Comércio — acentuou — «que se põem as melhores esperanças».

A concluir, afirmou a preocupação de todos, de não desmerecer da confiança que o ministro neles depositava.

O sr. Adolfo Santos da Cunha disse que o facto de aquele acto se realizar no gabinete do dr. Veiga de Macedo, tinha significado muito especial e era sobretudo um estimulo. Afirmou a sua fé na revolução corporativa e acrescentou que continuaria a bater-se pelo ideal corporativo com o entusiasmo da primeira hora.

Por fim, falou o ministro. O dr. Veiga de Macedo salientou o significado do desejo manifestado pelos comerciantes, de receber no seu gabinete de trabalho os alvarás, e agradeceu as saudações dirigidas ao ministro e ao Governo. Prosseguindo, o ministro revelou que, no próximo mês, as actividades industriais e comerciais poderiam já indicar os seus representantes nos conselhos das Corporações da Industria e do Comércio. Assim, continuou, estas duas novas corporações poderão principiar também em breve o seu funcionamento, o que «constituirá facto relevante na evolução do sistema corporativo português e na história da representação colectiva de tão importantes actividades nacionais».

O dr. Veiga de Macedo formulou ainda votos por que as restantes Federações de Grémios do Comércio se formassem com brevidade, dado que as diligências dos interessados se encontravam já no seu termo.

A terminar o seu breve discurso, o ministro chamou a atenção dos dirigentes gremiais para a situação em que se encontram várias categorias profissionais do comércio e manifestou o seu empenho em que a política de celebração de contratos colectivos fosse executada em ritmo mais vivo, unico meio de se fazer justiça social a quem dela carece e de dar realização efectiva aos principios de solidariedade e de aproximação de classes que estão na base da doutrina corporativa — acentuou.

Depois, houve uma reunião de trabalho, em que foram tratados diversos assuntos de interesse para as actividades do comércio. Mereceu particular atenção o estudo do projecto de despacho destinado a definir a forma por que os organismos corporativos hão-de designar os seus representantes na Corporação do Comércio.

Visita ministerial às obras em curso no concelho de Guimarães

GUIMARÃES, 31 (Pelo telefone) — O eng.º Arantes e Oliveira iniciou hoje, a meio da manhã, a sua visita ao concelho de Guimarães. Aquele membro do Governo era acompanhado pelos eng.os Gomes da Silva, director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais; Sá e Melo, director-geral de Urbanização; e Duarte do Amaral.

As visitas iniciaram-se em Vizela, cerca das 10 e 30, e prosseguiram uma hora depois nas Caldas das Taipas. Seguidamente, em Pevidães, o eng.º Arantes e Oliveira, trocou impressões com alguns engenheiros, técnicos camarários e presidentes das Juntas de Turismo de Vizela, Taipas e Penha. Na parte da tarde, após o almoço, o ministro percorrerá as várias obras em curso nesta cidade, tais como os edifícios da nova escola técnica e do novo liceu, palácio da justiça, edifício da Caixa Geral de Depósitos, obras do estádio, da central de camionagem e da rodovia de Covas. Visitará, ainda, o palácio ducal, onde prosseguem os trabalhos de decoração.

O eng.º Arantes e Oliveira continuará amanhã as suas visitas, devendo retirar-se depois de um almoço que a Camara lhe oferece e uma visita á Estação Arqueológica da Citania de Briteiros.

JARDIM CINEMA
SALÃO DE FESTAS MONUMENTAL — Tel. 681117
Apresentará *O MAIS DIVERTIDO CARNAVAL DE LISBOA* com DESLUMBRANTES *BAILES* e um SENSACIONAL PROGRAMA DE *VARIEDADES*.
Os bilhetes já se encontram á venda.
(Para maiores de 15 anos)

... ou boné de cozinheiro

...se fazem «técnicos» ...leira de Lisboa

...ngren- ...quero ...nentos ...almo- ...o, ora ...eto de ... Nada

Ora, havia-se dito e era verdade, que os hoteis são cada vez mais — ainda não tantos, quantos seriam de desejar — e que o pessoal não era tanto nem o renovavel tão bom, quanto se precisava. Depois, administrar uma empresa, atender clientes de gostos ás vezes tão esquisitos quanto respeitáveis, não era função de muitos que já exercem a sua profissão e muito menos de outros que a ela iam chegando.

— Precisamos de uma escola para preparar técnicos da industria hoteleira!

Muitos dirigentes corporativos e outros simplesmente ligados a empresas reclamavam-na. Mas foi preciso mandar ao estrangeiro uma missão e uma comissão para que, vendo o que se fazia lá fora, fosse possível superá-lo.

E assim se fizeram estatutos e regulamentos e assim se alugou um andar amplo na Avenida António Augusto de Aguiar: sala de mesa, cozinha, recepção, «bar», copa...

— Faltam-nos instalações para adestrar pessoal de quartos. Mas, com o tempo, virão.

Entretanto, os alunos da Escola Hoteleira vão aprendendo a lidar com os futuros clientes, no nosso idioma, em francês ou inglês, através dos serviços de mesa, ao balcão da recepção ou do «bar», nos livros de escrituração, no escritório da gerência.

A' cabeça do novo estabelecimento, está o sr. Gil de Almeida, um dos nomes que superintende nas nossas organizações hoteleiras, e o arquitecto Jácome da Costa, que se encarregou da sua instalação: prática, funcional, moderna e cómoda.

E aí a temos, a funcionar, todos os dias, das 9 ás 12 horas e depois até ás 5 da tarde, ás aulas práticas e teóricas da escola hoteleira. E, se é verdade que o «primum vivere» reclama cuidados especiais na cozinha, não o é menos que o serviço de mesa não exige menores apti-

(Continua na 13.ª página)

Colocar o prato da sopa diante do cliente não é tão fácil como pode supor-se. Aliás, as posições dos alunos trocar-se-ão depois do almoço, pois, os que estão agora a ser servidos são os que daqui a pouco os irão servir...

A louça lava-se pelos processos mais modernos, porque este pessoal prepara-se para trabalhar nos mais modernos hoteis

Cuidado, não deixe cair a massa dos biscoitos, para que fiquem bem redondos! — diz o mestre pasteleiro á sua aluna

Inaugurou-se esta manhã o refeitório da Escola Industrial e Comercial de Almada

ALMADA, 31 — A Escola Industrial e Comercial desta vila — importante melhoramento cuja efectivação veio corresponder a uma antiga aspiração da população do concelho, e cuja utilidade está sobejamente demonstrada pela frequência de 1.567 alunos de ambos os sexos — conta, desde hoje, com um amplo e excelente refeitório, no seu edifício próprio, na Rua Luís de Queirós.

De manhã, houve uma visita ás suas instalações, por parte do presidente da Camara Municipal, dr. Aquiles Monteverde, das outras autoridades, de representantes das principais actividades concelhias e de jornalistas, que foram recebidos e acompanhados pelo director daquele estabelecimento de ensino, dr. Orlando Alves Pinto Baptista.

Seguiu-se o almoço inaugural do refeitório.

Homenagem do pessoal do S. N. I. ao secretário nacional pelo primeiro aniversário da sua posse

Faz amanhã um ano que o sr. dr. Cesar Moreira Baptista tomou posse do cargo de secretário-nacional da Informação. Por esse motivos, os funcionários superiores do S. N. I. apresentaram-lhe cumprimentos esta manhã, numa cerimónia a que se associaram o presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas, sr. João Coito; os representantes das Companhias de Teatro subsidiado pelo S. N. I.; a Rádio Televisão Portuguesa; e membros dos Conselhos de Teatro, Cinema e Turismo, assim como representantes dos diversos Grémios de Espectáculos.

O dr. Tavares de Almeida saudou, em nome de todos, o dr. César Moreira Baptista, a quem louvou pelo dinamismo e segurança da sua acção. A seguir, o secretário nacional da Informação agradeceu, afirmando que a sua preocupação fundamental é que o organismo que dirige actue cada vez melhor e que sempre o faça depressa. Só assim — declarou — se poderá inteiramente servir os objectivos que determinaram a criação do S. N. I. Referiu-se ás dificuldades da missão de que está incumbido, pela variedade e sensibilidade das tarefas a seu cargo, e concluiu afirmando que a missão do S. N. I. será tanto melhor executada quanto mais vivo for o empenho de todos os que a ela diariamente consagram os seus esforços.

*

A efeméride não interessa apenas aos funcionários que servem sob as suas ordens ou aos organismos que dele dependem. A Imprensa, que deve ao sr. dr. Moreira Baptista atenções cativantes e provas inequivocas de apreço, não pode deixar de se associar gostosamente aos cumprimentos que hoje foram apresentados pelo pessoal do S. N. I. e por outras entidades ao sr. secretário-nacional da Informação. A sua obra á frente daquele organismo do Estado tem sido, pelo que diz respeito ao exercício da nossa profissão, altamente louvável e profícua. O sr. dr. Moreira Baptista tem dado á Imprensa provas de consideração pelas quais temos de nos confessar gratos, procurando facilitar a sua missão na medida em que lhe é permitido fazê-lo. Por esse motivo, nos associamos de bom grado aos cumprimentos que hoje lhe foram dirigidos ao completar um ano de exercício das suas altas funções.

Valorização económica dos produtos florestais

A luta contra as pragas e epifitias, no plano de valorização económica dos produtos florestais, vai este ano visar, além dos tratamentos contra o «burgo» e outras pragas em montados de azinho e sobro, o combate á «processionária dos pinheiros» e a luta contra a «doença da tinta» dos castanheiros. As áreas prováveis a tratar serão de 60.000 ha.

Nas zonas a tratar, em conformidade com este programa, só cabe ao proprietário o pagamento do insecticida.

Prosseguir-se-á com o tratamento preventivo e, em certos casos, curativo da doença da tinta dos castanheiros, prevendo-se que, nesta campanha, se tratem 50.000 castanheiros produtores de fruto.

O temoo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇAO GERAL A'S 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco, o céu estava pouco nublado a Norte do Tejo, e muito nublado a Sul do mesmo rio, por acção de uma massa de ar transportada na circulação conjunta de uma depressão centrada a Sul do Algarve e de um anticiclone centrado sobre as Ilhas Britanicas.

Temperaturas ás 9 horas: Penhas Douradas, 3°; Porto e Coimbra, 8°; Portalegre, 9°; Lisboa, 10°; Faro, 11° e Funchal, 13°.

PREVISAO ATÉ A'S 24 HORAS DE AMANHÃ — Ceu pouco nublado, tornando-se gradualmente muito nublado. Vento moderado de Sueste. Aguaceiros durante o dia de hoje e períodos de chuva durante o dia de amanhã.

EM 3 LINHAS

Convidado pelo respectivo director-geral, dr. G. M. Gandau, foi nomeado membro do Quadro de Peritos da Organização Mundial de Saude o sr. dr. Alexandre Sarmento, director do Serviço de Análises Clínicas do Hospital do Ultramar.

///

Para construir um resguardo de cruzamento, entre a Ribeira e Galamares, a Sintra-Atlantico obteve a expropriação de um terreno da propriedade do Almagre, na Ponte Redonda.

///

O sr. Alexandre Vasconcelos de Bettencourt Mimoso de França foi nomeado tesoureiro-principal do quadro privativo da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

///

O capitão-de-mar-e-guerra-médico António Guilherme Fronteira e Silva foi nomeado presidente da Junta de Saude Naval.

///

Foi nomeado comandante do aviso de 1.ª classe «Afonso de Albuquerque» o capitão-de-mar-e-guerra António de Andrade e Silva.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 17°,1; mínima, 9°,5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 14°,9; mínima, 7°,5.

— Temperaturas observadas ás 9 horas na Costa do Sol: na atmosfera, 12°,3; na água do mar, 14°.

O CARNAVAL MAIS ALEGRE DO ANO
será o do "BARRETE VERDE" em Benavente
O MAIS LUXUOSO E TÍPICO RESTAURANTE DO RIBATEJO
RANCHOS FOLCLÓRICOS: TÍPICO BARRETE VERDE E OS PESCADORES DE ESCAROPIM, CANTARES REGIONAIS, FANDANGO, ACORDEONS, 2 CONJUNTOS MUSICAIS, ATRACÇÕES, Etc. — Ementas regionais, almoços, jantares, ceias e chás dançantes
DIA 7 — SÁBADO — CEIA — PARTIDA ÀS 21 HORAS
DIA 8 — DOMINGO — ALMOÇO — PARTIDA ÀS 11,30 HORAS
DIA 9 — 2.ª FEIRA — JANTAR — PARTIDA ÀS 20 HORAS
DIA 10 — 3.ª FEIRA — ALMOÇO — PARTIDA ÀS 11,30 HORAS
PREÇO ÚNICO — ESC. 100$00
INCLUINDO O TRANSPORTE NUM MAGNIFICO AUTOCARRO
PROGRAMAS, INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES NA
AGÊNCIA DE VIAGENS RODARTE
EXCURSÕES EM PORTUGAL E PARA O ESTRANGEIRO
RUA DA PALMA, 159-A — LISBOA — TELEFONE 861214

PASTA MEDICINAL Couto TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Agente
Precisa-se para fios e tecidos para a cidade de Lisboa. Resposta a este jornal ao n.º 281.

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE — FABRICO PRÓPRIO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Tel. 24564

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU!
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

JÓQUEI CAMISEIROS
RUA NOVA DO ALMADA, 60
COMEÇA NA SEGUNDA-FEIRA
A QUINZENA PUBLICITÁRIA DO
PREÇO ÚNICO
ENTRE, ESCOLHA E COMPRE POR
50 ESCUDOS
QUALQUER PEÇA OU LOTE QUE ENCONTRAR
IMPERMEAVEIS DE PLASTICO, CAMISAS, PIJAMAS, MALHAS INTERIORES E EXTERIORES, ETC., ETC., ETC.

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

los métodos de observação do organismo propostos por Roentgen. Vive-se na euforia da última metade do século XIX, época em que a psiquiatria vislumbra novos horizontes e se emancipa dos métodos empíricos, num fluir rico e variado, alastrando e fixando-se nos vários compartimentos do saber humano.

A patologia actual, ciosa de conhecimentos, fixou e reteve os dados fornecidos pela técnica, desejosa, cada vez mais, de penetrar na enigmática cidadela do ser vivo e de acudir, ao mesmo tempo, á doença e ao enfermo.

O pensamento etiológico divorcia-se da abominável «causa única», fornecida pela bacteriologia (seria Pasteur um crente ou um fanático?), reforçando a esboçada ideia da «constelação etiológica», num desejo de ultrapassar e fixar-se mais longe: reacção total do organismo, reacção de defesa a causas múltiplas, incluindo as não patológicas.

Delineou-se, então, novo conceito de enfermidade («disreacção»), estabelecendo-se, á face do sentido unitário, uma conexão de funções, uma interacção de órgãos, aparelhos e sistemas.

A patologia essencialmente analítica entrou em decadência, obrigada a despir-se de erradas noções, erguidas sobre mozaicos desirmanados, órgãos e funções.

Peláez Redondo, rolando á volta dos actuais aspectos da medicina (novas tendências: outros rumos) credita Krehl (1922) com a tentativa de conciliação: a da concepção total.

A ideia, contudo, não era absolutamente nova. Outros, considerados ousados em suas afirmações, tinham declarado (primo) e procurado demonstrar que o homem, estranho ser feito á semelhança de Deus, era um todo, a unidade essencial, pelo que o seu corpo consistia num único órgão, a vida uma única função.

Roger, porta-bandeira da revolta contra as «bandeiras encharcadas de barroco», proclamara ser impossível exigir á morte (anatomia patológica) o segredo e a explicação da vida e que a fisiologia do minúsculo animal de laboratório, desprovido de psiquismo, era diferente, totalmente diferente da fisiologia humana (a vida é mais alguma coisa do que uma reserva de caça ou um vasto jardim zoológico!).

Que procurava Roger sustentar em sua ousada afirmação e, por outro lado, Pierre Delore, colocando os micróbios no seu lugar e chamando a atenção para o terreno? Demonstrar que, em muitos casos, a doença pouco mais é do que o desvio do processo fisiológico natural. Que pena que esta verdade nem sempre se encontre presente no cérebro anquilosado de alguns observadores!

Deve existir um sentido integrador na patologia (Iracy Doyle) que facilite a presença e compreensão dos factores psíquicos («Introdução á Medicina Psicológica»), ampliando-a, gerando a psicossomática (Weizsaecker e Siebeck), isto é, actualizando-a e humanizando-a. Tudo se conjugou para a estruturação de uma nova corrente, a antropológica, que, fixando mais a vida do que a morte, dá sentido ao conceito de patologia.

Assim, acentua Redondo, a linha esboçada por Morgagni e tracejada por Virchow, não se apagou com o tempo. Foi continuada pela patologia actual; servida pela técnica, dilatada pelos vastos conhecimentos da morfologia, da bioquímica e da histologia electrónica (vid. os recentes trabalhos do professor norte-americano Bruno Kisch, alguns deles publicados na revista «Imprensa Médica», de Lisboa).

Não existem limites — conveniente e útil é acentuar — entre a etiologia, a função e a lesão, entre o órgão amortecido ou diminuido pela enfermidade e o próprio homem doente.

A crise da dermatologia, por exemplo, deve-se ao facto de não se ter admitido (Hebra), durante muito tempo, que a erupção cutânea representa o supremo esforço do organismo para se libertar dos agentes nocivos, tóxicos e parasitários. Se excluirmos as dermatites profissionais e as medicamentosas, a alergia mais do quadro geral do que da especialidade, que fica de tão apregoada especialidade?

Uma patologia especial, em contraposição com a geral, engloba as diferentes afecções dos órgãos, aparelhos e sistemas. Esta não se opõe á geral, á teoria unitária da enfermidade.

A especial, mercê do agigantado avanço da ciência médica, e bem assim das subtilezas da arte e da técnica, arrastou á especialização. Errado é pensar que existem várias patologias. Criaram-se especialidades de acordo com a arrumação técnica e terapêutica, harmónicas e não antagónicas da patologia geral.

Em que consiste então a patologia médica? Fácil é discernir: tudo o que sobra da patologia especial, depois de cada especialidade (são cada dia mais reduzidas) ter levado seu quinhão. Em prejuizo da própria medicina e do doente? Não.

A visão tem de ser mais vasta e muito mais amplo o campo de argumentação. Não se trata de dispersão, nem de erguer tantas patologias quantos os teorizadores, os que defendem e aceitam, com sentido parco de exclusividade, patologias diferentes: molecular, constitucional, funcional, de permeabilidade e a psicossomática.

Na sinalização moderna deveria escrever-se: não confundir aspectos parciais com a patologia especial ou geral.

Ninguém hoje duvida de que existem doenças orgânicas geradas por uma vida emocional transviada da normalidade ou que a célula e o órgão, todos os órgãos, possam ser afectados por vivências prementes.

A patologia geral, em seu devir ecuménico, pode assim dar sentido a todas as reacções, enquadrar valores díspares, enfim, explicar o conceito integral de doença.

Os defensores da patologia psicossomática, entre os quais se encontram os modernos psicólogos e psiquiatras, afirmam que um único acidente, ocorrido na infância, é capaz de determinar o destino de um indivíduo (Selling), isto é, a vida, sempre a vida obedecendo a um feitio repetitivo e uniforme. É no pequeno mundo da criança que se moldam e cristalizam as atitudes psicológicas, exibidas vida fora, marcadas e vinculadas pelo microcosmo familiar.

Já em 1790 se pensava assim, quando Cullan procurou desmembrar a psiquiatria, imaginando-a fora da medicina geral.

A medicina de hoje, em virtude da corporização do social, de importância máxima, procura, acima de tudo, que o homem vença a epidemia e a afecção, de modo que só tombe devido a choque violento ou ao peso da idade.

A missão do médico, numa sociedade adulta, adivinha-se em todos os ramos da actividade e do saber.

Em determinados sectores, a medicina preventiva (Sigerist) passou a ser mais importante do que a individual, isto é, o colectivo sobrepõe-se ao singular. Muitos mais do que um, é a nova divisa.

Então, terá a medicina falhado? Para onde vai a medicina? Quem interrompeu o colóquio médico-doente? Será esta a missão do médico: não curar e não deixar morrer?

Que abismo existe entre o colectivo e o singular? Duas pinceladas rápidas sobre este doloroso aspecto do problema.

Este divórcio, porém, é aparente. As grandes medidas preventivas não impedem ou proíbem o diálogo médico-doente. É certo que muitos enfermos, vítimas da afecção e do elevado preço de alguns medicamentos (as drogas milagrosas) reclamam contra a injustiça e exigem que fundações particulares ou o Estado os amparem na inevitável queda.

É indubitável que a medicina e a patologia atravessam uma crise de renovação. Compete aos médicos, contudo, debruçando-se sobre o colectivo e o singular, amparar e minorar o sofrimento do indivíduo, do homem — único capital insubstituível...

A. d'E.

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
98, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

DINHEIRO
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.as HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

EM LUGAR
de comprar já feitas as tintas de água (plásticas) de que necessite, para interior ou exterior, compre «DEKOROL» e prepare-as a seu gosto. Economizará pelo menos 50 %.
Informa o representante exclusivo: R. QUEIROZ — Rua Rodrigues Sampaio, 55, 1.º — LISBOA — Telefone 5 00 36.
"DEKOROL" WFF

DESPORTOS

(Continuação da 7.ª página)

Orlando; Garnacho, Anacleto, Janita, Mateus e Lenine. Arbitro: Carlos Duarte (Coimbra).

TORRIENSE — Montero; Mergulho e António Costa; Vítor, António Manuel e Forneri; Mário, José da Costa, Bezerra, Azevedo e Isidro. SPORTING — Octávio de Sá; Lino e Hilário; Julius, Osvaldinho ou Morato e Mendes; Hugo, Tomé, Martins, Travaços e Quim. Arbitro: Reinaldo Silva (Leiria).

LUSITANO — Vital; Vicente e Paixão; Marciano, Falé e Garcia; Flora, Quinito, Caraça, José Pedro e Batalha. C. U. F. — Gama; Abalroado e Vale; Oliveira, Durand e Orlando; Cravinho, Carlos Alberto, Arsénio, Gastão e Uria. Arbitro: Alves Dinis (Lisboa).

V. SETUBAL — Justino; Polido e Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Serra; Inácio ou Mateus, Fernandes, Mendonça, Miguel e Virgílio ou Inácio. V. GUIMARAES — Sebastião; Virgílio e Abel; Barros, Silveira e João da Costa; Bártolo, Edmur, Ernesto, Carlos Alberto e Romeu. Arbitro: Raul Martins (Lisboa).

BARREIRENSE — Bráulio; Faneca e Abrantes; Lança, Pinto e Arturo; Freire, Correia, José Augusto, Faia e Godoy. SPORTING DA COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Lázinha, Cabrita e Lourenço; Pires, Gabriel, Ilo Caldas, Lorenzi e Oscar Silva. Arbitro: Eduardo Gouveia (Lisboa).

SPORTING DE BRAGA — Cesário; Armando e José Maria; Passos, Calheiros e Trenque; Rafael, Ferreirinha, Teixeira, Amador e Mendonça. ACADEMICA — Gomes da Silva; Araújo e Bento; Gil, Marta e Torres; Chipenda, Humberto, Rocha, André e Samuel. Arbitro: Clemente Henriques (Porto).

BASQUETEBOL

O Brasil pode conquistar o Campeonato do Mundo

SANTIAGO DO CHILE, 31. — A equipa da União Soviética, até agora não derrotada, arriscou a sua possibilidade de ganhar o Campeonato Mundial de Basquetebol, que se disputa nesta capital, ao recusar-se na noite passada a jogar com a China Nacionalista.

Os Russos, que iam á frente da classificação da série final, com 10 pontos, não apareceram em campo para disputar o desafio, afirmando que «não podiam jogar com um país que não existia».

Os jogadores chineses e a equipa de arbitragem do desafio entraram em campo e quando se verificou que os Russos não compareciam, decorridos 15 minutos, foram atribuídos os pontos aos Chineses, por desistência da União Soviética.

O destino do título mundial dependerá agora da final que se disputa esta noite quando o Chile defrontar o Brasil, campeões da América do Sul.

A União Soviética, Brasil e Estados Unidos encontram-se á cabeça do campeonato, com 10 pontos cada.

Os ultimos jogos forneceram os seguintes resultados: Estados Unidos, 64-Chile, 55 e Brasil, 81-Estados Unidos, 67. No primeiro registaram-se tumultos tendo sido apedrejados o árbitro e os jogadores norte-americanos. — (F. P. e A. N. I.).

Notícias várias

● A direcção do Caldas S. C. suspendeu o seu jogador Saraiva, tendo-lhe, entretanto, instaurado um inquérito.

● Ilidio Silva, capitão dos Ferroviários de Lourenço Marques — segundo informa a agência «Lusitania» — deverá ingressar no Benfica, aproveitando os cinco meses de férias que vem passar á metrópole.

● Casaca vai entrar no hospital no principio da próxima semana a fim de ser tratado do joelho que acusa uma lesão.

● O Grupo Desportivo da C. U. F. elegeu ontem os corpos gerentes para 1959 que serão presididos pelos srs. Luís Almeida Guerreiro (assembleia geral), eng.º Andrade e Sousa (direcção) e eng.º França Pereira (conselho fiscal).

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

Campeonato de futebol da Ala 2—Maria Pia-L. Francês, Pupilos do Exército-Esc. Ant. Arroio e Esc. Afonso Domingues-Esc. da Paiã, a partir das 9 horas, todos no campo de treinos do Estádio Nacional.

Campeonato de voleibol—Jogos nos campos das Escolas Afonso Domingues, Eugénio dos Santos e Nuno Gonçalves e na Casa da Mocidade, a partir das 9 horas.

Campeonato de ténis de mesa (equipas)—Na Escola Nuno Gonçalves, a partir das 9 horas.

BASQUETEBOL

Campeonatos de juniores e infantis—Começo da 2.ª volta: SÉRIE A Educação Física-Belenenses, em Torres Vedras, ás 10 e 11 horas; Benfica-Cruzquebradense, no Campo Grande, ás 9 e 10 h.; Sporting A.-Oriental, no Passadiço, ás 10 e 11 h.; Sacavenense-Rio Seco (juniores), em Sacavém, ás 10 h. SÉRIE B—Lisboa Ginásio-P. Arcos, em S. Gens, ás 9 e 10 h.; C. Ourique-Algés, em Campo de Ourique, ás 10 e 11 h.; e Liberdade-Sporting B (juniores), no Liberdade, ás 10 h. SÉRIE C—Ateneu-Campolide (juniores) e Ateneu-Sporting (infantis), no Ateneu, ás 10 e 11 h.; Atlético-Nacional, na Tapadinha, ás 10 e 11 h.; Carnide-Queluz, em Carnide, ás 10 e 11 h. SÉRIE D—Juniores: Maria Pia-Tabacos, em S. Gens, ás 11 h.; Algés B-C. D. U. L., em Algés, ás 10 h., e Benfica B-Casa Pia, no Campo Grande, ás 11 horas.

CLUBES

O Clube Naval de Lisboa, em festa por motivo da passagem do seu 67.º aniversário procede á distribuição dos prémios da época de 1958, na sua sede, ás 10 horas.

CORTA-MATO

Provas extras da A. F. L.—Para atletas que em 1958 e 1959 não tenham tomado parte em provas de corta-mato, na distancia de 2.500 metros, ás 10 e 30 h. no Estádio Nacional.

Estafeta mista, para equipas de três atletas (aspirante, 2.000 metros; principiante, 3.000; junior, 4.000), ás 11 horas, no Estádio Nacional.

«CROSS» CICLO-PEDESTRE

Nos terrenos que circundam o Bairro do Alvito, a partir das 9 horas, ultimas provas do campeonato regional de «cross» ciclo-pedestre, nas várias categorias.

HANDEBOL

Campeonato de Lisboa, da Divisão de Honra (5.ª jornada da 2.ª volta) — Almada-Belenenses, no Pragal, ás 9 e 30 e 11 h. (2.ª e 1.ª cat.); Sporting-Benfica, em «Alvalade), ás 14 e 15,15 h. (2.ª e 1.ª cat.); Oriental-Alverca, no campo «Eng.º Carlos Salema», ás 14 e 15,30 h. (2.ª e 1.ª cat.); Glória-Liberdade, em «Alvalade», ás 12 h.

Campeonato de juniores — 5.ª jornada — Oriental-Belenenses, em Marvila, ás 9 h.; Cova da Piedade-Almada, na Cova da Piedade, ás 9 h.; Benfica-Sporting, no Campo Grande, ás 9 horas.

RAGUEBI

Campeonato nacional — 1.ª jornada — C. D. U. L.-Sporting, no Estádio Universitário; Internacional-Benfica, nas Telheiras — ambos ás 11 horas.

TIRO

Provas de preparação olímpica, de carabina livre, a 50 metros e pistola automática, a 25 metros, das 9 ás 12 horas, em local a designar pela F. P. T.

VELA

Em Cascais, ás 11 e 30, 2.ª regata, da série de 6 organizada pelo Clube Naval de Cascais, em «stars» com vista á selecção para as regatas a disputar em Génova e Marselha.

A nova crise de Berlim

(Continuação da 1.ª página)

Alemanha Oriental, o que os Russos podem fazer unilateralmente sem se preocuparem com o que dirão ou farão os Ocidentais.

Os russos vêem longe

Essa decisão, com efeito, fornece algumas luzes sobre a evolução próxima da nova crise de Berlim e permite fazer ideia das intenções de Moscovo. Tudo se passa como se os Russos, levantando de novo a questão de Berlim, visassem muito longe. O que se chama a manobra de Moscovo seria apenas a maneira, não apenas de pôr em conjunto o problema da Alemanha, mas de pôr o problema da paz de que aquele é um elemento essencial.

Em que consiste o problema da paz? Para os Russos esta só se concebe com a manutenção do estado de coisas que resultou da vitória aliada em 1945. Por isso, quando eles falam da paz é na manutenção do «statu quo» que pensam. Esta concepção compreende-se se nos lembrarmos de que a Russia foi o país que maior contribuição deu para a vitória comum, de onde resultou que foi o maior beneficiário dela.

A esta concepção estática da paz opõe-se uma concepção dinamica que é a das potências ocidentais, especialmente dos Estados Unidos e da Alemanha Ocidental que desejam a modificação, ou melhor a anulação, dos benefícios conseguidos pela União Soviética. Estes falam de uma paz «justa e duradoura», entendendo por esta expressão uma paz diferente da actual que consideram injusta. Essa paz seria duradoura porque assentaria em bases de tal maneira firmes que ninguém ousaria tocar-lhe.

Uma concepção estática

A oposição entre estas duas concepções reveste-se, neste momento, de um aspecto agudo mas não é nova. Data da subida dos republicanos ao Poder nos Estados Unidos e da entrada da Alemanha Ocidental na N. A. T. O. A doutrina Truman, que antes disso inspirava a política americana e portanto a das nações ocidentais, era estática como a dos Sovietes. Assentava na ideia da «contenção» do comunismo, e partia portanto do reconhecimento, declarado ou tácito, da situação resultante da vitória. Procurava impedir que o comunismo se expandisse, mas aceitava as aquisições feitas por ele em consequência da vitória sobre a Alemanha hitleriana.

O mesmo podia dizer-se da aliança atlantica que, na sua concepção original, era vista como uma coligação defensiva criada para deter a expansão soviética, o que equivale a dizer que aceitava a situação resultante da vitória limitando-se a impedir que a U. R. S. S. aumentasse a sua vantagem. Tudo se modificou com a entrada do sr. Foster Dulles na secretaria de Estado e a da Alemanha Oriental na N. A. T. O. A doutrina estática da «contenção» foi substituida por uma doutrina dinamica que consistia em fazer regressar a União Soviética ás suas fronteiras de antes da guerra, a qual figurava no programa de política externa dos republicanos apresentado aos eleitores.

Por outro lado, a entrada da Alemanha Ocidental na N. A. T. O. modificou radicalmente a natureza e funcionamento da aliança atlantica em virtude de aquele país ter reivindicações territoriais as quais dominam a sua política externa. Foi essa uma das razões por que, por exemplo, um homem como Robert Schuman defendia o rearmamento da Alemanha e se recusava a aceitar a entrada desta na aliança atlantica.

O acordo impossivel

No quadro da política de «contenção» e da N. A. T. O., primeira forma, a solução dos problemas legados pela guerra era possível na base de um «modus vivendi» que se resumia na coexistência política dos mundos comunista e não-comunista. Essa solução tornou-se impossivel com a política dos republicanos, a qual impedia qualquer acordo com os Sovietes e sobretudo com a Alemanha Ocidental. Esse acordo só seria possível desde que os Russos renunciassem, pura e simplesmente, aos benefícios que conseguiram em virtude da sua participação na guerra, entre os quais os territoriais.

A reunificação alemã passou a ser encarada exclusivamente pelo prisma da absorção da Alemanha Oriental pela Ocidental — com a fórmula das eleições livres — devendo a Alemanha reunificada fazer parte da aliança atlantica. Na prática, as fronteiras dessa Alemanha reunificada iriam até á linha Oder-Neisse que o Governo de Bonn não reconhece. Os Russos não aceitam a reunificação alemã nessas condições, nem o abandono — a não ser pela força — do seu predomínio na Europa Oriental, por entenderem que é essa a unica garantia da sua segurança. Nestas condições tornou-se impossível qualquer negociação seria sobre a reunificação alemã e portanto sobre o problema da paz no seu conjunto.

ATTICUS

O PORTO, PELO TELEFONE

O novo sistema
de distribuição de leite vai prejudicar centenas de leiteiras

PORTO, 31 — Um numeroso grupo de leiteiras, que desde sempre tiveram a seu cargo o fornecimento de leite á cidade e arredores, constituido por distribuidoras, ajuntadeiras e fornecedoras, foi esta manhã ao Governo Civil a fim de solicitar a intervenção do chefe do distrito no sentido de que muitas centenas delas não sejam atiradas para a miséria em resultado da nova modalidade de abastecimento de leite, que amanhã entra em vigor. Como se sabe, a venda do leite passa a ser feita por três cooperativas, que tomaram a seu serviço as leiteiras que continuam a fornecer os seus antigos clientes, ganhando apenas quarenta centavos por litro.

Ora como cada uma vende uma média de 20 litros de leite diários, esse lucro não se aproxima sequer de uma compensação justa, atendendo a que elas são todas de localidades afastadas do Porto, numa área de cerca de trinta quilómetros, pagam contribuições, transportes, etc. E' preciso contar-se ainda com aquelas que sem meios de transporte, fazem os percursos a pé, saindo de suas casas ao princípio da madrugada. Se é certo que as distribuidoras ficam empregadas, cerca de cem fornecedoras, algumas em idade de não poderem dedicar-se a novas ocupações, bem como as ajuntadeiras, cujo numero atinge possívelmente um milhar, essas ficam pelo novo sistema, sem ocupação. Bom seria que os organismos da lavoura resolvessem o problema, não só sob o ponto de vista material como também no de higienização do leite e, consequentemente, no do bem público.

Sem que exista qualquer resistência ao novo sistema, pede-se a protecção para alguns milhares de pessoas que a nova organização vai deixar na miséria. O bem de alguns representa, neste caso, o mal de muitos.

AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

Uma série
de conferências sobre os problemas da agricultura

Durante as cerimónias da posse do Conselho Regional de Agricultura da Estremadura e da homenagem ao prof. Sousa da Camara, ontem efectuadas, o secretário de Estado da Agricultura anunciou uma série de importantes conferências, que vão realizar-se em diversos pontos do País, a partir de Fevereiro.

Damos nota, a seguir, dos temas que serão versados e dos respectivos conferencistas:

«Defesa fitossanitária das culturas e dos produtos armazenados»—investigador prof. Branquinho de Oliveira; «Saneamento do pomar português»—investigador prof. Vieira Natividade; «Fertilização, correcção e conservação do solo»—investigador Mercês de Melo; «A importancia económica dos produtos florestais»—eng.º silv. Calheiros e Meneses; «A arborização dos terrenos sob a administração directa do Estado em face do II Plano de Fomento»—eng.º Silva Costa Mendonça; «A arborização dos terrenos particulares em face do II Plano de Fomento»—eng.º silv. inspector-chefe, Egberto Pedro; «A acção veterinária na assistência técnica e vulgarização» — dr. Emiliano da Costa; «Investigação científica e defesa sanitária»—investigador dr. Manso Ribeiro; «Investigação científica no melhoramento animal»—investigador dr. Joaquim Portugal; «Emparcelamento da propriedade rustica»—eng.º agr.º Henrique de Mascarenhas; «A acção do fundo de melhoramentos agrícolas no fomento da agricultura»—eng.º agr.º Antunes Tropa; «Planeamento económico-social das zonas abrangidas pelos grandes aproveitamentos hidroagrícolas»—eng.º agr.º Rito da Fonseca.

Em face da categoria dos investigadores e técnicos que apresentam trabalhos, prevê-se que o mencionado ciclo de conferências ultrapassará pelo seu interesse, o sector agrícola para constituir matéria de projecção nacional.

O Pavilhão Cristal, em ALGÉS, vende o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe».

Os novos climatizadores G. E. foram apresentados por um funcionário da empresa e por dois esculturais modelos

Mais de 400 agentes de vendas
assistiram hoje à abertura do 2.º Congresso da General Electric Portuguesa

Integrado na campanha «Upa nas vendas», o 2.º Congresso da General Electric Portuguesa reuniu hoje, no Pavilhão da Feira das Industrias mais de quatrocentos agentes daquela empresa.

Aproveitando a ideia que tanto exito obteve quando da realização do anterior congresso, toda a linha de materiais da General Electric para o corrente ano foi, durante a manhã e parte da tarde, apresentada aos congressistas como «vedeta» de um «show» em que colaboraram outras «vedetas», mas de carne e osso. Assim, os excelentes ferros eléctricos (que a G. E. brevemente começará a fabricar em Portugal, para iniciar um importante plano de produção de aparelhagem doméstica no nosso País) apareceram ao som da musica executada pelo conjunto de Shegundo Galarza; os televisores foram apresentados pela gentil locutora da R. T. P.; os rádios separaram uma canção de um «sketch»; os frigoríficos precederam bailados; as máquinas de lavar foram **explicadas** por seis esculturais modelos; e, finalmente, toda a gama de produtos que a G. E. P. lança no mercado surgiram, aos olhos do que os vão vender, rodeados por uma decoração cuidada.

Neste «espectáculo», que a assistência seguiu sempre com o maior interesse, colaboraram, além dos nomes já referidos, os populares artistas Raul Solnado e José Viana e os bailarinos Yola e Paulo.

O 2.º Congresso da General Electric abriu com uma alocução do sr. H. M. Crow, administrador geral da G. E. P., a que se seguiram outras, pelos srs. eng. J. C. Vitorino, L. Rocha, C. Neumann, dr. J. Montalvão, eng. D. Mendes e Alvaro B. Marques, que explicaram aos presentes as vantagens dos rádios, televisores, condicionadores de ar, aspiradores, enceradoras, lampadas, máquinas de lavar roupa, fogões, gira-discos, máquinas de barbear e frigoríficos da marca G. E.

Entre a assistência, estavam presentes representantes da International General Electric e da Embaixada dos Estados Unidos e os membros da direcção e do conselho de administração da G. E. P., que, há noite, assistiram, também, ao banquete de confraternização dos congressistas.

CARRIS

CHAMADAS TELEFÓNICAS DA REDE PÚBLICA

Por terem sido parcialmente alteradas as ligações da rede telefónica pública com os serviços e dependências da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, comunica-se aos interessados e ao Público em geral que, **a partir de 1 de Fevereiro de 1959,** deverão ser utilizados os números a seguir indicados: —

ESTAÇAO DE SANTO AMARO	— Telefonista	63 70 31 (6 linhas) 63 20 27 (4 linhas)
	— Serviço de Compras	63 89 73
	— Contencioso	63 70 37
ESTAÇAO DAS AMOREIRAS	— Serviços Técnicos	68 40 96
	— Expedidor e Pronto-Socorro	68 98 52
	— Posto Médico ...	68 94 07
ESTAÇAO DO ARCO DO CEGO	— Expedidor	5 33 64
	— Posto Médico ..	97 37
ESTAÇAO DE CABO RUIVO	— Serviços Técnicos	38 25 19
	— Expedidor	38 22 94
	— Posto Médico ..	38 24 97
ELEVADOR DO CARMO	— Secção de Achados	3 10 98
	— Posto Informativo	79 44
EDIFÍCIO DA BICA	— Publicidade	3 50 35
	— Acções	2 01 28
ESTAÇAO GERADORA (SANTOS)	— Serviços Técnicos	66 65 48
PRONTO SOCORRO (SANTOS)	— Telefonista	63 70 31

Para conveniência dos interessados, recomenda-se o recorte deste anúncio, e a sua anexação à Lista Telefónica em uso.

Casa de Trás-os-Montes e Alto-Douro

A assembleia geral da Casa de Trás-os-Montes e Alto-Douro, reunida ontem, sob a presidência do sr. dr. Ferreira Deusdado, aprovou o relatório e as contas da ultima gerência e elegeu os corpos gerentes para este ano, cuja lista é a seguinte:

Assembleia-geral — presidente, dr. Domingos Ferreira Deusdado; vice-presidente, dr. Aureliano Felismino; secretário, dr. Fernando Teixeira; suplentes, dr. Norberto Augusto Xavier, arquitecto João Vaz Martins e Manuel dos Santos Moura.

Direcção — presidente, Joaquim José Delgado; vice-presidente, dr. José Vicente Montalvão Machado; 1.º secretário, Henrique Gomes Delgado; 2.º secretário, António Teixeira Chaves; tesoureiros, António Manuel Esteves e dr. Luís Filipe Seixas Santos; vogal, eng. Cavaleiro Ferreira; substitutos, Augusto Adelino Salgueiro, eng. Reinaldo Gentil da Costa e Alberto Cepeda Teles.

Conselho fiscal — presidente, coronel Augusto Luciano Alves; vogais, Francisco Santos e Reginaldo Carrilho Xavier; substitutos, eng.º Francisco Lima e Cristiano Jorge de Lima.

Violentos sismos no Japão

TÓQUIO, 31. — Uma série de violentos sismos, demoliu, hoje, em Hokkaido, a ilha mais setentrional do Japão, algumas casas e fez ruir os muros de um sanatório, na cidade de Deshikutsu.

Não houve, porém, vítimas.—(R.).

TRIBUNAIS

O julgamento do caso do baile de Cascais

No 6.º juizo correcional da Boa-Hora, sob a presidência do juiz sr. dr. Correia Barreto, terminou, ao princípio da tarde, com a leitura da sentença, o julgamento dos srs. Adrião Fernando Sampaio e Castro Toscano de Albuquerque Homem de Sá, Eduardo Luís Figueiredo Horta e Costa, ambos estudante, e José Eusébio de Brito Calado, industrial, de Alhos Vedros, acusados de terem praticado os delitos de furto e dano dentro do palacete de Santana, em Cascais, na noite de 8 para 9 de Março, de 1952, no decorrer de um animado baile, após o que se verificou a trágica morte de Carlos Burnay, filho da proprietária do edifício, sr.ª D. Ana Maria Burnay Aranha.

A audiência reabriu cerca das 10 e 30, iniciando-se as alegações da defesa. Falou, em primeiro lugar, o sr. dr. Heliodoro Caldeira, patrono do réu Adrião Homem de Sá, que se manifestou satisfeito por este processo ser julgado pelo sr. dr. Correia Barreto, juiz íntegro, uma das figuras mais prestigiosas da nossa magistratura. E acrescentou:

— O caso que se aprecia é absolutamente estranho a outros factos que são objecto do processo principal.

Aludiu as duas incriminações do seu constituinte, para concluir que ele não praticou qualquer dos crimes.

O sr. dr. Heliodoro Caldeira explicou, depois, que os acusados foram enganados para a festa, porquanto, estavam convencidos que iam para um baile de gente séria, chegando a ir, com o sr. Adrião, um seu amigo de grande posição social.

No ambiente diferente áquele que previam ir encontrar, foi distribuido um «cocktail» especial, que fora preparado dentro da casa de Santana pelos amigos íntimos do falecido. Foi precisamente essa bebida que provocou acontecimentos e tumultos de graves consequências.

Por sua vez, o sr. dr. Sargo Junior, que defendia o réu Horta e Costa, salientou a impressão desagradável causada no publico pelas ocorrências verificadas no referido baile, após o qual Carlos Burnay se suicidou, segundo a conclusão a que chegaram os investigadores, e afirmou:

— Em tal aspecto, não posso deixar de fazer uma referência á sr.ª D. Ana Maria Burnay, dizendo que ela pede, exige, requer, que a estes três homens seja aplicado castigo, quando eles, afinal, não praticaram nada de especial e nada que se relacione com a morte de seu filho, cuja causa pretendia se descobrisse através deste processo.

O causídico prestou homenagem ao sr. dr. António Maria Pereira, da acusação particular, que, na ultima sessão abandonou os trabalhos, ficando, todavia, ligado ao processo, pelo facto de se ter apaixonado pela causa na defesa do que, em sua opinião, seriam os interesses que lhe estavam confiados. Acrescentou que não podia aceitar que o seu colega tivesse motivo de abandonar a sala, pois na verdade não lhe fora coartada a defesa daqueles interesses.

Finalmente, o sr. dr. Dias Neves, advogado do industrial José Eusébio Calado, procurou demonstrar que este, trazendo um aparelho de T. S. F. para a rua, lançando-o depois ao mar, o fez levado pelos efeitos do tal «cocktail». O seu constituinte, segundo disse, é rico e não precisa furtar, além de que o seu proprietário foi indemnizado conforme consta do documento junto. Fnidos os debates, o tribunal reuniu-se para deliberar.

Às 13 e 30, o sr. dr. Correia Barreto procedeu á leitura das sentenças, dizendo que não se provaram os crimes de furto, mas sim os de dano, praticados num ambiente censurável. Assim, foram condenados: Adrião Homem de Sá, em 20 dias de prisão, 5 dias de multa a 50$00 por dia; e os restantes, cada um em 30 dias de prisão, 5 dias de multa a 50$00, e 100$00 de imposto de justiça, 150$00 de procuração, sendo as penas substituidas por multa á razão de 75$00 por dia. Indemnizações: o primeiro, de 800$00 á queixosa; o segundo de 3.800$00; e o terceiro os danos causados no aparelho de rádio.

Horrível desastre

com um autocarro cheio de gente nos arredores de Milão

MILÃO, 31 — Um autobus foi apanhado por uma formação ferroviária, perto de Ospitaletto Cormano, em Battiloca, nos suburbios desta cidade, contando-se 6 mortos.

As vítimas preparavam-se para entrar no reboque do veículo, quando este sofreu o embate violento de um comboio. Projectadas a distancia pelo choque, foram de encontro a uma parede e tiveram morte imediata.

As primeiras pessoas que lhes acudiram ficaram horrorizadas, pois as vítimas estavam de pé, literalmente esmagadas, fazendo uma só massa com a parede.

Os socorros tornaram-se extremamente difíceis e os bombeiros tiveram de utilizar um guindaste para levantar o reboque. E' possível que debaixo deste haja mais mortos.

A Polícia informou que o autocarro foi arrastado ao longo das linhas dos eléctricos durante muitos metros, antes de, finalmente, parar ao chocar com a frente de um prédio.

Ambos os veículos iam cheios de operários e de empregados de escritórios, que seguiam para o trabalho, durante a hora de maior movimento da manhã. — (F. P. e R.).

Leiam o jornal humorístico

«SEMPRE FIXE»

O mau tempo no estrangeiro

(Continuação da 1.ª pagina)

o acesso das auto-estradas com a Republica Federal e Berlim-Oeste, devido ao nevoeiro que torna o tráfego altamente perigoso.

As ligações aéreas com Berlim estão também interrompidas pelo mesmo motivo. — (F. P.).

Na Bélgica

BRUXELAS, 31. — O nevoeiro de ontem, sobre o Norte da Europa, tornou-se mais denso ao fim da tarde, cobrindo uma grande parte do país. O aeroporto desta cidade e os aeródromos da provincia foram encerrados.

Nas estradas e principais cidades do país, não há, por assim dizer, movimento de automóveis. Houve vários acidentes, mas sem gravidade. — (F. P.).

Embate de navios no Tamisa

LONDRES, 31. — Chocaram, no Tamisa, ás primeiras horas de hoje, dois cargueiros britanicos, do que resultou a morte de um tripulante, Thomas Holford, de 23 anos, maquinista de bordo, que foi cuspido do barco que tripulava quando este colidiu com o outro cargueiro.

Um dos navios, o «Reechore», de 3.596 toneladas, preparava-se para atracar quando se deu o embate. Sofreram também ferimentos dois oficiais do «Beechmore», mas não é grave o seu estado. — (A. N. I.).

Chuva torrencial em Gibraltar

GIBRALTAR, 31. — Há 24 horas que chove torrencialmente. As ruas transformaram-se em levadas e contam-se muitos andares baixos inundados.

As crianças das escolas tiveram de ser transportadas para casa por bombeiros e polícias. Os veículos estão imobilizados, os aviões tiveram de ser desviados para Tanger. —(F. P.).

SERIA UM CASO

de «conto do vigário» ?

VIANA DO CASTELO, 31—(Pelo telefone) — A Praça da Republica foi esta manhã alvoroçada, devido, ao que parece, a um caso de «conto do vigário», que por aqui na raridade, causou certo alarme.

Na freguesia de Troviscoso, Monção, veio a Viana, buscar a sua documentação para emigrar para França, Evaristo Domingos Afonso que, segundo contou á Polícia, foi atraido ao pátio de uma casa por dois indivíduos muito bem vestidos e, algum tempo depois, deu pela falta da carteira com 5.650 escudos, encontrando numa das algibeiras uma outra carteira com papéis velhos.

O homem, ao falar á Polícia, parecia sonambulo, ou que acabava de sair de um estado de hipnotismo, não sendo claras as suas declarações.

Novos ataques aos dissidentes no Congresso comunista em Moscovo

MOSCOVO, 31—A agência «Tass» informa que o proeminente dirigente, Alexei Kirichenko, membro do Presidium e secretário da Comissão Central do Partido Comunista, desencadeou, hoje, novo ataque contra o grupo de dissidentes, constituido por Malenkov, Kaganovich, Molotov, Bulganine e Chepilov, afirmando que eles principiaram «a combater tudo o que fosse novo», imediatamente após a morte de Estaline em 1958.

Kirichenko, que falava no Congresso do partido, declarou, ainda, que «a grande derrota do grupo antipartido é uma grande vitória do nosso partido na luta pela orientação leninista».

O secretário do partido no Azerbaijão, ImãDashtamir Mustafayev, declarou que o povo daquela região pretendia viver amigàvelmente com os seus vizinhos mais próximos — a Pérsia e a Turquia. — (euter).

Molotov não irá para a Embaixada na Haia ?

MOSCOVO, 31 — De fonte diplomática, declarava-se, ontem, nesta capital, ser pouco provável que Molotov parta brevemente para assumir as suas funções de embaixador soviético na Haia, em virtude dasnovas críticas de que foi alvo o grupo «anti-partido». — (F. P.).

O embaixador Malik partiu para Moscovo

LONDRES, 31 — Jacob Malik, embaixador da U. R. S. S., partiu, esta manhã, de avião, para Bruxelas, a caminho de Moscovo, onde assistirá aos trabalhos do XXI Congresso comunista. Acompanham-no ste funcionários superiores da Embaixada. — (F. P.).

Fanfani abandonou

a chefia do seu Partido

ROMA, 31 — Amintore Fanfani, que se demitiu do cargo de primeiro-ministro, resignou hoje á posição de chefe do Partido Cristão-Democrático, o maior agrupamento político de Itália. — (Reuter).

S. R.

Ministério da Economia

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei n.º 26.852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Administração do Concelho de Lagos, em todos os dias uteis das nove ás doze e das catorze ás dezassete horas, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento de um ramal a 15 kV, com 6703 m., parte aérea com 6636 m., e parte subterranea com 67 m., do poste n.º 81 da linha Portimão-Lagos para a central de Odiaxere, no referido concelho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, Secção de Licenças, em 27 de Janeiro de 1959.

Pelo Engenheiro Chefe da Secção

Vasco da Gama Brandão

S. R.

Ministério da Economia

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art.º 19 do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei n.º 26.852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Administração do Concelho de Aljustrel, em todos os ias uteis das nove ás doze e das catorze ás dezassete horas, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento de um troço aéreo a 30 kV, com 368 m., da subestação de Aljustrel para o poste n.º 3 da linha da subestação de Aljustrel para o posto de transformação da Aliança Eléctrica do Sul (Minas de Aljustrel), no referido concelho.

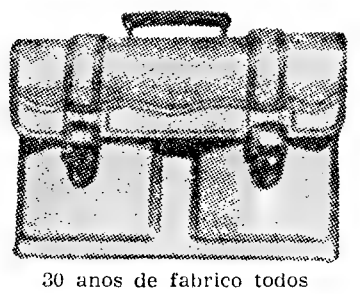
Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciament, Secção de Licenças, em 27 de Janeiro de 1959.

Pelo Engenheiro Chefe da Secção

Vasco da Gama Brandão

PASTAS

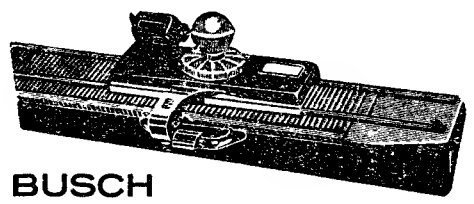


30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio *A. Comprido*—R. Madalena, 97

Máquinas de tricotar

BUSCH

Um produto Suiço da mais alta qualidade

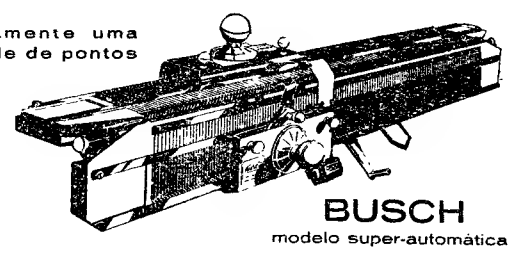


BUSCH
modelo simples

As máquinas de tricotar mais práticas até hoje apresentadas

Faz automàticamente uma enorme variedade de pontos

A máquina que responde às mais altas exigências



BUSCH
modelo super-automática

A máquina de sonho que executa todos os pontos duma forma impressionantemente simples

PREÇOS

MODELO SIMPLES
a pronto pagamento Esc. 2.500$00
a prestações até 24 mensalidades de Esc. 115$00

MODELO SUPER-AUTOMÁTICA
a pronto pagamento Esc. 4.800$00
a prestações até 30 mensalidades de Esc 180$00

Agora todas as senhoras, podem comprar sem sentir estas maravilhosas máquinas de tricotar
Gratuitamente damos uma instrução completa no manejo da máquina a todas as compradoras

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

Agencia Comercial Sueca, L.da

Av. Fontes Pereira de Melo, 45 — Telef. 59181 — 4 Linhas — LISBOA

No Norte:

M. SIMÕES JR. LDA.—R. de Santo António, 208—Telef. 25581—PORTO

DELEGAÇÃO EM COIMBRA:

RUA FERNÃO DE MAGALHÃES, 32-2.º

CAMINHOS DE FERRO

Circuito Turístico Estoril — Sintra

Na C. P. e Sociedade Estoril existem á venda bilhetes combinados com a Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs para o circuito turístico Estoril-Sintra ou vice-versa, com partida das estações de Lisboa (Rossio) ou Cais do Sodré, em comboio, e passagem em autocarros da referida Cooperativa pelas povoações de Chão de Meninos, Linhó, Cadeia Central, Alcoitão, Alcabideche e Amoreira.

Estamos em pleno Inverno, mas, nesta quadra do ano também em Portugal há bonitos dias de sol luminoso que convidam a um passeio aprazível e tonificante.

Aproveitai os lindos dias de Inverno, não raros no nosso País, para fazer uma alegre diversão a uma das mais encantadoras regiões dos arredores de Lisboa, por preço económico, ao alcance de todos.

Nas estações de Lisboa (Rossio) e Cais do Sodré podereis adquirir bilhetes para o circuito Lisboa (Rossio)-Cais do Sodré ou vice-versa, compreendendo o percurso por estrada que custam 15$30, em 3.ª classe nos comboios eléctricos.

Entre Sintra e Lisboa (Rossio) os portadores de bilhetes de 3.ª classe podem viajar em 2.ª

Para mais esclarecimentos e horários consultai a Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio — Telefones 33 180 e 33 187).

Leiam o jornal humorístico

sempre fixe

Três valiosos prémios
para obras de investigação e literatura sobre a Guiné Portuguesa

Encontra-se aberto, até 30 de Novembro do corrente ano, no Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, o Concurso Cientifico e Literário de 1959, a que exclusivamente podem concorrer os investigadores e escritores que residam ou tenham residido naquela provincia do Ultramar.

Serão atribuidos três prémios: «Honório Barreto», no valor de 15.000$00, para o melhor trabalho no domínio das ciências exactas; «Edmundo Correia Lopes», no valor de 7.500$00, para o melhor trabalho no campo das ciências especulativas; e «Serra Barcelos», com o montante de 5.000$00, para a melhor obra literária.

Em cada modalidade haverá pois um prémio unico, destinado a galardoar o trabalho que obtenha pelo menos dois terços dos votos do juri. Esse juri, composto de todos os membros da comissão executiva poderá agregar a si um ou mais membros do Centro para o coadjuvar na apreciação dos trabalhos.

No caso de não ser distribuido o prémio relativo a uma ou duas modalidades, pode o juri atribui-lo, no todo ou em parte, aos trabalhos premiados num ou nos dois outros géneros.

Os trabalhos a apresentar terão de ser inteiramente originais e inéditos e exige-se que versem assuntos de interesse directo da Guiné. Não poderão ter menos de 50 nem mais de 200 folhas de papel de máquina de 27×21 cm., dactilografadas a dois espaços, a 55 letras por linha. Desta contagem ficam excluidos os gráficos e as fotografias. O numero de exemplares de cada trabalho será de seis e o concorrente deverá fazê-los acompanhar de uma carta dirigida ao Centro de Estudos, da qual conste o seu nome completo, a morada e a modalidade a que deseja concorrer. Todos os trabalhos deverão dar entrada no Centro de Estudos até ao ultimo dia fixado, entregues contra recibo ou pelo correio com aviso de recepção.

Os trabalhos premiados serão publicados pelo Centro de Estudos na sua colecção de «Memórias» ou no «Boletim Cultural». Além dos prémios pecuniários, serão conferidas menções honrosas a obras que igualmente mereçam ser publicadas.

Rotary Clube de Lisboa

Na reunião da próxima terça-feira, ás 13 horas, do Rotary Clube de Lisboa, na Casa do Alentejo, o arquitecto António Alberto Aurélio, do Clube de Alcobaça, fará uma palestra, intitulada: «Pseudoarquitecturas nacionais».

Esclarecimentos dos industriais
de especialidades farmacêuticas sobre as condições da sua produção

Assinado pelo sr. Fernando de Carvalho Seixas, presidente do Grémio Nacional dos Industriais de Especialidades Farmacêuticas, recebemos o seguinte oficio:

«*Senhor director:* Publicou o «Diário de Lisboa» de 5 do corrente, na secção de *Interrogações*, uma nota relativa á industria nacional de especialidades farmacêuitcas e ao elevado montante que neste sector atingem as importações. O facto é tanto mais de salientar quanto é certo que representa, que nós saibamos, a primeira nota publica de compreensão deste problema de primordial interesse para o País.

As três perguntas com que termina essa nota são perfeitamente relevantes. E porque o são, julga este Grémio ser de sua obrigação dar-lhe publicamente as respostas que as mesmas solicitam. Vejamo-las pois.

1.ª pergunta — *Muitos dos artigos farmacêuticos que se continuam a comprar no estrangeiro, não poderiam ser fabricados em Portugal, valorizando matérias-primas e trabalhos nacionais?*

Pode afirmar-se, sem receio de desmentido, que, para a grande maioria desses artigos importados, existem similares nacionais, tão bem preparados como aqueles, e, em regra mais baratos;

2.ª pergunta — *Não se encontram os nossos laboratórios apetrechados para produzir, pelo menos em parcela considerável, essas especialidades?*

Tanto os nossos laboratórios se encontram apetrechados para essa tarefa que já hoje produzem a grande maioria das especialidades, cujos similares continuam a ser importados. Das que não são ainda preparadas parte considerável, só o não é em virtude de aquelas se encontrarem protegidas por patentes de fabrico, que nos impedem de o fazer.

3.ª pergunta — *E, se as caracteristicas dos produtos nacionais não estão á altura de competir com a dos produtos importados similares, não será possivel conseguir-se uma equiparação que não possa deixar duvidas a ninguém?*

Esta pergunta coloca o problema na sua verdadeira raiz; a resposta merece, portanto, algum desenvolvimento.

No seu conjunto, e objectivamente considerados, os produtos nacionais estão á altura de competir com os similares estrangeiros. Podemos mesmo afirmar que mais de metade dos laboratórios estrangeiros que aqui oferecem os seus produtos não atingem a craveira média da nossa produção industrial. Há, evidentemente, laboratórios estrangeiros dignos da maior confiança, como há laboratórios nacionais nas mesmas condições. A diferença quanto ao crédito de que desfrutam provém, em grande parte, daquele nosso hábito de não atribuir a virtude do milagre aos santos da casa.

Portanto, objectivamente, essa equiparação está hoje assegurada. Resta, evidentemente, colocá-la em plano de *não deixar duvidas a ninguém*. Ora neste ponto a industria Nacional de Especialidades Farmacêuticas tem sido de uma infelicidade que desgosta e quase faz desanimar. Basta citar-lhe os seguintes pontos:

a) — existindo no País uma legislação apertada e uma fiscalização que assegura a genuinidade dos produtos em venda e que é tão exigente (ou mais) para os nacionais do que para os estrangeiros, em vez de se recorrer a ela, em caso de duvida, prefere-se generalizar a suspeição a esclarecer essa duvida;

b) — clama-se contra a necessidade de baixar os preços dos medicamentos, para depois, perante os preços inferiores dos produtos nacionais, se concluir pela suspeição quanto á sua qualidade;

c) — como, para os grandes produtores estrangeiros, Portugal constitui apenas um mercado marginal, as caracteristicas dos seus empreendimentos permitem áqueles apresentar embalagens luxuosas, literaturas caras e recorrer a propagandistas bem pagos; ora, seja qual for a reacção da Industria Nacional a este fenómeno, ela serve igualmente de motivo a ataques depreciativos; no caso de procurar igualar a apresentação estrangeira, está dando mostras de lucros exorbitantes, que chegam para tudo; no caso de procurar manter-se na modéstia, está patenteando um desleixo que se vê nas próprias apresentações;

d) — existem já vários produtos, que embora vendidos sob o rótulo de empresas estrangeiras, das tais que não oferecem duvidas, são já preparados em Portugal; simplesmente esta indicação aparece nos rótulos tão envergonhada que é necessário lupa para a descobrir;

e) — sendo a Industria Nacional extremamente escrupulosa no que respeita á publicidade dos produtos farmacêuticos, que apenas apresenta á classe médica, e não se preocupando a estrangeira com esses pruridos, até este facto, que deveria valorizar-nos, tem servido para nos diminuir.

De forma que, senhor director, *a equiparação que não possa deixar duvidas* não depende só de nós industriais; diriamos mesmo que não depende fundamentalmente de nós. Depende em primeiro lugar daqueles Organismos Oficiais que são postos em causa sempre que publicamente se põe em duvida a qualidade dos medicamentos á venda e que parece não se terem ainda apercebido desta conclusão elementar; depende, em segundo lugar, da classe médica e da sua compreensão pela necessidade de defender o trabalho nacional; depende da adesão da classe farmacêutica a esta tarefa do aportuguesamento do gosto; depende das Faculdades, sobretudo das de Medicina e Farmácia; depende, finalmente, da própria Imprensa, na medida em que, como o «Diário de Lisboa» acaba de fazer, for capaz de desencadear no publico este sentido de ajuda mutua que se exprime no amparo ao produto do trabalho dos Portugueses.

E a tarefa não é dificil. Bastam duas condições:

a) — que a Direcção-Geral de Saude possa garantir que o que se vende é bem feito e que quem não fizer bem não poderá vender;

b) — que os restantes sectores, pelos quais se orienta a opinião, levem ao conhecimento de todos aquelas garantias elementares.

Pela nossa parte, o que queremos desde já assegurar é que podemos responder afirmativamente a todas as perguntas do «Diário de Lisboa» e estamos dispostos a tomar, juntamente com quem de direito, a quota parte da responsabilidade que nos couber.

Apresentamos a V. Ex.ª os nossos melhores agradecimentos e subscrevemo-nos, a) *Fernando de Carvalho Seixas*».

Um pequeno exército de cozinheiros e ajudantes dão os ultimos «retoques» ao cozinhado sob o comando de mestre Ferreira que é o segundo, á esquerda

Muitas meninas e donas de casa
pensaram em frequentar a Escola Hoteleira

(Continuação da página central)

dões, um conhecimento, um «savoir faire», uma «linha» que só são igualáveis aos de quem tem por obrigação tomar contacto com os hóspedes, no serviço de quartos. Vinte e dois professores — ingleses, franceses e suíços, médicos, engenheiros, contabilistas, uma senhora, na direcção dos serviços de andares e rouparia, formam o exército instrutor do pequeno corpo de alunos da Escola Hoteleira.

Mestre Gianola é suíço, tem uma pastelaria e ensina na escola a arte de doçaria:

—Cuidado! Para se tirar o pudim, anda-se com a faca á roda, mas sem cortar a massa!

As mãos do aluno — calça de xadrezinho preto e branco, avental e boné de copa alta, como manda o regulamento—tremem da iniciação. Nunca teve de dominar com as suas mãos natureza tão imponderável como a de um «flan».

E' que neste primeiro período, todos os alunos não iniciados têm de passar, em «roulement», pelas várias secções da escola: não importa que o filho daquele conhecido hoteleiro se destine á gerência: terá de ir descascar batatas, «amanhar» peixe, lavar louça, servir á mesa...

—Desculpe!—dirá, ao empunhar pela primeira vez, o guardanapo, o garfo e a colher — mas este peixe é muito mole...

(Que diria a isto o mestre cozinheiro Manuel Ferreira, se o ouvisse dizer mal da garoupa que era aliás impecável de qualidade e tempero!).

Manuel Ferreira é autor de tratados de cozinha; António de Freitas um dos «barmen» mais conhecidos do País (pelo menos dos que passaram pelo Avis ou leram nos jornais os seus triunfos nos concursos de Londres) e, como os médicos, perante o caso de doença, sabe preparar um aperitivo, de acordo com os paladares de cada qual; mestre José Augusto Ferreira, discreto, um verdadeiro «maître d'hotel», não faz observações durante o serviço (perdão, no decorrer da lição) guardando para o final os seus reparos.

Mas, não há duvida, há que ter outros cuidados com os «caloiros». Havia menino que ao levar na mesma mão três pratos com sopa, fazia tal sementeira que a direcção da escola substituiu as porcelanas por plásticos...

—Como se faz, se o arroz apanha esturro?

Nada de aulas teóricas! O melhor é deixar esturrar o arroz, para se ver depois como é... E' um mundo bem pitoresco e imprevisto o que acorre á Escola Hoteleira. Uma jovem e esbelta proprietária de uma ultra-moderna «estalagem», filhos de gerentes de hoteis, rapazes e raparigas com alguns anos de Faculdade, oficiais milicianos...

Mesmo estes, neste primeiro período de escola, terão de ir descascar batatas para a cozinha. Um gerente de hotel, um funcionário da recepção, tem de saber por experiência como funcionam os restantes serviços de hotel, para saber dirigi-los...

Da parte da tarde, porém, as aulas são de qualidade diferente. Destinam-se a profissionais que ali vão especializar-se. E' preciso aprender a fazer cálculos de gastos e consumo, destinar as refeições do dia seguinte, preparar uma «pate sablé» ou salada «lorette», desossar carnes...

Depois, há as aulas teóricas: de quantas calorias precisa o corpo humano? Que são secreções internas? Como se preparam dietas?

E' preciso, sobretudo, estar atento...

—Perdão, o pudim é tão frágil! Escangalhou-se — diz o «criado», desculpando-se da sua inexperiência...

Quanto custa o funcionamento desta Escola Hoteleira, donde sairão equipas experimentadas para os nossos novos hoteis? Os cursos têm a duração do ano lectivo. Sustentam-nos a União dos Grémios da Industria Hoteleira, que dá anualmente 72 contos; o Sindicato, com 18 mil escudos; e o Estado com verbas que oscilarão consoante as necessidades: este ano, 1.300 contos.

Mas há ainda problemas a resolver. As instalações não chegam e é preciso descobrir nova sede: em edifício próprio, funcionando como escola-hotel (e são muitos os contras, dizem alguns) ou simplesmente mantendo o regime actual, sem oferecer concorrênci.. á industria hoteleira?

A escola recebe de cada aluno do curso elementar de cozinha 100$00 mensais (os seus mestres ganham de 3 mil a 4 mil escudos, os mestres pasteleiro e de mesa, de 2 mil a 3 mil escudos) com direito a almoço (sopa, dois pratos, sobremesa) nos dias de trabalhos práticos. O que, no seu movimento de rotação de disciplinas, dá uma média de 30 refeições diárias, não obstante andarem á roda de cem os que frequentam o curso.

De começo, foram muitas as senhoras donas de casa e meninas filhas-famílias que se inscreveram no curso. Interessava-lhes aprender segredos da culinária, doçaria e «bar». Mas esbarraram com o regulamento da escola: aquilo era para profissionais, só podia frequentar a copa e a cozinha quem fosse ás restantes aulas. E vendo que se haviam enganado — as meninas «bem» bateram em retirada.

Novidades publicadas em Janeiro

por «LIVROS DO BRASIL»

Colecção «Vida e Cultura»:

AS VOZES DO SILÊNCIO — 2.º volume

Com a publicação do 2.º volume fica completa esta monumental obra de **ANDRÉ MALRAUX**, que marca uma data decisiva na Crítica de Arte

—O Primeiro volume possue 248 pág. e 64 extra-textos—50$00
—O Segundo volume possue 384 » e 96 extra-textos—75$00

Colecção «Livros do Brasil»:

O ENCONTRO MARCADO

Um dos livros que mais êxito de público e de crítica obteve no Brasil nos últimos anos e que constitue a revelação de um novo nome que o futuro tornará imortal: **FERNANDO SABINO**

Preço 30$00

Colecção «Miniatura»:

O AVESSO E O DIREITO

Uma das mais raras e menos conhecidas obras do grande escritor **ALBERT CAMUS.** Colectânea de contos, este volume inclui ainda por especial permissão, **OS DISCURSOS DA SUÉCIA,** proferidos por ocasião da concessão do Prémio Nobel

Preço 12$50

Colecção «Vampiro»:

O CASO DO CANDEEIRO DE PETRÓLEO

Este livro é considerado pela crítica um dos mais excepcionais romances policiais de **Erle Stanley Gardner**

Preço 12$50

A' venda nas Livrarias

Edições **«LIVROS DO BRASIL»** — Rua dos Caetanos, 22 — LISBOA

BAIAS HOSPITALARES

CAMISAS

POR MODELO OU POR MEDIDA

TECIDOS A ESCOLHA OU DO CLIENTE

13 modelos em exposição

Consertos e transformações por pessoal especializado

ROVIL

Rua Arco Marquês do Alegrete, 50, 1.º — Telef. 862402

Envio á cobrança pelo correio

PIJAMAS e CUECAS

Não foram encontrados vestígios

do navio-motor dinamarquês

durante as pesquisas no mar tempestuoso

(Co[illegible] da 1.ª página)

fora forçada a desistir das pesquisas para encontrar o «Hans Hedtoft», pois corria o perigo de ficar cercada pelo gelo. Dizia, também, que perdera o contacto pelo radar com o barco dinamarquês.

A traineira informou que efectuara pesquisas, durante 8 horas, na posição fornecida pelo «Hans Hedtoft» e que essa área se encontrava cheia de gelo. A sua mensagem dizia: «Efectuámos pesquisas. Nada foi encontrado ou visto: nenhumas luzes ou baleeiras do navio». Acrescentava que as condições do mar eram péssimas e que enfrentava ondas com mais de oito metros de altura.

Entretanto, em Nova York, oficiais da Guarda Costeira declararam que forte ventania, chuva e nevões fustigavam ainda aquela área e que as esperanças de se encontrar o «Hans Hedtoft» diminuiam cada vez mais.

Notícias de São João da Terra Nova dizem que a traineira alemã anunciou ter chegado esta manhã ao local do sinistro mas não encontrara quaisquer vestígios do navio sinistrado.

Vários barcos norte-americanos e de outras nacionalidades navegam a toda a velocidade para socorrer o «Hans Hedtoft», que tudo parece indicar se tenha já afundado. Nesse caso, não deve haver sobreviventes, pois qualquer pessoa que caia nas águas geladas da zona onde ocorreu a tragédia, não poderá sobreviver mais de sessenta segundos — segundo afirmam os marinheiros experimentados.

Pouco antes, o navio alemão havia comunicado que, pelas indicações do seu radar, estava a cerca de uma milha do navio sinistrado. Logo a seguir indicou que o seu radar assinalara um objecto que podia ser o barco dinamarquês. Informava, porém, passado algum tempo, que pesquisara aquela área infrutiferamente.—(R. e A. N. I.).

A traineira alemã assiste ao naufrágio

BONA, 31.—Os armadores da traineira de Bremerhaven, «Johannes Kreuss», a firma Hochseefischerei Carl Kampf, receberam uma mensagem expedida de bordo, via Rádio Nordreich, ás 24 horas (T. M. G.) dizendo: «Somos o unico barco de salvamento. Nossa posição é 59 graus e 30 minutos Norte, 43 graus Oeste. O navio dinamarquês «Hans Hedtoft» está a afundar-se. Procuramos sobreviventes».

Um informador dos armadores declarou que desconhecia se estavam em curso trabalhos de salvamento, embora o texto da mensagem recebida assim a sugerisse.—(R.).

O navio foi apanhado por uma tempestade de neve

NOVA YORK, 31.—Três pequenos barcos lutavam hoje contra ondas alterosas, procurando no meio da neblina árctica, ao largo da Gronelandia, o navio-motor dinamarquês «Hans Hedtoft».

O navio, que desloca 2.875 toneladas, foi apanhado por uma tempestade de neve, no regresso da sua primeira viagem de Copenhague para a Gronelandia. O comandante, P. L. Rasnulssen, veterano de 30 anos nas águas do Árctico, pediu «auxílio imediato».

O unico navio que andava nas proximidades era a traineira de Bremerhaven «Johannes Kreuss» de 650 toneladas, que imediatamente se dirigiu para a posição indicada pelo «Hans Hedtoft» e, a certa altura, comunicou ter entrado em contacto com o barco dinamarquês. Mais tarde, porém, um informador da Guarda Costeira declarou, em Nova York, que uma noticia errada fora recebida do barco «Campbell» daquela força, o qual também se dirigia para a posição onde se encontrava o navio sinistrado. Essa mensagem dizia que o «Campbell» entrara em comunicação, pela rádio, com a traineira alemã ás 2 e 55 horas (T. M. G.) e citava o comandante alemão como tendo dito que chegara á posição fornecida no «S. O. S.» do «Hans Hedtoft», mas nada encontrara.

O próprio «Campbell» transmitiu, pela rádio, que tinha ainda várias centenas de milhas a percorrer e não chegaria á posição fornecida pelo navio a afundar-se antes das 15 horas (T. M. G.) de hoje.—(R.).

Ondas alterosas impedem a recolha de sobreviventes

NOVA YORK, 31.—A traineira alemã «Justus Haslinger» chegou, ontem á noite, junto do navio dinamarquês «Hans Hedtoft» — segundo informou a Imprensa do Canadá.

Aquelas notícias citavam o Q. G. dos Serviços de Busca e Salvamento da R. A. F. Canadiana, em São João da Terra Nova, como tendo anunciado que o contacto fora estabelecido cerca das 23 e 15 (T. M. G.) de ontem.

O mestre da traineira parece ter anunciado, pela rádio, que estava impossibilitado de recolher qualquer sobrevivente do navio dinamarquês que se afundava. Pelo menos não podia fazer qualquer tentativa imediata, por causa das ondas que chegavam a atingir seis metros de altura.

Em Halifax, um informador da R. A. F. Canadiana disse que a informação proveniente de São João da Terra Nova, segundo a qual os barcos se encontravam lado a lado era prematura.

O porta-voz da R. A. F. Canadiana afirmou em Halifax que a combinação do nevoeiro com o mar alteroso tinha impedido o barco alemão de se aproximar do navio em perigo.—(Reuter).

Os angustiosos apelos do navio sinistrado

COPENHAGUE, 31.—A estação de rádio de Prinz, no Christiansund, captou ás 21 e 50, a seguinte mensagem do «Hans Hedtoft»: «Pedimos a todos os navios que nos acudam imediatamente, na posição 59° 50' N. e 43° O.». Nada mais recebeu depois disso.

Os radiotelegrafistas de Julianska crêem ter ouvido ás 21 e 50 horas, também, o «Hans Hedtoft» anunciar: «Estamos a afundar-nos». Contudo, devido ás más condições de escuta, não podem garantir em absoluto que captaram correctamente os sinais Morse.

Admite-se um erro de interpretação na posição do navio sinistrado, sendo esta possivelmente, 59°,05 e não 59°,5. Neste caso, as pesquisas ter-se-iam feito baldadamente a umas 30 milhas do local do acidente.

O drama do «Hans Hedtoft» causou profunda impressão em todo o país. A Rádio de Copenhague, que termina, normalmente, as suas emisões ás 22 horas (T. M. G.), tem dado, toda a noite, de meia em meia hora, as ultimas notícias.

E cresce a inquietação, tanto na Gronelandia como na Dinamarca, quanto á sorte do navio. Contudo, subsistem ainda algumas esperanças embora sejam fundamentados os receios de uma grande catástrofe.

Entre as 55 pessoas que se encontram, incluiam-se um dos dois deputados da Gronelandia no Parlamento dinamarquês, August Lynge, alguns funcionários dinamarqueses que fizeram a viagem inaugural. A bordo estavam 14 mulheres e 6 crianças. Os tripulantes são em numero de 40, entre eles um médico.

O «Hans Hedtoft» foi inaugurado no dia 6 do corrente. Construido especialmente para o serviço da Gronelandia, estava equipado com todos os aperfeiçoamentos modernos para navegar entre os gelos, tendo sido nomeadamente reforçado contra os choques eventuais.—(F. P.).

Pesquisas aéreas sem resultado

NOVA YORK, 31.—Um «Super-Constellation» da Marinha, equipado com radar, partiu ás 6 horas (T. M. G.) da madrugada, da base aérea de Argentia, na Terra Nova, para procurar o navio dinamarquês «Hans Hedtoft» — anunciaram os Serviços de Salvamento de Halifax. Outro aparelho preparava-se para descolar a seguir.

Foi anunciado que as condições atmosféricas estavam a melhorar. —(Reuter).

*

SÃO JOÃO DA TERRA NOVA, 31—Depois de ter sobrevoado, durante duas horas, uma área de 100 milhas quadradas, dentro das coordenadas indicadas pelo posto de T. S. F. do «Hans Hedtoft», um avião de pesquisas, das forças navais norte-americanas, comunicou que ia regressar á base, sem ter conseguido encontrar vestigios do navio sinistrado.—(A. N. I.).

*

WASHINGTON, 31.—Um informador dos Serviços Centrais da Vigilancia da Costa declarou á Imprensa que a zona onde o navio dinamarquês «Hans Hedtoft» navegava quando esbarrou com um «iceberg» não faz parte da área de patrulhas internacionais, criada em resultado da catástrofe do «Titanic», em 1912. Sem contar com o tempo de guerra, não se registou qualquer acidente do mesmo género depois daquele, na área em questão.—(F. P.).

Restam algumas esperanças mas aumentam os receios

COPENHAGUE, 31.—Foi convocada, esta manhã, uma sessão extraordinária no Gabinete, por motivo do desastre com o «Hans Hedtoft».

O primeiro-ministro, H. C. Hansen, visitou o rei Frederico, a pedido do soberano, para lhe dar as ultimas informações.

O chefe do Governo declarou, que toda a nação ficara abalada pela catástrofe, mas acrescenta: «Não perdemos ainda todas as esperanças».

Contudo, á medida que as horas decorrem, aumentam os receios de que se tenha consumado a grande tragédia.—(Reuter e A. N. I.).

Outro navio dinamarquês encalhou no litoral do Japão

LONDRES, 31.—Os serviços de informação da «Lloyds» comunicaram, esta manhã, que o navio-motor dinamarquês «Kina», de 9.992 toneladas, encalhara ao largo da costa ocidental de Hokkaido, a ilha mais setentrional do Japão.—(Reuter).

BRINCADEIRAS de mau gosto...

Comunicam-nos as agências funerárias de Lisboa, com pedido de publicação, através do Grémio Concelhio de Antiguidades, Artigos Religiosos e Funerários da capital que durante a quadra carnavalesca não se encarregarão dos serviços que lhes sejam solicitados telefónicamente, a não ser que os mesmos possam vir a ser objecto de confirmação. Deve-se esta decisão ao facto de alguns «foliões» se entreterem nesta época a telefonar para aquelas agências, marcando enterros de pessoas que se encontram de perfeita saude. Triste e lamentável emprego da ociosidade!...

Enxovais para crianças do Ultramar Português

Foi, esta tarde, inaugurada, no Liceu D. Filipa de Lencastre, uma exposição de 50 enxovais, confeccionados pelas alunas daquele liceu e destinados a crianças do Ultramar. A' inauguração seguiu-se a projecção do filme «As missões portuguesas no Ultramar», que foi comentado por um sacerdote missionário. Esta sessão está integrada na homenagem a S. João de Brito, promovida pela Mocidade Portuguesa Feminina.

Vida musical

Serão em Évora

Por iniciativa do pelouro de cultura da Sociedade Harmonia Eborense, há esta noite em Evora, um serão de arte, que será preenchido com uma breve palestra do pianista Marques Ribeiro, seguida de um concerto em que actuará este artista e também Duarte Costa (guitarra espanhola). O programa inclui obras de Mozart, Beethoven, Schubert, Granados, Duarte Costa e Marques Ribeiro.

Sonatas de Brahms

A Emissora Nacional transmite hoje, ás 20 horas, a II Sonata de Brahms, da série integral, pelo violinista Paulo Manso e pela pianista Nina Marques Pereira.

Centro de Cultura Musical

O próximo concerto, da série da tarde, do Circulo de Cultura Musical, efectua-se no dia 5 de Fevereiro, ás 18 e 30, no Tivoli, com o «Ensemble Baroque de Paris».

Abrantes

Manuel António Borda de Agua

FALECEU

Seus filhos, genros, noras e netos, comunicam o seu falecimento e que o seu funeral se realiza amanhã, para jazigo de familia no Cemitério de Abrantes.

ARANZA — Souto Mayor, PONTEVEDRA

Maria Portela Barreiro

FALECEU

Fracisco Cima Barreiro, proprietário do Restaurante English-Bar do Monte Estoril, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento de sua sogra e que o funeral se realizou hoje, da sua residência para o cemitério local.

ARANZA — Souto Mayor, PONTEVEDRA

Maria Portela Barreiro

FALECEU

Restaurante Gambrinus cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da mãe do seu sócio e amigo Claudino Sobral Portela e que o seu funeral se realizou hoje da sua residência para o cemitério local.

Justina Pinto de Oliveira

FALECEU

Joaquim Alves Pinto Baptista, seus filhos José, António, Alberto, Orlando Alves Pinto Baptista e mais familia, participam o falecimento da sua querida irmã, tia e parente e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 12 horas da Basilica da Estrela para o cemitério da Ajuda.

AGÊNCIA SALGADO

Reabriu com nova gerência

Pensão Flor do Minho

Rua Braamcamp, 10
telef. 41317

Optimos quartos, águas correntes quentes e frias, diárias ou só dormidas, serviço á lista, recebe comensais.

O CANTINHO DA SORTE

VENDEU na EXTRACÇÃO de ONTEM o 3.° e 4.° PRÉMIOS

80093 — 150 Contos

E O

32830 — 50 Contos

O CANTINHO DA SORTE

POÇO DO BORRATÉM, 38-A

N. B. — O bilhete premiado com o 3.° Prémio foi recebido por troca do cauteleiro n.° 830.

DIARIO DE LISBOA

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21,30 — «O processo de Jesus».
MONUMENTAL — As 21,45 — «Gigi»
AVENIDA — A's 21.45 — «O fim do caminho».
MARIA VITORIA — A's 20.30 e 22.45 — «Por causa delas...».
VARIEDADES — A's 20.30 e 22.45 — «Com jeito, vai!».
TRINDADE — A's 21.45 — «Um homem só».
A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Vinho novo».
COLISEU — A's 21.30 — Nova Companhia de Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «A pousada da sexta felicidade».
SÃO LUIS — «O julgamento do capitão Dreyfus».
SÃO JORGE — «A águia fugitiva».
IMPÉRIO — «Por amor de uma rainha».
EDEN — «A serenata dos canhões».
POLITEAMA — «Intenção de matar».
CONDES — «O vagabundo de Montparnasse».
ODEON — «Uma entrevista de amor».
ROMA — «Mulher ardente».
AVIS — «As mil e uma noites».
MONUMENTAL — «A mulher que viveu duas vezes».
ALVALADE — «O julgamento do capitão Dreyfus».
OLIMPIA — «Vencer ou morrer»
RESTELO — «Londres chama Polo Norte».
PROMOTORA — «Chá e simpatia».
IDEAL — «O cálice de prata».
JARDIM — «Aldeia em fuga».
CAMPOLIDE — «O Sol nasce amanhã».

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego), Tel. 77034; Sagres — Av. Luís Bivar, 69-71 Tel. 47213; Latina Av. António Agusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Sá da deira, 36, Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Ld.ª — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39, Tel. 862909; Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade), 683694; Amoreiras (Das) — Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 687949; Linaida — Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista, á Lapa, 37, Tel. 661251; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto, 71, Tel. 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490; Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata, 220, Tel. 21342 — A —

Leiam o «SEMPRE FIXE»

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — Ás 18: Noticiário e danças; 18 e 30: Rádio Rural; 18 e 50: Trechos de operetas; 21: Noticiário; 23 e 45: Noticiário; ás 0: Fecho.

Programa A — Ás 19: Emissão infantil; 19 e 30: Trechos em piano; 19 e 45: Aguarela brasileira; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica ligeira sinfónica; 20 e 30: Que quer ouvir?; 21 e 15: Viola espanhola; 21 e 30: Conjuntos vocais; 21 e 45: Serão para trabalhadores; no intervalo: Vozes do Mundo; 23 e 30: Danças.

Programa B — Ás 19: Aspectos da musica moderna; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Concerto de camara; 20 e 20: Temas portugueses; 20 e 30: Canções: «Tentação de Santo António», treze canções do século XVIII, de Egk; 21 e 15: Trechos da ópera «Ivan Soussanine», de Glinka; 21 e 45: Radiodrama: «O Mentiroso», de Goldoni, numa adaptação de Leopoldo de Araujo; 22 e 45: Que quer ouvir?, «Quinteto em mi bemol maior», de Mozart; «Sonata n.º 8, em dó menor, op. 13 (Patética)», de Beethoven; «São Paulo», suite para orquestra, de Gustav Holst.

RÁDIO CLUBE — Ás 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Jornal feminino; 18 e 45: Ritmos de baile; 19: Quer um conselho?; 19 e 15: Orquestras; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Lingua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Trechos recreativos; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Cançonetas; 23: Concerto; 23 e 30: Catarina Valente; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Conjuntos; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Ritmos de baile; 0 e 55: Sumário; 1: Fecho.

Emissor de Miramar — Ás 18: Paisagem infantil; 18 e 30: Cançonetas; 18 e 45: Recital de composições de Cruz e Sousa; 19: palestra de lingua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário: 21 e 15: Canta Patachou; 21 e 30: Orquestras ligeiras; 22: Brasil; 22 e 30: Vozes e musicas da América; 23: Trechos de zarzuela; 23 e 30: Fados; 23 e 45: Solistas; 0: Ritmos de baile; 0 e 28: Sumário; 0 e 30: Fecho.

RENASCENÇA — Ás 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo; 19 e 45: Vozes portuguesas; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Canções em voga; 21 e 50: Melodias; 22: No reino das musas; 22 e 25: Revista da Imprensa francesa; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Serão familiar; 0: Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Peninsular; das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; das 22 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

PREVISÃO

Hoje, ás 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, jornal de actualidades internacionais; 21 e 20, «Juventude no Mundo»; 21 e 35, «Tele-Desporto»; 22, «A pensão da D. Esperança»; 22 e 40, «Na rua e na estrada»; 23, «Miradouro»; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas notícias; e 23 e 30, fecho da emissão.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Dedicadas especialmente aos respectivos associados, e abrilhantadas por orquestras, efectuam-se festas, esta noite, na Casa do Minho, Sociedade Instrução Musical e Escolar e Cruz Quebradense, Casa da Pampilhosa da Serra (organizada pela Liga de Melhoramentos de Vidual de Cima) e Casa da Comarca de Arganil (promovida pela Comissão de Melhoramentos de Mourisia); e amanhã, de tarde, na Casa do Algarve e Liga Regional Cojense, e á noite, na Casa de Ferreira do Zêzere e Casa do Concelho de Tondela.

EFEMÉRIDES

No dia 31 de Janeiro de 1946 assumiu a presidência do Brasil o general Gaspar Dutra, e no mesmo dia de 1956 o dr. Kubitschek.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um alicate, um porta-documentos, um cartão de consultas externas no Hospital de Santa Maria, um terço, uma malinha de mão, uma carteirinha, um lenço, um estojo, um sapato, dois livros, um capuz, uma bomba de ar, uma sombrinha, um novelo de lã, um chapeu, três pares de calças, dez revistas, uma carteira, uma lancheira, dois tampões para rodas de automóvel, um tampão para depósito de gasolina, um escudete, diversas luvas e argolas com chaves.

Emissões radiofónicas

A revista «Rua Larga», dedicada aos antigos estudantes de Coimbra apresenta amanhã, ás 23 horas, em Rádio Clube Português, um suplemento radiofónico dirigido por António Correia e Geraldo Soares e realizado por Humberto Mergulhão. Este programa incluirá uma saudação do reitor da Universidade de Coimbra.

MEIAS FINAS
OS MELHORES PREÇOS
SÉCIA
BOUTIQUE
31 - Rua da Conceição
Telefone 30546 — Lisboa

SEMANA DO CONTRIBUINTE

IMPOSTO COMPLEMENTAR

Obrigações dos contribuintes individuais.
Mês de Fevereiro de 1959

DECLARAÇÃO MODELO/1 — A apresentar nas secções de finanças dos concelhos e bairros, com excepção do da residência, onde o contribuinte possua rendimentos sujeitos a imposto complementar.

DECLARAÇÃO M/1-A — A apresentar ás entidades processadoras de vencimentos, pensões ou rendas, etc., desde que os rendimentos do contribuinte, adicionados áqueles, perfaçam quantitativo superior a 60.000$00 (artigo 1.º do decreto n.º 42.101, de 15 de Janeiro de 1959).

Regulamento do Imposto Complementar, artigo 13.º, §§ 1.º e 2.º.

CONTRIBUIÇÕES GERAIS DO ESTADO

Reclamar, no prazo de 90 dias a contar do dia imediato ao da abertura dos cofres para a sua cobrança, a anulação por qualquer erro havido nos lançamentos.

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL

Prédios urbanos ou andares devolutos.

Segundo as disposições contidas no artigo 190.º do Código da Contribuição Predial, quando o prédio ou parte do prédio urbano ficar devoluto durante um ou mais meses do ano, o proprietário ou usufrutuário terá direito á anulação dos correspondentes duodécimos da colecta.

Para esse efeito terá o proprietário do prédio, de participar o facto á secção de finanças do concelho ou bairro da área da situação do mesmo prédio, no prazo de 15 dias, contados da data em que se verifique que o prédio no todo ou em parte, está devoluto, sem mobília e com escritos apostos (decreto n.º 20.549, de 25 de Novembro de 1931, artigo 2.º).

Obs.: — No entanto a lei não estabelece qualquer penalidade pela não apresentação dentro daquele prazo (15 dias) da declaração sobre o prédio urbano ou andares devolutos; mas, *do seu não cumprimento*, resulta que o senhorio (proprietário ou usufrutuário) apenas terá direito ao reembolso (anulação) da colecta correspondente aos duodécimos completos dentro do período que tiver decorrido a partir da declaração de o prédio estar desocupado, até o fim do ano em que tal facto se verificar.

CAMISAS
Popelinas inglesas
Os melhores preços
TORRE EIFFEL
104 — Rua do Carmo — 106

— Então!... Qual dos senhores se chama Jorge?

Pequenas notícias

PELA POLICIA

UMA QUADRILHA DE PRIMÁRIOS — A Polícia Judiciária tem quase esclarecidos os multiplos assaltos praticados por uma audaciosa quadrilha de primários, que durante cerca de um ano fizeram da linha do Estoril seu campo de manobras, como o «Diário de Lisboa» oportunamente noticiou.

Os componentes da quadrilha — Edmundo Coragem de Matos, Augusto Henriques Marques, António Fernando David Nunes, Joaquim Pires de Oliveira e Hernani Marta Nunes — esclareceram a maneira como se introduziram em várias residências, quase todas elas desabitadas, de onde furtaram roupas, joias, telefonias, tahleres e dinheiro. Os investigadores ainda conseguiram apreender grande parte dos objectos roubados.

ROUBOU UM RADIO — Vai ser enviado ao Tribunal um processo, no qual Laurinda Madeira Costa, que em tempos residiu em Almada, na Rua C á Rua dr. Oliveira Salazar, 8, 1.º, dt.º, é acusada de, por meios fraudulentos, ter conseguido apanhar, a uma firma da capital, um aparelho de rádio no valor de 1.950$00. Após a consumação do acto a acusada pôs-se em fuga sem que, até hoje, a Polícia conseguisse deitar-lhe a mão.

PELOS HOSPITAIS

DESASTRE MORTAL — Morreu no hospital dos Capuchos, onde entrara, há dias, o cobrador António Eduardo Luís e que, numa povoação perto de Abrantes, chocara com uma bicicleta quando seguia noutro velocipede.

HOMENAGEM
ao director da Escola de Medicina Veterinária

Na segunda-feira, ás 12 horas, o corpo docente da Escola Superior de Medicina Veterinária presta homenagem ao seu director, sr. prof. dr. Abreu Lopes, que, a seu pedido, vai deixar aquele cargo, desempenhado largos anos com isenção, inteligência e carinho. Além do reitor da Universidade Técnica, prof. dr. Moses Amzalak, assistirão ao acto muitos professores universitários e outras altas individualidades.

A competência
para nomear professores

O conselho consultivo da Procuradoria-geral da Republica votou um parecer que conclui assim: «As camaras municipais que assumam a responsabilidade pela manutenção de cantinas escolares do respectivo concelho não gozam do direito de indicar professores para vagas nas escolas servidas por essas cantinas».

DE LUTO

D. Maria Portela Barreiro

Faleceu ontem, de manhã, na sua propriedade de Aranza-Souto Mayor (Galiza) — de onde era natural, a sr.ª D. Maria Portela Barreiro, de 75 anos, viuva de Manuel Sobral Alvarez, que foi comerciante em Lisboa. Era mãe dos srs. Claudino Sobral Portela, sócio do restaurante «Gambrinus»; Florêncio Sobral Portela, industrial de hotelaria em Lisboa; e Agostim Sobral Portela e das sr.as D. Dolores Sobral Cimas e D. Rosa Sobral Cimas; e sogra dos srs. Francisco Cimas Barreiros e Eduardo Cimas Barreiros, ambos comerciantes em Lisboa.

O seu funeral realizou-se esta manhã para o cemitério daquela localidade espanhola.

D. Justina Pinto de Oliveira

Faleceu a sr.ª D. Justina Pinto de Oliveira, de 61 anos, natural de Minde (Porto de Mós), viuva, irmã da sr.ª D. Joaquina Alves Pinto Baptista. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, pelas 12 horas, da basílica da Estrela, para o cemitério da Ajuda.

Preços de suinos
no mercado de Évora

No segundo mercado de gado suino da temporada, em Evora, verificaram-se os seguintes preços: perna de porco a 180$00 a arroba, para o publico, e a 160$00 e 165$00, para os negociantes; porcos de 40 a 60 quilos, a 10$00 o quilo.

PUBLICAÇÕES

«Revista Militar»

Foi agora publicado o fascículo de Dezembro da «Revista Militar», cujo sumário é o seguinte: «A Pesquisa Operacional ou Ciência-Base da Decisão»; «O Mundo Naval no ano de 1958»; «O Serviço de Intendência perante as novas concepções de guerra», crónicas militar e aeronáutica; Bibliografia e Indices.

«Os Transportes»

«Os Transportes», quinzenário de que é director e editor o sr. Joaquim Rosendo, vai passar a publicar-se semanalmente, aos sábados.

DISCOS
Mercury
AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

Os bombardeiros estratégicos
com bombas nucleares
deixam de permanecer em voo de alerta sobre o território dos Estados Unidos

WASHINGTON, 31.—Foster Dulles teve uma reunião de trabalho sobre desarmamento, com os seus principais conselheiros.

Um informador da Secretaria de Estado qualificou a reunião de simples «rotina» e deu a entender que uma das questões abordadas foi a das medidas a adoptar para garantir um país contra qualquer ataque de surpresa. Acrescentou que o Governo continua a estudar atentamente os relatórios sobre a Conferência de Genebra.

O Pentágono anunciou, oficialmente, que o alto comando decidiu não manter no ar, em estado permanente de alerta, os seus bombardeiros estratégicos, portadores de bombas. Tornou publica esta decisão depois das declarações feitas pelo general Thomas Powers, chefe do «Strategic Air Command» á comissão senatorial de preparação militar.

O general Powers indicou, nessa altura, que os aviões do seu comando não estavam agora em patrulha de alerta permanente, declaração contrária aos rumores persistentes sobre o estado constante de alerta dos bombardeiros estratégicos, alguns dos quais transportando armas nucleares.

No entanto, crê saber-se que, para ripostar a eventual ataque de surpresa, alguns bombardeiros pesados estão continuamente de prevenção no solo. Estes aviões podem descolar um quarto de hora depois de avisados pelas estações de vigilancia situadas no Norte do continente americano, e representam cerca de um terço dos efectivos do comando aéreo estratégico. Há aparelhos constantemente em voo, mas em missões de treino e não em operações incluidas num alerta aéreo organizado. Dizem, de boa fonte, que, pelo menos, cem aviões pesados ou médios estão sempre em voo, para treino, sendo alguns portadores de bombas nucleares. — (France Presse).

Assinalam-se progressos na Conferência de Genebra

GENEBRA, 31. — A conferência sobre a suspensão das experiências nucleares depois de três semanas de discussão sem resultados tangiveis, deu ontem um grande passo em frente. As três delegações apresentaram propostas que encaminham o debate em via construtiva.

A delegação americana propôs que os signatários do tratado para a suspensão das experiências com armas nucleares possam proceder a experiências com fins pacíficos, sob vigilancia de uma comissão especial. A delegação russa acolheu a proposta com reserva, mas declarou que a estudaria.

A delegação britanica viu aprovada a sua proposta para a criação de um grupo de trabalho que ficaria encarregado de estudar, no plano técnico, a questão do pessoal que há-de compor os postos de fiscalização. Este grupo de trabalho compor-se-á de dois técnicos por país, e reunir-se-á todos os dias de manhã.

A delegação soviética apresentou, por sua vez, uma lista de questões da competência da comissão de fiscalização, as quais necessitam de votação por unanimidade.

Quanto ás explosões nucleares com fins pacíficos, os sábios ingleses e americanos entendem que estas deveriam fazer-se para bem da Humanidade. Pode recorrer-se a tais explosões para descobrir jazigos de petróleo, explorar zonas de grande extensão em que camadas de areia (como no Canadá) cobrem enormíssimas quantidades de alcatrão, desviar o curso de rios, deslocar montanhas, etc. Segundo a proposta americana, um país que pretendesse efectuar uma experiência destas deveria pedir autorização á comissão de fiscalização, indicando o lugar, a data e o objectivo da experiência, com quatro meses de antecedência da data da explosão.

A respeito da lista das questões da competência da comissão de fiscalização que poderiam ser sujeitas a veto, as delegações ocidentais entendem que poderá chegar-se a acordo quanto a algumas dessas questões, mas que a respeito de outras a votação deverá ser maioritária.

É de prever que as três delegações aproveitem o fim de semana para estudar profundamente estas importantes propostas, cuja discussão se iniciará na próxima semana. A próxima sessão está marcada para segunda-feira á tarde. — (France Presse).

2.ª TIRAGEM RESERVAS DA A. F. L.

Os encontros desta tarde
foram ganhos pelos grupos do Belenenses, Sporting, Atlético e Estoril

Com os encontros correspondentes á 3.ª jornada continou esta tarde o campeonato distrital de reservas da A. F. L., destinado aos clubes, seus filiados, que participam nos «Nacionais» das 1.ª e 2.ª Divisões. Foi a vez do Benfica folgar e dos quatro encontros realizados, os que maior interesse despertaram foram o Sporting-Torriense e o Atlético-Oriental.

Do que se passou nos vários campos damos a seguir breves notas.

Belenenses, 10—Sacavenen., 0

Jogo no Estádio do Restelo (treinos). Os grupos alinharam:

BELENENSES—Fernandes; Leonel e Paz; Amandio, Castro e Marçal; Adelino, Abdul, Bendes, Miguel e Catete.

SACAVENENSE — Vasco Santos; Alvaro e Pinto; Abreu, Cardoso e Pereira; Serra, Silva, Ribeiro, Martins e Costa.

Arbitro — Virgilio Salgado.

Os primeiros 45 minutos decorreram com vantagem para os «azuis», tendo, no entanto, os Sacavenenses, em alguns contra-ataques procurado acercar-se da baliza belenense. Os donos do campo marcaram três golos na 1.ª parte, por Amandio, Paz e Marçal, aos 18, 31 e 36 minutos.

A 2.ª parte foi de intenso domínio dos «azuis» que elevaram a marca para 10-0 graças a golos marcados por Abdul (2), Mendes (3), Miguel e Rogério.

Atlético, 3—Oriental, 1

Jogo na Tapadinha. Os grupos formaram:

ATLÉTICO—Passo; Correia e Almiro; Mega, Vítor Manuel e Carlos Alberto; Tomás, Galinho, Guerreiro, Espiga Lopes e Florival.

ORIENTAL — Augusto; Mendes e Morais; Cordeiro, Siborro e Mário; Vasco, Santos, José Luís, Adolfo e José da Silva.

Árbitro—Manuel Luís.

Na primeira parte o jogo foi fraco sob o aspecto técnico e ao intervalo havia um empate a uma bola. Marcou primeiro o Oriental (aos 13 minutos) por José da Silva e o Atlético igualou (aos 45 minutos), por Mega.

Na 2.ª parte, o Atlético formou, sem duvida, a melhor equipa no terreno, justificando o resultado final. Espiga Lopes foi o autor dos dois tentos, aos 18 e 30 minutos.

Estoril, 7—Arroios, 1

Jogo no campo da Amoreira. Os grupos alinharam:

ESTORIL — Carvalho; Brito e Albano; Beijinho, Galvão e Rosales; Cunha, Ferrão, Caracol, Palmiro e Gonçalves.

ARROIOS — Machado; Daniel e Jorge; Vasco, Quintela e Peres; Couto, Brito (depois José Maria), Martins, Tomé e Roque.

Árbitro — Mário Pinto.

Até ao intervalo o Estoril teve vantagem, compensada com três golos, da autoria de Gonçalves, Caracol e Ferrão respectivamente, aos 17, 25 e 43 minutos, não tendo o Arroios marcado.

O jogo veio a terminar com o resultado de 7 a 1, a favor dos locais, que dominaram francamente na 2.ª parte. Martins, reduziu a diferença para 1-3 e os estorilistas responderam com quatro golos de Caracol (2) e Cunha (2).

Sporting, 3—Torriense, 1

Jogo no Estádio «José Alvalade». Os grupos formaram:

SPORTING — Pereira; Peiroteo e Palcje; Pérides, Galaz e Valente; Óscar, Caraballo, Morais, Diego e Cafum (depois Carlitos).

TORRIENSE — Pinheiro; Bernardes e Luís; Margaça, Belchior e Manuel Carlos; Jerónimo, Brás, Aníbal, Narciso e Carimbo.

ÁRBITRO — Ilídio Cacho.

A primeira parte decorreu com domínio técnico e territorial do Sporting, que ao intervalo vencia por 3-1. Os golos foram obtidos por Morais, Óscar e, de novo, Morais, respectivamente, aos 9, 12 e 29 minutos. O Torriense fez o seu golo, aos 31 minutos, por Narciso.

Na 2.ª parte, os «leões» dominaram, sem, contudo, jogarem bem. Por isso e pela boa exibição do «keeper» torriense o resultado manteve-se.

Uma redução
nas forças armadas da Rússia

MOSCOVO, 31. — O Governo soviético procedeu agora a outra redução das suas forças armadas, de acordo com a decisão do Soviete Supremo, tomada em 21 de Debembro de 1957. Dos 300.000 homens agora cortados aos efectivos, 41.000 estavam estacionados na Alemanha Oriental e 17.000, na Hungria.

Com esta redução, a U. R. S. S. passa a ter 3.650.000 homens a prestar serviço militar. A este numero deve acrescentar-se 400.000 elementos das forças de segurança. — (France Presse).

Comentários em Londres

LONDRES, 31. — A decisão tomada pelo Governo soviético, de reduzir 300.000 homens nos seus efectivos militares «está no sentido da redução das nossas próprias forças militares» — declarou um informador do «Foreign Office», o qual acentuou, no entanto, ser difícil apreciar o alcance exacto da medida, pois o Governo de Moscovo nunca divulgou a cifra total das suas forças armadas.

Acentua-se que, segundo cálculos, geralmente aceites, é de 4 milhões e meio a cifra das forças convencionais russas, muito superior á de qualquer exército ocidental.

Na idade atómica, o numero de combatentes é, no entanto, menos importante que a qualidade dos seus armamentos — acrescentam os mesmos meios, que citam vários testemunhos ocidentais, segundo os quais o equipamento técnico do Exército soviético continua a ser de primeira ordem. — (F. P.).

As experiências
com projécteis balísticos

CAPE CANAVERAL, 31 — Durante a noite, foi aceso o 25.º missivo balístico de alcance intermediário, «Thor». O lançamento decorreu normalmente. O engenho estava equipado com um projector potentíssimo (17 milhões de velas) destinado a permitir que camaras especiais registassem a largada. O alvo situa-se a 1.700 milhas no Atlantico. — (F. P.).

Ultimas notícias

Não há vestígios
do navio dinamarquês

HALIFAX, 31 — Uma traineira alemã e um avião americano, procedendo a buscas no mar varrido por ventania gelada ao largo da Gronelandia, comunicaram, hoje, não ter encontrado vestígios do navio-motor dinamarquês «Hans Hedtoft», que se estava a «afundar lentamente» depois de ter chocado, durante a noite passada, com um «iceberg». — (Reuter).

Correm boatos
sobre a fuga de Perón

BUENOS AIRES, 31 — Correu, nesta cidade, que o ex-presidente Juan Perón partira secretamente de Ciudad Trujillo na Republica Dominicana, para destino desconhecido. Desde já, aventam-se duas hipóteses: ou que teria partido para a Eurova ou que prepararia o seu regresso, no mesma altura em que o presidente Frondizi volta a Buenos Aires da viagem aos Estados Unidos. — (F. P.).

Trágico incêndio
numa casa de saude

CHICAGO, 31 — Foi revelado, de madrugada, que morreram nove pessoas no incêndio na casa de saude de Gleen Elyn, a cerca de 53 quilómetros desta cidade. Estavam ali cerca de 26 pessoas quando irrompeu o fogo e as que perderam a vida encontravam-se no segundo andar do edifício quando o telhado abateu.

Julga-se que o incêndio principiou num armário da cozinha. — (R.).

Uma conspiração
contra a vida de Nasser?

LONDRES, 31 — A Polícia Secreta jugoslava avisou os Serviços de Segurança egípcios de que os comunistas estão a preparar activamente o assassínio do presidente da Republica Arabe Unida, coronel Nasser—revela hoje o «News Chronicle». — (A. N. I.).

Lotaria do Carnaval
1.º PRÉMIO
3.000 contos
(nas duas séries)
extracção a 6 de Fevereiro
Bilhetes a 70$00
Quintos a 14$00
Façam quanto antes os seus pedidos ao
Quiosque Tivoli
ou ás suas sucursais de
LISBOA — PORTO
Pelo correio mais 2$50 para registo
Não se envia jogo á cobrança

Compagnie Maritime des Chargeurs Reun s
DE LISBOA PARA:
VIGO E LE HAVRE
P/M «Louis Lumière» em 16 de Fevereiro
PARA:
RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEU E BUENOS-AIRES
P/M «Claude Bernard» em 20 de Fevereiro
OS AGENTES GERAIS
JOÃO DE BRITTO, LDA.
LISBOA: Cais do Sodré, 36 Telef. 32353/4
PORTO: R. Mousinho da Silveira, 6-1. Telef 23881/2

Para todos os motores
VELAS CHAMPION DE IGNIÇÃO TOTAL
ETP VT

Tágide No Restaurante
das 23.30 às 4 da manhã
«SOUPE A L'OIGNON»
Serviço especial de Ceias
(Reservado o direito de admissão)

RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS — Telefone 14
O maior CARNAVAL do ano, no mais castiço ambiente do Ribatejo PREÇOS: Sábado, Domingo, 2.ª feira e 3.ª feira (DIA): 65$00 por pessoa (sem taxas incluidas). 3.ª FEIRA (NOITE) — Em colaboração com os PARODIANTES DE LISBOA — 80$00 por pessoa (sem taxas incluidas). Incluindo o direito a almoço, jantar ou ceia. CHÁS DANÇANTES: Consumo minimo 25$00 por pessoa. Informações e Reservas em Lisboa Telefone 770320
(Maiores de 15 anos)

Palm Beach Hoje, às 23,45 h.
SUZY SOLIDOR
No mesmo programa
Helena Tavares — Ivone e Clara
Maria Candal
Adultos (Maiores de 17 anos)

Em ALCACER DO SAL o «Diário de Lisboa» é vendido por José Maria da Silva.

Os isótopos radiactivos estão prestando assinalados serviços ao homem, nos diferentes ramos da ciência. A Medicina acaba de os pôr ao seu serviço com pleno êxito. A sua utilização permite verificar, por exemplo, que os tecidos ósseos não são de maneira alguma inertes. Injectando-se cálcio radiactivo nas veias de um rato de ensaio, verificou-se que ele permanecia no sangue durante 10 segundos; trinta segundos depois começava já a afluir nos tecidos ósseos. A gravura representa uma demonstração da utilização dos isótopos radiactivos para o estudo do corpo humano — esta máquina complicada que, a pouco e pouco, vai perdendo todos os seus segredos...

magazine

NOMES DE ONTEM PRESENÇA DE SEMPRE

Frederico da Prussia e Voltaire

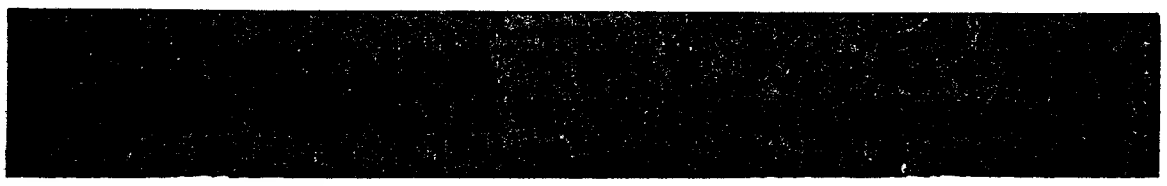
POR
MARIA JOSÉ MARINHO

Frederico, o Grande, da Prússia, escreveu, na sua juventude fogoso ensaio contra o «Príncipe» de Maquiavel. Propunha-se, como diz na introdução, «tomar a defesa da humanidade contra esse monstro que o pretende destruir». O monstro era o pobre Maquiavel que nem do ponto de vista teórico merecia esse nome, e o defensor da humanidade um futuro rei, dos mais impiedosos e ambiciosos da história europeia.

Quase tudo aquilo que Maquiavel justificava do ponto de vista político e que Frederico condenava com brados de sagrada indignação, quase tudo ele iria pôr em prática: guerras ofensivas, geradas na ambição, abandono dos aliados, sacrifício da paz e bem-estar do seu povo...

E' estranho pensarmos que ao cair nessa terrível contradição, Frederico se tornava um discípulo de Maquiavel, não só porque segue as directrizes propostas pelo florentino acerca da arte de governar, mas também na medida em que este defendia que o proce-

(Continua na 7.ª página)



As empresas de difusão da cultura dispõem hoje dum extraordinário poder de penetração nas massas; têm meios nunca conhecidos para orientar a opinião — e tanto mais quanto mais fortes industrialmente. Pergunto: qual é o seu critério de cultura, qual é a sua orientação? Podemos pôr duas hipóteses:

Primeira: seguindo um critério imediatamente comercial, procurando a expansão pela expansão elas procuram acompanhar e estimular as inclinações mais fáceis do público, os seus hábitos, a sua inércia, a sua preguiça mental. E' o que leva á exploração do sex-appeal, *das histórias policiais, do sentimentalismo convencional, das histórias de quadradinhos—, da psicose desportiva, etc. E' o nivelamento por baixo; são os meios de educação postos ao serviço da deseducação, os meios de cultura postos ao serviço da incultura. E' a gregarização do publico, a despersonalização, a destruição da verticalidade. Certo que existem nas massas outras virtualidades, outros interesses possíveis, positivos e construtivos. Mas o seu aproveitamento exige maior esforço e é portanto — comercialmente falando — menos interessante.*

POR
ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Segunda hipótese: o critério é só mediatamente, indirectamente comercial. Isto é, não interessa tanto a esses meios de difusão da cultura a conquista rápida do publico como a defesa estratégica das organizações económicas a que estão ligados. Neste caso as empresas industriais de difusão da cultura têm um pensamento próprio. Mas qual? Trata-se de comércio, de alto comércio, se quiserem, não se trata de cultura. E o comércio, o alto comércio, é que vai dar nesta hipótese o critério que selecciona e interpreta a informação. Temos a informação condicionada, a publicidade sob a máscara da informação.

E passo a outra pergunta: uma

(Continua na 7.ª página)

Diario de Lisboa

SUMÁRIO

Impressões de Itália
DULCE REBELO

A Imprensa, seus problemas e responsabilidades
ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Figuras de sempre
MARIA JOSÉ MARINHO

Fim de semana feliz
CICERONE

Ouvir bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON

A Termita — um exemplo de organização social
HELENA COSTA DIAS

Postal ilustrado
MANUEL AGRA

Um certo Mr. Stanley
ALFREDO BRÁS

O cidadão Borges Carneiro
AUGUSTO DA COSTA DIAS

Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES

Saiba comer
MARIA CAROLINA FREITAS

Histórias de mineiros
MANUEL DO NASCIMENTO

Ganhe cem escudos com um sorriso nos lábios

FIM DE SEMANA FELIZ
para onde vai amanhã

Advogado não quero agora discutir se é bom, se mau ofício. Certamente que será mau ou bom consoante o uso que se lhe der. Como se costuma dizer «isso é como todas as coisas». Mas para mim, todas as vantagens que houvesse, é que eu não o queria. Só por isto: não conheço nada de mais ingrato do que dar um conselho, pelos motivos que, conforme ao depois vim a averiguar, fazem parte da experiência dos novos, ou da sabedoria, como também ouço dizer. Se o conselho prova bem, a vaidade pertence a quem o segue; se prova mal, todo o peso da reprovação e da sua fama recai no que o dá.

O ti João Lampreia, marinheiro velho de uma terra que tem mais deles do que o mar tem de conchas, apreciava «dar o seu lanço» que o mesmo significava dar a sua opinião. Isso porque pensava na obrigação de cada um em ajudar o parceiro a puxar a rede. E acrescentava invariávelmente a seguir a cada opinão que emitia:

— Olha, meu rapaz, ouve e fica naquilo que te parece. Antes de resolveres pensa no caso seis vezes...

— Ih, tantas, ti Lampreia?

— Não são de mais! Três por ti — e três por quem te aconselhou!

Como bom marinheiro o ti Lampreia achava que estar preso a mais de um cabo é o segredo das boas atracagens!

Pela primeira vez quero que o elogio em boca própria não seja vitupério. E sempre digo que me tenho havido nos conselhos que dou aqui com exemplar bom senso e conhecimento das circunstancias Prova-o não ter chegado até mim qualquer reclamação no que importa á qualidade do passeio ou do local aconselhado como sendo o melhor. Até, se me permitem, vou agora relatar um facto curioso.

Certa ocasião em que não fora possível deslocar-me, conforme projectava, a certo local na berlinda para a semana seguinte, dou comigo ás voltas e mais voltas a perguntar-me o que devia aconselhar aos leitores desta secção. «Pois vou dizer-lhes que fiquem em casa, a viajar á roda do quarto, conforme já dera exemplo o Xavier de Maistre (que, no dizer de Almeida Garrett, se vivesse num clima doce como o nosso, não deixaria pelo menos de ir até ao quintal...». Meu dito, meu feito. Pois não querem saber que a esse conselho de recurso me responde um leitor alfacinha agradecendo o alvitre e acrescentando que fora dos dias mais tranquilos e mais felizes passados nesse Outono!

Hoje, não senhor, não vou aconselhar que fiquem em casa. Vou dar-lhes uma sugestão que, se não erro, vem a ser a terceira vez que dou enquanto o «Magazine» é gente. As duas primeiras para falar de sol, de mar, de sombras, de acácias, de crianças; desta vez para falar de desolação e de tristeza. Aconselho-te, leitor, a que dês um salto amanhã até á *Caparica*.

De tristeza? Pois é. Quem já viu e quem vê agora o areal imenso! Antigamente (e este «antigamente» vale só três anos!) chegava a gente á praia e antes que visse mar era um tempo infinito. Pois hoje estendemos o braço e tocamo-lo. Com um arreganho de ameaça, o leão come fatias da praia umas atrás das outras. Das casinhas de boneca existentes na faixa até Santo António, nenhuma existe incólume. Tiveram de ser arredadas, em peso, e agora lá estão, ruínas pobres de um sonho que tantos anos acalentei! Pilares caídos, janelas esventradas, pinturas comidas pelo salitre e pela desgraça... Ali junto á «Estrela do Norte» havia um balancé... E um solar de sete anõezinhos... E umas escadas mansas por onde calmamente descíamos para a felicidade...

Havia... Hoje, lá em baixo de uma duna de alguns metros, ruge o mar raivoso. Ali, onde crianças brincavam...

— Isto é uma tristeza meu senhor, é uma tristeza! — diz um pescador velho. — E quem sabe lá até onde isto vai. Quem te viu e quem te vê, ó praia! Eu, meu senhor, sou do tempo em que íamos ao Bugio a pé!...

Sim, leitor, vai amanhã até á Caparica. Nos momentos maus é que se conhecem os bons amigos. Sentirás, talvez, o coração alanceado de tanta ruína e tanta desolação — mas não importa. Amá-lo-ás melhor, amanhã, porque melhor compreenderás o preço da felicidade.

CICERONE

UM CERTO SENHOR STANLEY

POR
ALFREDO BRAZ

Livingstone, o homem que Stanley deveria procurar no interior da selva africana, era um missionário e médico inglês que viveu vinte e oito anos em Africa — quase metade da sua vida — e ajudou, como poucos, a preencher o branco geográfico do mapa de África. Toda a parte do continente africano compreendida entre os 4 e os 22 graus de lat. S. foi revelada por ele nas suas linhas gerais. Descobriu o Zambeze e o lago Niassa e foi o primeiro a ver as cataratas Vitória.

David Livingtone afastou-se, porém, do tipo característico dos missionários britanicos, vanguarda dos conquistadores militares e económicos, espécie de enérgicos caixeiros-viajantes da ideia cristã empenhados em arrebanhar rápidamente para o cristianismo a alma dos Negros pelo processo superficial do baptismo, muitas vezes forçado, e das exterioridades do culto. O grande ex-

(Continua na 3.ª página)

GANHE 100$00 com um sorriso nos lábios

Constata-se que a palavra «PRIMA» é uma grande musa inspiradora. O vencedor do concurso criou a obra das tias. Houve dissertações matemáticas, gramaticais, musicais, bíblicas e sibilinas. Falou-se na diferença entre o antes e o depois. Registou-se alta percentagem de «sorrisos amarelos»

Tudo isto, nesta semana! Era de esperar, pois a palavra *prima* tem fortes poderes sugestivos. Por isso mesmo se registou uma alta percentagem de suicídios — ou seja de concorrentes de «sorriso amarelo»: todos eles se perderam com a palavra, ou então julgaram que ela era vazadouro de lixo. Enfim, haja coragem!

O vencedor do concurso desta semana deu-se ao luxo de criar, em Portugal, país de obras, mais uma «obra». Afirma o sr. (ou senhora?) F. B. — Vivenda Azul, Carcavelos que

«Prima — é a Obra da Tia».

Desejo o melhor futuro a esta nova Instituição e só lhe auguro que ela se torne tão duradoura como a sua colega de Santa Ingrácia — obra, como sabem, que já dura há séculos.

O nosso indispensável, insubstituivel leitor sr. E. Läss (Coimbra) mandou-nos um bom atado de respostas. A melhor filia-se naquela categoria do «Antes e Depois». Leia-se:

Prima — é aquela criança embirrenta com quem nós não queremos brincadeiras, e que, mais tarde, ao fazer-se uma bela mulher, passa a não querer brincadeiras connosco.

Tire as reticências, amigo Läss, que a definição é esplêndida sobretudo sem elas.

O sr. A. B. (de Lisboa) pertence á mesma categoria do «Antes e Depois»:

«Como afirma Julio Dinis: «Era minha priminha, quase minha irmã...». Quer dizer: em pequena para a brincadeira, em grande para companheira...

Em estilo prudente, é o melhor que se pode arranjar. E tem a vantagem de se arrimar aos bons autores.

O sr. Ramiro Libano Monteiro, de Lisboa-1, inspirado pelos seus estudos algébricos, considerou que não bastava a existência do sinal negativo e do sinal positivo, para satisfazer as suas ambições. Criou outro sinal, com a vantagem de não ser nem sinal de chuva, nem sinal a meter nas mãos do senhorio:

Prima — diz ele — **é o sinal de contradição entre uma noiva e uma irmã.**

E' profundo. Fica na antologia do «Sorriso nos Lábios».

Como sempre, há sempre quem, a propósito do que não vem a propósito, se lembre dos «infieis maridos». Lembra-me aquele examinando a quem o professor de História perguntou o que sabia sobre os Faraós do Egipto. «Bom — responde o mocinho — nas guerras punicas...». Escandalizado, o mestre perguntou-lhe o que sabia sobre o comércio dos fenícios. E o menino: «Bom, senhor doutor, nas guerras punicas...».

O professor fez dez perguntas e todas elas tiveram a mesma recepção: «Bom, senhor doutor, nas guerras punicas...».

Pois a sr.ª D. Irene Santos (Amadora) e o sr. Alberto Silva, do Porto, também acharam que... no tempo dos «maridos infieis». Diz aquela nossa prezada leitora:

Prima — é a maior defesa do sexo forte. Para estes todas são primas nos momentos críticos.

E o sr. Alberto Silva:

Prima é o grau de parentesco que o marido costuma dar á esposa quando tem devaneios amorosos.

Tudo isto, já se vê, por causa das «guerras punicas».

Não faltou o adepto das congeminações filológicas. Desta vez é o sr. Carlos Paniágua Feteiro, das Caldas da Rainha, que nos manda esta proposição:

Prima: «predicado» que é muitas vezes o «complemento directo» de um «sujeito».

Em suma: Uma Oração que ficaria completa se não faltasse o «complemento indirecto». Veja lá o nosso amigo leitor se resolve o problema. Talvez se inspire com as «variações» musicais destes concorrentes.

Prima — toca o sr. Mário Ribeiro, de Lisboa — **se é da guitarra, é da «corda».**

E o sr. Arnaldo Camarinha (Lisboa-4):

Prima — corda de guitarra que, ou desafina ou rebenta, depois de muito tocada.

Em matéria de musica poderia haver, porventura, mais inspiração. Esta é muito dedilhada.

O leitor (?) de Carcavelos C. H. B. enviou-nos esta «mayonnaise»:

(Continua na página central)

MORSE

Notícias de todo o Mundo para toda a gente

A vida é o dia de hoje

O novo romance do católico escritor Greene

Um dos «best-sellers» do mês, na Grã-Bretanha é o romance de Graham Greene «Our man in Havana» («O nosso representante em Havana») que nos conta as aventuras de um representante da artigos eléctricos que um erro transformou em chefe dos serviços secretos britanicos em Cuba. Muita gente, em Londres, pergunta se a história não terá visos de verdade.

Em carta dirigida ao «Times», Greene verbera *a extraordinária ignorancia dos problemas cubanos de que dera provas a embaixada inglesa em Havana.*

Sabe-se que, desde Abril passado, a Inglaterra foi o principal fornecedor de armas do presidente Baptista. Esses fornecimentos terminaram apenas há três semanas, devido á intervenção de um deputado trabalhista.

O Foreign Office respondeu a Graham Greene:

Em Outubro ultimo, o presidente Baptista controlava sólidamente todo o território cubano, com excepção de uma pequena zona montanhosa.

Nova explosão de Greene:

Nessa altura encontrava-me eu em Cuba. Já então era impossível encontrar em Havana um unico chauffeur *que aceitasse conduzir-nos mais longe do que a praia elegante de Varadero, a 130 quilómetros da capital.*

Festa do Fim do Ano

A embaixada dos Estados Unidos em Tóquio acaba de informar o Governo japonês da decisão americana de conceder perdão aos 83 ultimos criminosos de guerra ainda presos.

Até aqui, nenhuma novidade, visto que o acto de pôr em liberdade os chamados «criminosos de guerra» já foi executado noutras partes do Mundo.

O que constitui novidade foi o embaraço, a dificuldade que experimentaram as autoridades locais em transmitirem a boa nova aos interessados. E isto pela simples razão de não saberem onde se encontravam...

...De facto, os «criminosos de guerra» tinham sido autorizados a passar o fim do ano com as famílias.

A City Perde; A Igreja Anglicana, ganha

De há uns tempos a esta parte, desenrola-se em Londres uma luta encarniçada pelo «contrôle» da British Aluminium, detentora de capital fabuloso. Os directores da B. A. estavam interessados em que a mesma ficasse na posse da companhia americana Alcoa, que lhes prometia mantê-los nos seus cargos. Mas um rival apareceu. Trata-se da Reynolds Metals, também americana concorrente da Alcoa, que ofereceu quase o dobro!

Era claro o antagonismo existente neste conflito, entre duas potências financeiras de alto nível: o grupo Lazards (conservador, conselheiro dos directores da B. A.) e o grupo Warburg (jovem, dinamico, conselheiro da Tube Investments).

Quando tudo fazia prever que a Tube Investments ia obter a vitória, a City resolveu intervir. Um grupo de representantes das catorze mais poderosas firmas de Londres, entre os quais se contavam dois directores do Banco de Inglaterra, um Bowes-Lyon, um Salisbury, os presidentes dos «cinco bancos» e o director do «Times», apresentou nova oferta em nome da Alcoa. Jamais se viu tão completa unidade dentro da City!

De nada lhe valeu. A Tube Investments conseguiu assegurar mais de 50 % das acções da B. A.

A «derrota dos 14» marca o fim de um velho mito britanico: o de invencibilidade da City.

O grande beneficiário neste negócio: a Igreja de Inglaterra, que retinha grande numero de acções da B. A. e que acaba de as ceder com um lucro superior a cinquenta mil contos...

GRANDEZAS E MISÉRIAS DA CITY

A City *é o coração bancário da Inglaterra e do Império, uma das grandes artérias por onde circula o oiro mundial, o santuário misterioso em que se decide da guerra e da paz, da fortuna de um homem e da ruina de milhares.*

A mole enfarruscada do Stock Exchange *com o seu imenso salão lajeado de mármores, a luz baça coada de alto, e o formigueiro negro dos corretores, que trocam entre si sinalefas cabalísticas, tem qualquer coisa de uma nave majestosa de catedral, de onde emana uma omnipotência divina.*

As fachadas dos bancos com as suas pesadas portas de mogno e as vidraças das janelas discretamente defumadas apresentam um ar banal, comum a toda a cidade, e se não fosse a azáfama frenética de uns sujeitos graves de chapéu de coco e volumosas pastas de cabedal, que entram e saem num rodopio constante, saltam para táxis, ou se afundam num carro de luxo, acolitados por um séquito reverente e obsequioso, a City pouco ou nada difereria de qualquer outro bairro de Londres.

Mas detrás daqueles reposteiros corridos, da vidraça defumada das janelas, que lembram uma clínica suburbana, abrem-se largas salas de conselho com tectos artesoados e paredes apaineladas, onde a luz brinca em reflexos cerosos numa severa respeitabilidade vitoriana. A todo o comprimento dos muros estão dependurados os retratos dos fundadores, de banqueiros de suíca parada e olhar descaído, os deuses titulares daquela casa que presidem ás reuniões dos seus descendentes e patrocinam do alto o deslindar dos meandros enredados da finança.

Fazer girar a riqueza, administrar grossos capitais, gerir caudais de oiro, especular nas flutuações da Bolsa, jogar no certo e inundar o Universo de milhões, que hão-de volver biliões aos cofres-fortes do banco, tornou-se, na verdade, um rito quase esotérico que deve ser conduzido sob a protecção dos avatares da tribo.

Todos os bancos guardam ciosamente uma tradição e ostentam seus títulos de nobreza no cunhal da porta. O famoso Rothschild conserva ainda, entre as suas relíquias históricas, a nota de pagamento de dois milhões de libras feita ao Exército de Wellington, e exibe no brasão cinco flechas, que simbolizam o caminho seguido pelos cinco irmãos que primeiro se dirigiram a Londres, Paris, Viena, Nápoles e Francfort — rosa-dos-ventos de um vasto império financeiro.

De modo que a City na sua pompa discreta infunde ao homem-da-rua um misto de temor e fascinação. Ela possui a chave de todos os sonhos, o segredo de um poder delirante e orgiástico, o condão de o libertar do ramerrão quotidiano e de lhe prodigalizar deleites de antigo nababo oriental. Banquetes regados a champanhe, «jaguares» cheios de loiras garotas engrinaldadas com todas as jóias da Coroa, iates para cruzeiros nos mares do Sul e uma ilha de coral doirada pelo Sol, onde a aurora é gorjeada em guitarras havaianas — um inteiro Carnaval hollywoodesco tornado realidade gozosa e brejeira, lenitivo fácil para as safadezas da vida... Tudo sonhos que o dinheiro pode comprar e a City cala na sua gravidade honesta e viuva...

Por outro lado ela surge aureolada de uma glória majestática e imperial, glória essa de que o Inglês da classe média é ainda ingénuamente guloso. A City manda, dispõe, decreta, e o Mundo gira como um berlinde aos jeitos do seu capricho. A City comanda o Universo, Jupiter tonante de chapéu alto, soberano igualado ao próprio Deus, que num lance de dados eleva um pelintra ás alturas, ou rasa ao pó da terra o mais alto imperador...

Ora a City *conheceu há dias horas dramáticas e enervantes que abriram um novo capítulo na sua história e apaixonaram a opinião publica mais profundamente que o mais renhido desafio de criquete.*

De subito apareceram notícias na Imprensa revelando que dois grandes gigantes do monopólio norte-americano, Reynolds Metals *e* Alcoa (Aluminium Co. of América), *disputavam entre si o contrôle da «Companhia Britanica de Alumínio»* (British Aluminium) *dententora de uma posição invejável nos mercados europeu e da Commonwealth.*

Esta cupidez por uma companhia cuja contribuição para a produção mundial do Ocidente é apenas de 3 %, explica-se pela recessão no próprio mercado interno dos Estados Unidos, que atingiu uma alta capacidade produtiva depois da guerra da Coreia. A baixa na procura está a causar uma viva ansiedade ás companhias interessadas, tanto qmais que o contrato de fornecimento ao Governo, que se viu obrigado a comprar em maior quantidade do que tinha previsto devido ás circunstancias, se encontra muito próximo do seu termo.

Daqui uma concorrência aflitiva pela busca de novos mercados e a atenção que a British Aluminium *veio a despertar.* Reynolds Metals *possuia já desde 1957 uma metade na quota da secção de fabrico da companhia inglesa* (Tube Investments), *e, valendo-se dessa prioridade, manifestou a intenção de comprar todas as acções da* B. Aluminium.

Começa então o duelo com Alcoa, *a rival poderosa, que está disposta a arrebatar as acções a 60 xelins cada.* Reynolds-T. Investments *replica com uma contraproposta a 78 xelins.*

O campo da luta está nitidamente definido, e os adversários, após uma tentativa frustrada de reconciliação por parte do Banco de Inglaterra, mostram-se mais inflexíveis do que nunca.

A curiosidade publica anda excitada, pois o orgulho nacional é susceptível ás vazas do compadre de além-Atlantico.

E' neste transe que a City, *a veneranda e poderosa* City, *a dispensadora de todos os sonhos irrealizados, se lança patrióticamente entre os dois colossos com o chapéu de coco, o guarda-chuva em riste e sete milhões de libras gordinhas para resgatar as acções a 82 xelins. Foi uma sensação, um pasmo, um jubilo colectivo, comparável á vitória de Waterloo, com uma ou outra lágrima rebelde nos olhinhos senis...*

Os homens que vinham assim á liça de peito descoberto não eram os representantes do grande capital, dos Grande Cinco bancos, mas gente recolhida e silenciosa, o nervo e a nata da City, *nomes ilustres da finança, Lazards, Hambros e aliados numa coligação nacional, chefiada pelos «bancos comerciais».*

Tinham, pois, o prestígio da banca comercial, considerada uma das profissões mais elegantes, prestígio que auferem de uma posição que lhes permite empreendimentos mais arrojados que os da banca ordinária e dos quans não poucas vezes colhem éxitos liberalmente compensadores. Nestes homens vibrava a fibra inquebrantável da velha Inglaterra, altiva, sem vaidade, digna sem ostentação.

De surpresa, na atmosfera carregada de emoção, Reynolds-T. I. joga um golpe espectacular e brutal, um murro rijo de pioneiro do Farocste, de mata-mouros campeiro e realista: adquiriria todas as acções que aparecessem no mercado. A notícia caiu como um raio e era um engodo diabólico a luzir em dólares, a açular um apetite de ouro que é como o ar que se respira.

E os accionistas mandaram o patriotismo ás urtigas, votaram ao olvido a dignidade vitoriana, fecharam os ouvidos aos tontos conselhos de umas avózinhas decrépitas, atónitas com a presteza com que a sua associação de beneficência acorria ao chamamento do tentador, e receberam o preço delicioso dos sonhos, banhando-se numa volupia de rosas.

O que depois se passa tem a banalidade de uma caixa registadora. Em menos de 24 horas Reynolds contava 45% das acções, e, em 9 do corrente, obtinha o poder absoluto com 80% do capital da «British Aluminum», que mudava de bandeira como um navio que se rende. Alcoa desinteressava-se e a companhia inglesa ficava sob a

(Continua na 7.ª página)

Um certo Mr. Stanley

(Continuação da 1.ª página)

plorador e puro missionário cristão que foi Livingstone esforçou-se, pelo contrário, durante um longo e difícil sacerdócio, por infundir entre os selvagens e os próprios colonizadores uma moral e uma forma de vida autenticamente cristãs.

Mas que enorme a diferença existente entre Livingstone e o seu «salvador» Henry Stanley! O primeiro amava a África, sentia-se portador de uma missão, não desejava ser encontrado e muito menos «salvo»; o segundo não tinha especial predilecção pelo continente africano e unicamente procurava servir com a maior eficácia o seu patrão e o publico, estabelecendo ao mesmo tempo um «record» jornalístico. Sòmente os aproximava a mesma viril energia, a mesma indómita coragem e idêntica serenidade britanica diante dos perigos.

Em Fevereiro de 1871, Stanley deu ordem de marcha aos 192 homens escolhidos para o acompanharem. Mas, a fim de manter vivo o interesse do publico pela sua reportagem, esqueceu-se de dizer o motivo por que se pôs justamente a caminho de Ujiji, nas margens do lago Tanganika, onde Livingstone, de facto, se encontrava. Diz-se, porém, que em Zanzibar, onde foi preparada a expedição, caravanas de Árabes o tinham informado de que o explorador-missionário ainda permanecia naquela localidade.

Não obstante os invulgares recursos de que Stanley dispunha para levar a bom termo esta sua primeira expedição — só o equipamento transportado pesava cerca de 6 toneladas —, seria errado supor-se ter ela constituido um fácil e ameno passeio pelas terras de África. Não faltaram dificuldades de toda a ordem: tribos árabes que reclamavam o pagamento de direitos de passagem, guerra com o chefe Mirambo, em Tahora, por este ter impedido a expedição de atravessar o seu território, doenças — em especial o paludismo de que Stanley sofreu trinta e três ataques — e, por fim, a ameaça da fome. A 29 de Outubro, o explorador-jornalista grava num tronco de árvore esta inscrição: «Tenho fome, H. M. S.» e cinco dias mais tarde, a 3 de Novembro de 1871, Henry Stanley e David Livinsgtone, encontram-se face a face.

Seria talvez de esperar que esse histórico encontro, em Ujiji, de um homem que vivia há tantos anos retirado da civilização com um outro que tinha levado nove meses a palmilhar as terras inóspitas de África e enfrentado inumeros perigos só para encontrá-lo, tivesse um aspecto fortemente emocional. Mas é bom recordar que se tratava de dois homens de rara energia e, ainda por cima, fleugmáticamente britanicos. A cena, tal como Stanley a descreveu, assemelha-se muito ao banal encontro de dois «gentlemen» num clube londrino:

«Avancei cautelosamente para ele e, tirando o chapeu, disse-lhe:

— E' o dr. Livingstone, suponho?

— Sim — respondeu com um sorriso amável, erguendo um pouco o barrete.

Pus de novo o chapéu e ele o barrete, apertámos um ao outro cordialmente a mão e eu disse em voz alta:

— Doutor, dou graças a Deus por me ter permitido vê-lo ao senhor.

— Também eu me sinto muito reconhecido por poder saudá-lo aqui.

E não teria sido a extrema fleugma de Stanley uma consequência do seu conhecimento de que Livingstone não estaria muito satisfeito por ter sido encontrado? De qualquer forma, a missão de que havia sido encarregado pelo sr. Gordon Benett estava cumprida. Livingstone recusava-se a ser «salvo» e decidia continuar em Ujiji e só restava a Henry Stanley regressar. E' certo que a viagem não tivera nenhum interesse para a Humanidade, mas apesar disso o jornalista aumentou enormemente a sua celebridade, recebeu uma medalha de oiro e foi admitido como sócio-correspondente da Sociedade Real de Geografia. A sua carreira de explorador estava começada.

Em 1873-1874 esteve novamente Stanley como correspondente da Imprensa na campanha inglesa de Ashântis. A sua experiência africana não fora, porém, esquecida e a noticia da morte de Livingstone despertou nele a vontade de completar a obra do grande explorador. Preparou-se, então, intensamente para o grande feito da sua vida, lendo narrativas de viagens, estudando cartografia e astronomia. Depois, sob o patrocinio do «New York Herald» e do diário londrino «Daily Telegraph», partiu para Zamzibar e ainda desta vez aí organizou a sua nova expedição.

Ocuparia demasiado espaço contar-vos pormenorizadamente o que foi esta extraordinária odisseia. Com Stanley partiram 356 homens, muitos dos quais tombaram pelo caminho, para essa viagem de 999 dias, de Setembro de 1874 a Agosto de 1877, através da Africa desconhecida. As epidemias, insurreições e perigos que a espantosa energia de Stanley conseguiu vencer, as trinta e duas batalhas que travou com os indígenas, fazem desta expedição qualquer coisa sem paralelo e foram eloquentemente por ele descritas no seu livro «Através do continente tenebroso».

Entre os descobrimentos realizados durante esta viagem merecem especial referência a circum-navegação do lago Vitória, o percurso do reino de Ungada, o encontro do lago Alberto e, finalmente, a descida do Congo, desde Nhangue até á sua foz e, com isto, a exploração de uma vastissima superficie do continente africano até então totalmente desconhecida. Tendo descoberto o maior dos rios de Africa e feito todo o seu percurso, Stanley realizara o feito culminante da sua vida.

O que depois se passou, as viagens que o jornalista-explorador efectuou pela bacia do Congo, de 1879 a 1884, por conta do rei dos belgas Leopoldo II, a maneira como estipulou tratados económicos com chefes indígenas e preparou a fundação do Estado do Congo, tudo isto já nada podia acrescentar á sua glória. Também o salvamento de Emin Pachá, ultimo feito de Stanley, nada foi comparado com a expedição do Congo. A carreira de Bula-Matari (o «Rompedor de Rochedos»), como o chamavam os indígenas, havia terminado. Depois veio o casamento, a vida acomodada e a morte, em 1904.

Os restos de Stanley, a quem foi negado um lugar na Abadia de Westminster, repousam num modesto cemitério de aldeia e sobre a enorme rocha que cobre o seu tumulo gravou-se simplesmente esta breve inscrição:

Henry Morton Stanley
Bula-Matari
1841-1904. África

Chega bem para um tão grande homem.

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

O guarda-chuva

Evidentemente, ninguém pode olhar com indiferença esta fotografia estranha recebida da Holanda: dois velhos sorridentes, quatro filhos, um rancho de netos e bisnetos e todos abrigados por velho e esfarrapado guarda-chuva...

Trata-se da família Waulvergein, a mais numerosa da região. São felizes, ao que parece. O mais velho, o sr. Rodolfo Waulvergein, parece também o mais jovem — talvez porque apresenta o sorriso mais fresco, mais limpido... Milagres de felicidade que, nos tempos conturbados de hoje bom era que se divulgassem para dar coragem e força aos homens...

Desde logo me chamou a atenção um pormenor: é que no primeiro plano estava o guarda-chuva; ali, a estrela da companhia era o pobre dele, velho, quase desfeito, quase só varetas que o mesmo é dizer, quase só esqueleto... Julguei, confesso, que se tratava de família dedicada ao fabrico dos simpáticos objectos, desejosa de chamar a atenção para o artigo— a boa moda da publicidade excêntrica americana...

Em breve me arrependeria deste pensamento, pois a história nascida e protegida pelo velho «Chamberlain» e deveras comovente. Para começar a relatá-la, se quisermos, há que recuar umas dezenas de anos...

Estamos na cidade de Antuérpia. E' noite. Chove torrencialmente. O mês de Janeiro não deixa os seus créditos por mãos alheias... Mas os homens não sofrem apenas das intempéries. A elas, somam-se agruras e infortunios gerados por deficiente organização social que, sendo indispensável para defender o homem, esquece a sua missão — e o aniquila, por vezes.

Estava-se em plena crise. Não havia empregos em quantidade suficiente — e este homem ainda novo, barbudo, com uma expressão de desalento estampada no rosto cizia, sem necessidade de palavras, o horror de cerros dias e de certas noites... Uma bátega monstruosa obrigou a procurar o beiral de um telhado curto demais para o pôr ao abrigo da chuva raivosa.

...Foi então que aquela moça, que se defendia com um enorme guarda-chuva, reparou nele, naquela figura macilenta, de gola do casaco levantada, numa tentativa pueril de defesa.

— Venha cá, o chapéu de chuva dá bem para nós os dois... — disse ela com um sorriso.

O homem hesitou. Mas não havia duvida, era com ele mesmo que a rapariga falava! E aceitou o convite.

Certamente, duas pessoas abrigadas do temporal pelo mesmo guarda-chuva, não deixam de trocar impressões sobre a chuva, o mau tempo, etc. Foi isso que Rodolfo (pois dele se trata) e Adélia fizeram. Animado pela expressão de bondade que via no rosto da rapariga, contou-lhe a sua situação.

— Tenha coragem — disse ela — Não esmoreça — e lute. Nunca faça mal a ninguém, e lute. Vencerá.

Pela primeira vez Rodolfo sentia perto de si o calor humano que reconforta, debaixo de um guarda-chuva sobre o qual a chuva atirava suas legiões de chicotes. E apesar de molhado até aos ossos, de enfraquecido por um longo, forçado jejum, desejava que a chuva não parasse mais — que o sonho não se fechasse mais, porque não se fechava o guarda-chuva... ...Mas a chuva acabou. A rapariga afastou-se... Discretamente, Rodolfo seguiu-a...

...Casaram no ano seguinte.

... ...

Nunca esqueci as palavras de Adélia naquela noite, debaixo deste guarda-chuva — diz o sr. Rodolfo Waulvergein ao jornalista— «Nunca faças mal a ninguém. Luta e vencerás».

E apontando o rancho de netos felizes á sua volta:

— Como está vendo, meu amigo, venci

A TERMITA — Um exemplo de organização social

POR
MARIA HELENA DA COSTA DIAS

A termita é uma espécie de formiga esbranquiçada (daqui também o nome de formiga branca), cujo comprimento não vai além de meio centímetro; sem carapaça, cega de nascença e de uma fragilidade assombrosa — um simples raio de sol pode provocar-lhe a morte, executa, contudo, um trabalho gigantesco e expande um profundo terror. Na verdade, ela possui uma força rustica e grande diligência. Na cabeça sem olhos, onde se alberga um cérebro rudimentar, tem longas antenas e mandíbulas finamente denteadas. Do torax partem três pares de patas que a fazem mover com incrível rapidez; o abdomen é mole e guarda um tubo digestivo forrado de diversos micróbios capazes de digerir a celulose da madeira. Nasce, vive e morre nas trevas, no subsolo e ao abrigo de galerias fortemente cimentadas. Tal como um silencioso mineiro, ela escava galerias, rendilhando toda a madeira que encontra, por mais rija que ela seja. Uma curiosa nota: este constante trabalho faz-se no silêncio das coisas, respeitando uma impecável aparência de conservação.

Segundo os naturalistas, a termita vem já da era secundária, portanto, simultanea com a saida dos pântanos dos grandes répteis aquáticos. Ela tem, nesse caso, a bonita idade de duzentos milhões de anos. Duzentos milhões de anos roendo, escavando, destruindo.

E' curioso comparar: a abelha e a formiga vivem «apenas» há 60 milhões de anos; o homem, há um milhão.

Mas só recentemente, há dois séculos, a termita foi descoberta pelo explorador inglês H. Smeathman. Voltando de uma excursão a África, apresentou um curioso trabalho sobre estes insectos, em que ninguém acreditou. Só a expansão colonial, já em pleno século XIX, veio confirmar as incríveis e ousadas afirmações do sábio inglês.

A termita tem uma biologia muito complexa, uma vida social extraordinária, organizada mais eficientemente que as formigas ou as abelhas. Supõe-se que existem 1.200 espécies diferentes de termitas, espalhadas por todo o Globo, mas apenas se conhecem algumas centenas delas. O seu estudo é moroso e extremamente difícil; é um insecto desconfiado, muito sensível aos ruidos e trepidações e organiza tão ràpidamente uma retirada em massa, que o homem, ao atingir o interior do seu viveiro, apenas encontra uma cidade deserta, abandonada ao assaltante. Esta cidade é, quase sempre, um mundo imenso subterraneo de galerias escavadas em todos os sentidos, com um sentido que revela um prodigioso instinto, e uma organização perfeita.

Com efeito, «a organização social» é das mais completas e eficientes. O trabalho é distribuido pelos soldados, operários e reprodutores. São tarefas tão especializadas que a própria configuração física nem mesmo permite qualquer mudança de emprego.

No cimo desta hierarquia, está o casal real, cujas funções são exclusivamente de manutenção da espécie e crescimento da colónia. Rei e rainha habitam uma célula especial, blindada, no centro da colónia e vivem apenas para a sua prole que rodeiam dos maiores cuidados. Uma vez em cada ano, as obreiras prolongam as galerias até á superfície da construção. Subitamente, abrem-nas para o exterior e deixam sair imensos insectos alados, prontos a constiuir um novo lar. E' o unico voo da sua vida. Ao tocar o solo, as grandes asas soltam-se e a termita tornou-se um insecto adulto. Pronto a fundar um lar, buscam o local propício, aos pares, e nele se instalam. Outra colónia vai principiar.

A sua curta vida exterior terminou. Não mais este casal sairá da sua camara blindada. Até morrer, a rainha não faz mais que pôr ovos que o rei vigia e ajuda a alimentar com desvelos paternais. A rainha torna-se enorme, atinge os dezasseis centímetros enquanto o esposo se mantém insignificante e pequeno como um príncipe-consorte. A fecundidade da termita real é espantosa: 36.000 ovos diários, durante dez anos! Um flagelo!

Os filhos saem dos ovos já a andar, mas exigem muitos cuidados e «biberão» até muito tarde. Os ovos são absolutamente iguais, e está por descobrir-se o mistério do processo que diferencia as termitas em três classes diferentes, com características diversas.

A colónia vive durante perto de 50 anos. Com uma cadência admirável, todos os anos, as portas se abrem e para o exterior saem milhares de insectos alados que irão dar futuras colónias. Claro que destes milhares, muitos não escapam ao apetite dos pássaros ou de outros insectos inimigos. Mas, infelizmente, ainda ficam muitos, para perocupação do homem.

As operárias são estéreis. Despidas, assim, de todas as veleidades sentimentais dedicam-se exclusivamente ao trabalho. A elas é dado recolher as madeiras, depois de a cortarem, que constitui o prato forte da colectividade; absorvem-na e lançam-na depois na boca do régio par, dos soldados, dos bebés e até dos adolescentes. Tratam dos ovos e dos recém-nascidos, recolhem folhas, cortadas finamente, em verdadeiros silos; abrem as galerias e limpam a cidade, tratam das culturas de cogumelos. Não que se alimentem deles; mas precisam da sua ajuda no trabalho difícil de digerir a celulose.

Os soldados, estéreis e cegos também, de enorme cabeça rectangular, vigiam a colónia e as obreiras no seu trabalho. Na cabeça prendem-se duas antenas entrecruzadas, extraordinàriamente fortes e cortantes. Algumas espécies que não possuem estas armas de defesa, deitam mão da guerra química. As antenas são então substituidas por uma espécie de seringa que, como um lança-chamas, atira um jacto de líquido paralizante. Cada soldado tem a seu cargo quarenta operárias que deve defender e escoltar por toda a parte. Além disso, fazem sentinela nas entradas das galerias. Em paga desta defesa, não lhes parece mal que as obreiras os alimentem metendo-lhes a comida na boca...

O LIVRO DA SEMANA

A ORIGEM DO MUNDO E DO HOMEM

Por LUÍS ARNALDICH

Os católicos portugueses que se preocupam com o aprofundamento da sua cultura religiosa encontram neste livro um grande motivo de satifação. O tema — a origem do Mundo e do homem — é na realidade um dos temas fundamentais que se podem apresentar ao crente de qualquer religião, ao ateu e ao indiferente. Por isso esta obra de Luís Arnaldich, ilustre professor da Pontifícia Universidade de Salamanca, é daquelas que, seguramente, se podem e devem considerar de interesse geral.

Como se sabe os primeiros capítulos do Génesis são das páginas mais obscuras e difícil acesso da Revelação. A pura especulação em torno de tais capítulos manifestou-se, desde há muito, improdutiva. Nos ultimos decénios em especial, embora tal esforço crítico e intelectual date de há século e meio, — a exegese católica acumulou amplo material de estudo, que ainda não fora objecto de vasta e ao mesmo tempo erudita síntese.

Nisto reside — não se pode dizer a importancia, mas a novidade do trabalho do professor Arnaldich. Da sua obra resulta uma nova interpretação do significado dos primeiros capitulos do Génesis. À luz de dados históricos e de vária ordem — fica a descoberto o que o autor sagrado quis na realidade exprimir.

Não contribui pouco para o êxito desta brilhante análise crítica o estudo aprofundado dos géneros literários dos povos contemporaneos dos hebreus e que com eles conviveram, bem como o conhecimento da mentalidade primitiva e ainda o apoio objectivo fornecido pelas escavações arqueológicas.

Eis, na realidade, uma obra empolgante que nenhum católico culto deverá desconhecer e que merecerá as honras de todos quantos se interessam pelo problema das origens do Mundo e do homem.

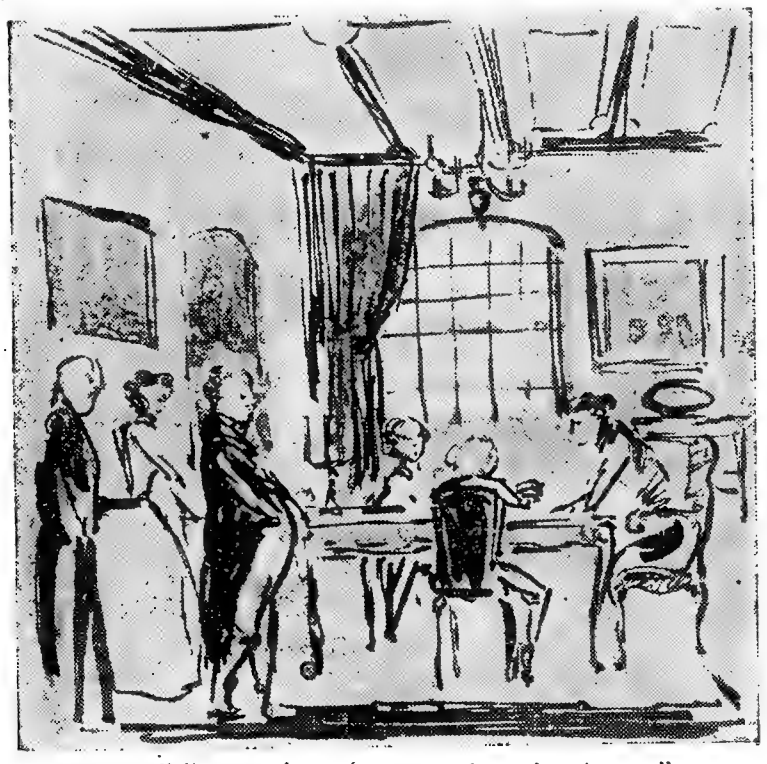
E' ainda uma bela edição da Editorial Aster, de Lisboa.

VERMELHO e o PRETO

Por

STENDHAL

Julião Sorel ficou parado ao portão, muito tímido e assustado. Os olhos estavam ainda humedecidos por lágrimas bem recentes. Mas o seu ar era tão candido, o rosto muito branco, a roupa de um extremo asseio, que a senhora de Rênal pensou se não seria uma rapariga dis-



farçada que solicitava qualquer favor do Maire, seu marido.

Com espanto da senhora de Rênal, o jovem vinha simplesmente ocupar as funções de preceptor de seus filhos. As lágrimas voltavam, teimosamente, aos olhos candidos; a senhora sentia-se comovida e falava-lhe com ternura e tão perto do rosto dele, que Julião se sentia perturbado. Jamais tinha visto criatura tão bela e tão bondosa. Um sentimento estranho entrou-lhe no coração e seria causa de muita tragédia. Porém, naquele momento a tragédia nem se percebia; só havia uma mulher muito bela que se debruçava sobre um jovem muito jovem que, pela primeira vez entrava na vida. E entrava com medo.

Julião era demasiado orgulhoso. Aquela tarefa de ensinar os filhos dos outros e, depois de ter sido disputado pelos senhores mais importantes da cidade de Verrières como um objecto posto em leilão, a duvida da senhora de Rênal de que ele, na verdade, soubesse latim como afirmavam, — acordou aquele orgulho que a brutalidade do pai mais acendera, embora nunca, perante ele, o tivesse manifestado. Além disso Julião, na presença da riqueza, do conforto, da bela situação do senhor de Rênal, sentiu que a sorte era injusta para com ele. Pois quê!, aqueles homens inferiores elevados a altos cargos pela sua fortuna, aquelas mulheres espaventosamente vestidas mas vazias de cabeça — eram a boa sociedade? Julião sentia-se horrorizado, enojado, no lugar afastado que tinha entre as altas personalidades de Verrières. Muitas vezes, para se não trair, via-se obrigado a refugiar-se no jardim.

Foi num destes dias em que se refugiara no jardim e se aventurara um pouco para longe que, um grupo de operários, invejosos da bela sobrecasaca preta que envergava, lhe deram uma sova que o deixou estendido, sem sentidos. Ali o encontrou a senhora de Rênal que passeava o aborrecimento que lhe causava o senhor Valenod que a assediava com frases ocas e uma corte abor-

recida. O susto da senhora, ao ver Julião caído por terra foi tal, que Valenod sentiu ciumes...

Contudo, Julião odiava a senhora de Rênal, a sua beleza, a sua fortuna, o seu orgulho de grande dama. Mas ela, ela sentia pena por tudo o que faltava a Julião. Casada com um homem mesquinho, invejoso de altos cargos, cupido, ambicioso, vivia afastada da sua existência, apenas limitada aos filhos, criados e festas provincianas. Para uma mulher terna e dedicada, inteligente, aquele mundo era um mundo estreito em demasia. Tinha ambições, ela também, mas ambições afectivas. Um mundo de ternura a transbordar.

Não admira, pois, que as atenções de um jovem inteligente, convivendo dia a dia, hora a hora, com ela, amigo dos filhos, que sabia Virgílio de cor, invejado pelas famílias ricas da cidade que o quereriam para os filhos, lançasse a pobre senhora na confusão.

Dessa confusão nasceu uma paixão desvairada, insensata. A senhora de Rênal esqueceu as virtudes de que se orgulhava. Um só receio a tomava: perder Julião e o seu amor.

Este, por seu lado, percebendo os sentimentos da senhora, percebeu o trunfo que acabava de alcançar. Desejaria que toda a cidade a visse pegar-lhe, furtivamente, na mão, olhá-lo com aqueles belos olhos apaixonados e imprudentes. A sua paixão era fingida e baixa; o papel de sedutor apenas visava a desmedida ambição que o tomava. Tornou-se amante da senhora de Rênal, com frio cálculo e uma pontinha de despeito. Ser amado parecia-lhe bem pouco; ser feliz deixava-o atónito e descontente. Por vezes a negra ambição que o dominava deixava-se adormecer com o espectáculo dos encantos da mulher amada.

No silêncio da noite, Julião devorava leituras que Fouqué lhe enviava ás escondidas e que ele, dado como era ás coisas da religião, não poderia comprar. Mas a proposta de Fouqué não lhe saía da memória e tomava-lhe, por vezes o coração de forma tal que, mais duma vez esteve para confessá-la á senhora Rênal. Mas calou-se, porque ela era de um partido político contrário e isso podia trazer-lhe sensaborias e—quem sabe! — complicações para o que se preparava, na sombra.

Tudo isto, um belo dia, foi interrompido por uma carta anónima que o senhor de Rênal recebeu e lançou a perturbação naquela casa tranquila. A senhora de Rênal tremeu á ideia de perder Julião; este receou a cólera do marido ciumento; o marido, por sua vez, tremeu de raiva impotente. O escandalo, acima de tudo, deveria ser evitado, em nome da sua carreira política ameaçada.

Mas foi ela quem mostrou mais sangue-frio. Tratava-se de defender o seu amor e de não perder Julião, mesmo que isso implicasse a separação deles, por certo tempo.

Cuidadosamente, preparou uma intrigazinha que tiraria as suspeitas ao marido. Não foi difícil pô-la em prática; o senhor de Rênal só precisava que lhe provassem a falsidade de tudo aquilo. Sentiu que podia respirar e que a sua carreira política deixava de estar tremida. Os inimigos, e tinha muitos na cidade, não se ririam dele.

Além disso, a senhora de Rênal tinha não só afastado todas as suspeitas que acalentava desde menino. Pensava quão estranho era o mundo que o tornava de repente uma personagem importante, porque dois rivais políticos o disputavam pela subida honra de ter um preceptor para os filhos.

Contudo, Julião, por razões várias, voltou ao seminário. Impusera-se, a si mesmo a fuga temporária. Catorze meses ali viveu, enclausurado, longe do Mundo que tanto desejava conquistar, longe do amor da senhora de Rênal.

Uma noite, no fim desses longos catorze meses, não pôde deixar de a ir ver. Estava disposto a correr todos os perigos para a ter, por momentos, nos braços apaixonados.

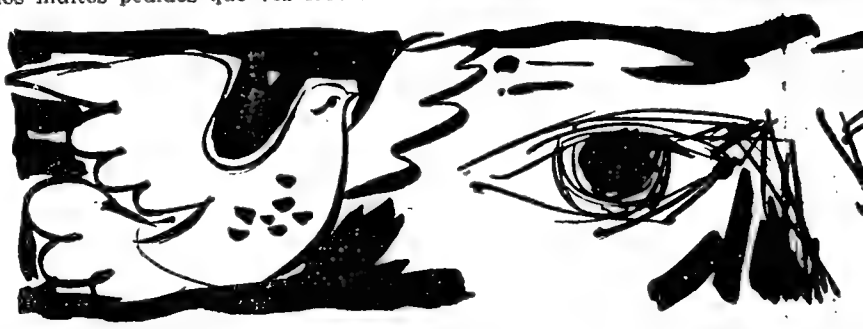
(Continua)

Condensação da primeira parte do genial romance de Stendhal, «O VERMELHO E O PRETO», obra-prima que é um dos maiores romances de todos os tempos e de que vai sair a 2.ª edição, há muito esperada.

Por especial deferência da PORTUGÁLIA EDITORA, em cuja colecção de «ROMANCES UNIVERSAIS» ficará incluída.

SENHOR!

Agora que o ano leva já alguns dias de navegação e deveis ter o vosso tempo menos ocupado com a arrumação dos muitos pedidos que vos fazem



nesta quadra, chegou a minha vez de pedir o que me cabe.

E é tão pouco...

Que deixe de passar á minha porta o grupo de meninos do asilo a rufar tambor e a tocar corneta.

Que as sementes boas não encontrem apenas caminhos impiedosos.

Que os barcos de carreira saiam da cida de minuto a minuto, ou vários em cada minuto e que o preço seja a tostão por pessoa. Isto para que o sonho do Tejo possa estar nos olhos d Que a cida semana. E qu quando da «An

CRONICA QUOTIDIANA

O cidadão Borges Carn

Por AUGUSTO D

O meu primeiro contacto com Manuel de Borges Carneiro foi através de uma daquelas citações escolares que não acamam no espírito. Vinha no compendio de História nacional da instrução primária (tenho a vaga ideia que era da autoria de um Pinheiro Chagas) no mesmo atado de nomes da época que tínhamos de decorar — os Fernandes Tomás, os Ferreira Borges, os Silva Carvalho, etc. Entretanto, os tempos passaram; na minha terra não havia ao menos um beco que ajudasse a recordar o nome do grande patriota; em Portugal os tempos corriam contrários ao honrado exemplo da sua existência, ao seu conceito de vida, ao seu conceito de progresso e de dedicação pela coisa publica, e Manuel de Borges Carneiro perdeu-se para mim como necessária tradição cultural. Anos mais tarde vim encontrá-lo na esquina de uma rua, ali para os lados da Lapa: metido num rectangulo (ou quadrado?) negro. Mergulhei de repente na infancia, fiz uma despesa de memória e lá trouxe á luz do dia aquele atado de nomes — Fernandes Tomás, Borges Carneiro, Ferreira Borges, Silva Carvalho, etc.

Como, porém, os leitores devem concordar, não havia aqui matéria para grandes voos. Quem encontraria eu que me dissesse alguma coisa sobre Borges Carneiro?

De novo rodaram os anos. O nome do grande jurisconsulto e político voltou a afogar-se no esquecimento. Um dia, finalmente ao entrar (estávamos então no ano de 1821...) nas venerandas Cortes Constituintes ouvi uma voz poderosa e apaixonada que transformava os problemas da Pátria em coisas vivas, patéticas, a reclamar uma funda e urgente reforma. Parei, escutei, magnetizado, da mesma forma que os seus irredutíveis adversários: estava ali em carne e osso o pobre nome vazio que eu fora obrigado a decorar na infancia. Será preciso dizer que acompanhei depois toda a sua prestimosa actividade parlamentar, o exemplo da sua vida e da sua morte — sessenta anos portugueses bem medidos?

O milagre de um discurso fizera-me apaixonar por um dos mais belos períodos da nossa História — a Revolução de 1820. E logo um problema se me levantava: aquelas constituintes de 1821 eram o primeiro parlamento português, a primeira experiência de amplo regime representativo e democrático; para trás ficavam séculos de absolutismo: como tinha então crescido intelectualmente, ideológicamente a gloriosa pleiade de democratas que se lhe sentava nas bancadas?

Procurei saber a idade de grande parte deles. Na sua esmagadora maioria, homens rondando os quarenta, ou mesmo excedendo-os um pouquinho; o purgatório das invasões francesas devia tê-los apanhado entre os 18 e os 28 anos e os mais velhos ainda haviam sido molestados pelo zelo ortodoxo do senhor intendente Pina Manique. Era decerto a eles que o director da Polícia se referia no seu desabafo de 6 de Março de 1795, dirigido ao ministro do Reino (o então ministro do Interior), em que denunciava os que *«falavam na soberania nacional com pouco respeito»*. Lá estava nas suas mãos um dos revolucionários de 1820 — José Máximo Pinto da Fonseca Rangel, preso juntamente com Bocage, de quem era amigo! Bons começos de vida intelectual e civil!

Tinham de facto nascido, na sua maioria, no reinado da senhora dona Maria I; a sua ambição de ler e conhecer fora coartada pelas restrições á importação e consumo de livros estrangeiros. Vivia-se então, nas esferas oficiais, o pavor da França. Bastava que se vestisse um pouco mais á moda para que o intendente Manique tivesse fortes certezas de que se tratava de algum feroz jacobino que mascava na tradição com a mesma sem-cerimónia com que um jerico — salvo seja! — comeria na cevada. Colarinhos altos? Um perigo. Casacas de briche?

uma a
tros:
D'Holl
suiço,
lerado
da a
zia.
Mar
guia u
go das
rica d
tro e
frios.
do Re
te qu
ameri
nos,
moto
geológ
Esq

Pri
o Tio
que é
vem
prim
mãe
mãe
ma e
Cla
conhe
ra. E
em A
E
guerr
do P
culo
Pri
terra
nhun
Ta
que
tesco

...lhos de toda a gente.

Que Charlot visite os meninos da cidade ao menos uma vez por semana. E os adultos também.

E que as pessoas não se riam quando assistirem á representação da «Anne Frank», ainda que aparentemente haja motivo para isso.

Que quando voltarem a representá-la não nos mostrem o seu primeiro amor, o primeiro amor de Anne Frank, o primeiro amor da vida. Peter, de gorro na cabeça. Americanizado.

Que a Emissora Nacional, ao menos uma vez em cada ano, transmita a Nona Sinfonia. E que eu o saiba, pelo menos com a antecedência de uma semana para que a expectativa dê horizontes ao prazer.

Que eu saiba sempre de mim. Que eu saiba sempre onde estou.

E a nuvem que deslize não tome nunca, nem por instantes, a forma de chacal.

Que os poetas sejam o centro do Mundo, como de facto.

Que a nossa alma deixe de ser clandestina. E que os pés não se prendam tanto á terra que o céu se transforme em miragem.

Que a vida seja independente de todas as transacções.

Que as pessoas não digam: Quem me dera que chegue o domingo! Quem me dera o fim do mês! Quem me dera as férias...

Que a esperança subsista.

...NA EM PORTUGAL

Carneiro

...USTO DA COSTA DIAS

...A revolução, a subverção á porta.

A França, ou, com mais propriedade, as mulheres francesas tinham tido o arrojo de conceber logo de

uma assentada uma série de monstros: Diderot, Condorcet, Mably, D'Holbach, Voltaire, Rousseau (era suíço, não se esqueça) e outros celerados. Pois que se montasse guarda a tudo que cheirasse a francezia.

Manique, porém, ainda distinguia um outro perigosíssimo inimigo das glórias lusitanas: era a América do Norte, e o respectivo ministro em Lisboa enchia-o de suores frios. Oficiando para o Ministério do Reino acentuava constantemente que a residência do embaixador americano era um covil de jacobinos, capaz de provocar um terramoto social pior do que o terramoto geológico de 1755.

Esquecia-se da Inglaterra. Salvo uns execrados que davam pelo nome de John Loke e de Hobbes — Manique estava descansado quanto á ilha albiónica. Muito boa gente era e é predominantemente do mesmo parecer: quando se fala das primeiras grandes gerações de liberais portugueses, os nossos historiadores (e sobretudo os políticos da história...) repetem universalmente o estribilho da influência francesa. Todavia nada mais errado supor que a formação dos democratas portugueses de 1820 se ficou devendo, em exclusivo, ou predominantemente, ao ensino dos enciclopedistas franceses. Numa recolha que estou fazendo a esse respeito tive ocasião de verificar (e devo dizê-lo com grande espanto) que a influência dos economistas e teóricos liberais ingleses é, no período que medeia entre Pina Manique e a Revolução de 1820, de bastante vulto.

A consciência liberal portuguesa procurava, a despeito de todos os entraves e limitações, bases teóricas e práticas que lhe permitissem enfrentar a reforma do País.

(Continua)

GANHE 100$00
COM UM SORRISO NOS LÁBIOS

(Continuação da 2.ª página)

Prima: Filha da Tia casada com o Tio que é irmão da outra prima que é casado com a cunhada, que vem a ser tia da dita e mãe dos primos co-irmãos, sobrinhos da mãe dela, que são netos da sogra, mãe do pai e, portanto, avó da prima em questão, também.

Claro. E também do soldado desconhecido e do Padre António Vieira. E' fatal: todos somos irmãos, em Adão.

E a propósito da Adão (não das guerras punicas), o sr. Elísio Vitor, do Porto, ofereceu-nos este versículo biblico:

Prima — O mais feliz ente da terra foi Adão, que não teve nenhuma, ao que se saiba.

Talvez sim: mas o leitor sabe que o Adão é que criou os parentescos; de modo que também foi derivado de uma sua costela que nasceu a prima, a tia, a cunhada e outras coisas assim á proporção.

Finalmente, depois do biblico só faltava o «sibililo». Teve a gentileza de no-lo mandar o sr. A. Tomás Caixinha:

«Prima — é uma vertical na vida do homem.

Perceberam? Também eu não. E melhor fim não se poderia esperar.

Para a semana seleccionou-se a palavra

«Garganta»

cujas definições devem estar em «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 7 de Fevereiro.

Boas inspirações e nada de garganta!

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

O POSYTIVEION

PRIMEIRA GRANDE ESCALA NA VIAGEM NO ESPAÇO

SERVIÇO EM RIGOROSO EXCLUSIVO PARA O Diario de Lisbôa

À hora prevista (chiou uma aguda campainha, no escuro uma luz azulada piscou maliciosamente) eu arriei soturnamente a cabeça, respirei fundo, procurei engolir o mais discretamente possivel a comoção e marchei para o espantado plaino desértico onde só o foguetão quebrava a monotonia horizontal. Quis enroscar qualquer imagem saborosa, para entreter a debilidade do medo. Mas dei comigo a explodir bem de alto: «Ena pai, que grande foguetão!» Olhei em redor, aniquilado; o meu amável cicerone Lunik Espaciovitch Kosmiakow devia estar a pensar belas coisas de mim, com certeza! Pensei que tinha de arranjar uma desculpa qualquer e não pensei mais nada: estava dentro da nave espacial, afogado em silêncio até ás orelhas.

Que iria eu sentir? Histórico momento! A primeira sensação terráquea provocada por uma viagem interplanetária! E era eu que ia emiti-la. O verbo emitir lembrou-me o estribilho dos cozinheiros de programas radiofónicos: «Está no ar mais um programa...». Se eu tivesse ali o açaimo dum microfone também diria: «Está no ar a primeira sensação de responsabilidade interplanetária». Mas ainda bem que não tinha o microfone. Há sensações que se registam verbalmente, mas não oralmente. Tal qual o que sucede com os herois dos «Diários intimos»: escrevem o que pensam, o que sentem, o que mentem, mas não vêm a publico contar por boca a coisa em miudos. Ora quando eu estava predisposto a falar em sensações espirituais, em ondas anímicas, encolhi-me ante a evidência: o primeiro órgão sensível aos estimulos espaciais é aquele cujas dores, em boa sociedade, nós costumamos rotular de «dores no estômago».

por DIOGENES

Depois o sono. Quando acordei, o foguetão tinha-se assentado num planeta — depois vim a saber que se chamava **Positiveyon**. Olhei para as minhas bagagens, pensei na estopada que era agora perder uma data de tempo na alfandega, debaixo das mãos da curiosidade burocrática. Desci num foguetódromo muito branco, onde se erguiam, muito arrebitadas, umas dezenas de foguetões. O chão era fofo de modo a atenuar o efeito das pisadelas de três pisos dos engenhos voadores. Espantei-me por não ver edificio algum. «A alfandega?» — perguntei eu a Lutnik Espaciovitch. «Para quê? — respondeu-me. — Precisa que lhe arranje alguma? Então tem que encomendá-la com antecedência porque no **Positiveyon** não há alfandegas».

Era a primeira novidade! Metêmo-nos num carrinho em forma de charuto, só com uma roda, e num ápice nos encontrámos numa bela cidade de largas avenidas sem buracos no chão, sem polícia, sem prédios de rendimento. Tudo isto era de espantar; mas o meu maior espanto veio a seguir: em **Positiveyon** só havia dois sexos! O masculino, composto por rapazes e homens; e o feminino, composto de raparigas e mulheres. Assim mesmo, geométricamente, sem complicações nenhumas, nem mesmo as de ordem metafísica. Estes nossos irmãos em matéria planetária tinham inventado o processo infalível de dar que fazer a toda a gente, de dar futuro a toda a gente e de conseguir que os nascimentos se repartam fraternalmente em partes iguais por ambos os sexos. Por esta forma conseguiram obter dois unicos sexos biológicamente e socialmente puros **100** por cento.

De resto os habitantes de **Positiveyon comem com a** boca, gozam de todos os sentidos que nós, terráqueos, gozamos, menos **o** sentido figurado, a posição de sentido (não possuem exército) e o sentido proibido (razão esta por que os complexos de inferioridade individual, social e criadora são aqui desconhecidos). Claro que estas minhas primeiras impressões são na verdade, tumultuárias: as novidades apoquentam-me de todos os lados; vejo-me e desejo-me para as embolsar e só daqui a um mês conseguirei pôr um pouco de ordem em tudo isto.

Lenda chinesa — o macaco branco

Em 545 antes de Cristo, durante a dinastia Lianz, o general Lan Ching foi enviado em expedição ao Sul. E foi ate Koeilin, onde exterminou os exércitos rebeldes de Li Shih-Ku e de Chen Cheh. Ora durante este tempo o seu ajudante Hu-iangue Hei avançava para Changlo e, penetrando com todo o Exército num terreno inóspito e selvagem e povoado de habitantes das cavernas, ele conseguiu a maravilha de o conquistar.

Saber-se-á agora que Hu-iang tinha uma esposa branca, bela e graciosa. E diziam a ele os oficiais:

— Não devericis tê-la trazido até aqui. Há nestas regiões um deus que se apodera das jovens brancas, sobretudo quando são belas. Achamos melhor que a tenhais sempre debaixo de olho.

Hu-iang teve medo. De noite postou sentinelas em torno da casa e escondeu a esposa num quarto guardado por uma duzia de servidores.

De manhã, porém, verificou-se que ela desaparecera...

Louco de cólera e de desgosto, Hu-iang jurou que não voltaria só para a sua terra. Pretextando uma doença mandou acantonar as suas tropas na região e todos os dias as mandava em reconhecimento através de montes e vales. Até que passado um mês se descobriu, a umas vinte milhas do acantonamento, uma das sandálias bordadas da jovem esposa, suja de lama mas perfeitamente identificável. Acabrunhado pela dor, Hu-iangue decidiu intensificar as buscas.

Destacou para isso trinta homens armados de lanções e, bem munidos de comida, mergulharam na mata. Ao fim de dez dias, depois de andarem setenta milhas, chegaram a um sítio onde podiam avistar, a Sul, uma montanha verde e arborizada que dominava as demais. Atingindo o sopé desta colina, viram que estava rodeada por uma impetuosa torrente. Construiram uma pontezinha e assim todos passaram para o outro lado. Lá, entre rochas escarpadas e bosquezinhos de bambu verde-esmeralda, lobrigaram uns vestidos de cor e ouviram vozes e risos de mulher.

Amarinharam pelas rochas, usando lianas e cordas, e, chegados ao cimo, viram então avenidas plantadas de árvores e de esplêndidas flores, um prado verdejante tão suave como um tapete. Tinha qualquer coisa de paradisíaco a calma e a doçura deste retiro! A Leste, fixo na rocha, distinguiram um gradeamento. Mulheres com vestidos novos, ofuscantes e bordados passeavam. Quando se aproximaram perguntaram pela jovem desaparecida. Estava ali há um mês!

Então Hu-iang viu a sua mulher reclinada num rico leito. Mas ela pediu que se afastasse. O monstro que habitava aqui, tinha ódio aos homens e matava-os que nem moscas. Antes que ele regressasse era melhor que Hu-iang se fosse embora e voltasse dez dias depois.

Assim fez. E disse uma das prisioneiras que o monstro pedia que o ligassem de pés e mãos com fitas de seda quando estava bêbado e que, passada a embriaguês, ele próprio rebentava sem esforço as ligaduras. Pois prendê-lo-iam com cordas a sério e ficaria impotente e á mercê deles.

E desta maneira venceu Hu-iang o monstro que era um macaco branco, mas ele, antes de morrer, disse:

— Sem a vontade do Céu não me terieis vencido. Vossa mulher está grávida. Não mateis a criança, porque ela está destinada a ser um grande monarca.

Dito isto, morreu.

A mulher de Hu-iang teve na verdade um filhinho que se parecia imenso com um macaco. Mas veio a ser um notável calígrafo e escritor. E não foi um monarca, senão das letras, o que é bem melhor.

DIETETICA DE INVERNO

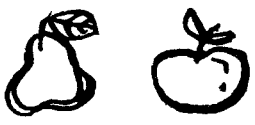
Já falámos nos açucares e nas gorduras, os *alimentos de «base»*; falaremos agora nos alimentos de «resistência», de valor qualitativo. Comparando com os primeiros todos os outros alimentos, eles aparecem sem qualquer efeito calorífico. A carne e o peixe, etc., ou os alimentos de origem vegetal são mais apreciados pelas qualidades protectoras das células e dos tecidos que pelo seu poder de «aque-

cimento». Os trabalhos recentes em França sobre a fadiga põem em relevo o valor do equilíbrio mineral intra e extra celular sobre o equilíbrio geral. As glandulas endócrinas e o sistema nervoso central apenas vivem em harmonia graças aos sais minerais — cálcio, potassio e magnésio — obtidos, fixados, por certas vitaminas. Não basta comer uma duzia de ostras por semana para evitar as afecções gripais; mas

o facto de se comerem mariscos em quantidade assegura uma mineralização que dá forte resistência contra as doenças.

Vejamos, pois, as vitaminas.

Cada coisa por sua vez, daremos o primeiro lugar á vitamina C, pois vem á vanguarda dos protectores contra o frio. Encontra-se nos frutos, nos legumes, a salsa, a batata, o fígado de vitela, de vaca, de carneiro, de porco, os rins. E' fixada segundo as necessidades, pelo que



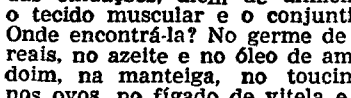
não há a temer um excesso desta vitamina. E se os animais são capazes de fazer a sua síntese, o homem é incapaz disso; por isso, diariamente, nós temos de procurar a nossa ração de ácido ascórbico. Para muita gente, a contribuição alimentar não basta. Há que acrescê-la pelo uso da vitamina C.

Vem, em segundo lugar, as vitaminas A e B.

A primeira com o papel de protecção do aparelho respiratório su-

perior, qualquer que seja a idade. Encontra-se no óleo de fígado de bacalhau, de atum; no fígado de animais de talho; na manteiga, na gema e no leite, na cenoura, couves, espinafres e nas folhas da couve-flor. Ora estes alimentos transformam-se em vitamina A, precisamente no fígado e nos intestinos; veja-se agora a importancia do bom funcionamento deste orgão, sabendo que a insuficiência hepática fa-

vorece a gripe, a constipação e muitas outras doenças provocadas pelo frio. A vitamina E preserva a A das oxidações, além de alimentar o tecido muscular e o conjuntivo. Onde encontrá-la? No germe de cereais, no azeite e no óleo de amendoim, na manteiga, no toucinho, nos ovos, no fígado de vitela e na carne de vaca. E' bom ter em atenção a grande percentagem de vitamina E contida nos germes de cereais.



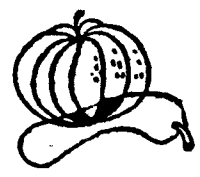
A vitamina D, eficaz contra o reumatismo, a tuberculose, as frieiras. Aparece nos alimentos que contêm a A. A vitamina K é também eficaz nas frieiras; nas doenças hepáticas e intestinais. E temos finalmente a vitamina B, sem a qual não poderiamos utilizar os açucares.

Não é preciso acrescentar mais nada para se verificar quão cuidada deve ser a alimentação humana durante o Inverno e em especial nas cidades, onde os legumes e as frutas são produtos de mercado. E pensem bem nesta verdade: envelhece-se muito mais no Inverno e, sobretudo, nas cidades.

CARACOMER

Saiba escolher os seus alimentos

Não há ninguém, certamente, que mais dia menos dia não reconheça que come errado; que apenas come, desculpem, segundo a fantasia e a gula. E' nessas ocasiões que se decide seguir um regime adequado; mas esse regime começará «ama-



nhã». Outros, mais decididos metem-se imediatamente em regimes os mais complicados ou os mais inverosímeis, seguem as mais estranhas teorias. Todos gostariam de resultados maravilhosos, mas não esperem milagres. Contem, apenas, na existência de alimentos simples e são entre os quais se podem escolher aqueles que parecem mais adequados para assegurar um equilíbrio da saude.

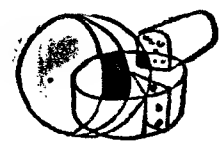
Nada de cálculos matemáticos — apenas bom senso deve presidir á essa escolha. Entre o empirismo popular, que tantas vezes temos aqui desmascarado, e as exigências científicas, o regime alimentar só deve obedecer a um imperativo: a perfeita harmonia. Um regime bem equilibrado sabe tirar da natureza todas as riquezas que ela nos oferece.

Em matéria de alimentação, a maior parte das pessoas dão-se a aberrações insensatas. Lugares-comuns sem razão de existirem, proíbem os ovos, um tão rico alimento, em nome de um hepatismo que o álcool, muitas vezes, faz correr pe-

rigo! Modas ridículas, passageiras, adoptam teorias sobre nutrição, onde as pessoas se privam de determinados alimentos necessários e até indispensáveis ao equilibrio do organismo.

Não é a estas modas passageiras que se dá o nome de REGIME. Para seguir um REGIME é preciso, antes de tudo, o harmonioso respeito de todas as necessidades organicas. Necessidades de base — já falamos delas; necessidades de dispêndios energéticos — já falámos deles no numero anterior; necessidades de reconstituir reservas nas quais o organismo, em caso de carência, possa ir abastecer-se — também já tratámos deste assunto.

A satisfação destas diversas exigências, carece de um mínimo indispensável de gorduras, açucares, sais minerais, vitaminas, etc., mínimo que jamais se poderá conseguir se, diáriamente, não se procurar ingerir os alimentos que, cientificamente, se chamam «nutrimentos». O importante de um REGIME, é, pois, o estabelecimento deste equilibrio quotidiano de recursos



alimentares. A ingestão de, por exemplo, grande quantidade de vitamina C nada representa se, na mesma refeição ou no mesmo dia, a não fizer acompanhar de proteínas ou cálcio. Não é possível estabelecer um REGIME rígido; não existe, da mesma maneira, o «homem estandardizado». As necessidades variam de indivíduo para indivíduo, mesmo dentro do mesmo se-

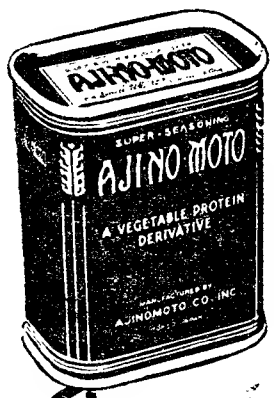
xo, a mesma idade, as mesmas ocupações e o mesmo meio social. Um REGIME deve, além disso, ser estabelecido segundo o temperamento de cada um, as capacidades digestivas, as faculdades de adaptação, as necessidades de trabalho, as exigências económicas e, sobretudo, os factores psíquicos ou emocionais. E' pois um REGIME adaptado ao estado patológico de cada indivíduo, mas nunca um «castigo» que vai juntar-se a um estado de doença, nunca um motivo de tristeza; na dietética mais severa, há um lado gastronómico que não deve ser desprezado, como por exemplo o uso de aromas impondo um sem numero de sabores diferentes.

Salvo certos imperativos, metabólicos, como o caso dos diabéticos, é preciso fugir ás supressões totais que arriscam o organismo a um estado de carência sempre de resultados a temer. O organismo adap-

ta-se melhor á uma mudança de regime, seja de aumento, seja de diminuição, se essa mudança for progressiva e sempre moderada.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
MUNDITER
INTERCAMBIO MUNDIAL DE COMÉRCIO, S. A. R. L.
LISBOA * PORTO

NOVA EMBALAGEM!



POR 20$00 VAI ENCHER 4 VEZES (QUATRO) O SEU FRASCO DE

AJI-NO-MOTO

TÃO NECESSÁRIO COMO O SAL NA COMIDA

Doentes do estômago
escolham o que comem!

Vamos hoje iniciar uma série de receitas destinadas aos que, mais ou menos, sofrem de qualquer mal. Para principiar, publicamos três receitas para quem sente azia, queimaduras após as refeições. Mas para começar, diremos que é preciso comer devagar, mastigar bem,

não fumar entre dois pratos, discutir com os parceiros de mesa — tudo coisas que contribuem para dificultar a digestão. As pessoas neste caso, as que sentem o estômago após cada refeição, devem abster-se de; toda a charcuterie, rins, tripas, toucinho, qualquer carne com molhos, pato, ganso, caça, peixe gor-

do ou em conserva, crustáceos e moluscos. Deve restringir: mioleira rins de vitela, figado do mesmo, ostras, pombos, queijo creme fresco, ervilhas, legumes em puré, amêndoas, avelãs e nozes, gorduras animais ou vegetais, café e chá frescos, chocolate em pequena quantidade. Fora disto, há muito que comer, não acham?

Frederico da Prússia e Voltaire

(Continuação da 1.ª página)

dimento devia variar com a «qualidade dos tempos». Uma coisa são as teorias dos tempos juvenis e outra a prática dos amadurecidos anos, e Frederico teria disso consciência, como o confessa mais tarde na sua «História do Meu Tempo».

Esta inconsequência deve ter sido profundamente sentida por Voltaire, que chorara de alegria ao receber o Anti-Maquiavel que o jovem Frederico lhe enviava com calorosa dedicatória. Mas os homens desta época de transição, para sobreviverem, tinham de esquecer fàcilmente e fechar os olhos ás incoerências dos outros e ás suas próprias. Numa época de crise, em que as contradições se tornam mais agudas, como manter uma atitude rígida, monolítica?

Por isso Voltaire perdoara ao rei filósofo o abandono das suas belas teorias pacifistas, e quando chegara o convite de Frederico, fizera as malas e partira para Berlim. Era em 1750. Voltaire tinha 56 anos e o rei da Prússia, que subira ao trono havia dez anos, já tinha lançado a sua pátria na guerra da Sucessão, para arrebatar á Áustria a cobiçada Silésia.

Dois grandes espíritos da época iam-se encontrar, mas as intenções do Grande Rei não nasciam apenas da amizade e consideração pelo Grande Homem. Queria sòmente aprender com Voltaire, o mais brilhante espírito da sua época, tudo o que lhe interessava saber: «Precisarei dele apenas mais um ano, no máximo», dissera algum tempo depois de Voltaire se ter instalado na sua corte. «Espreme-se a laranja e deita-se fora a casca».

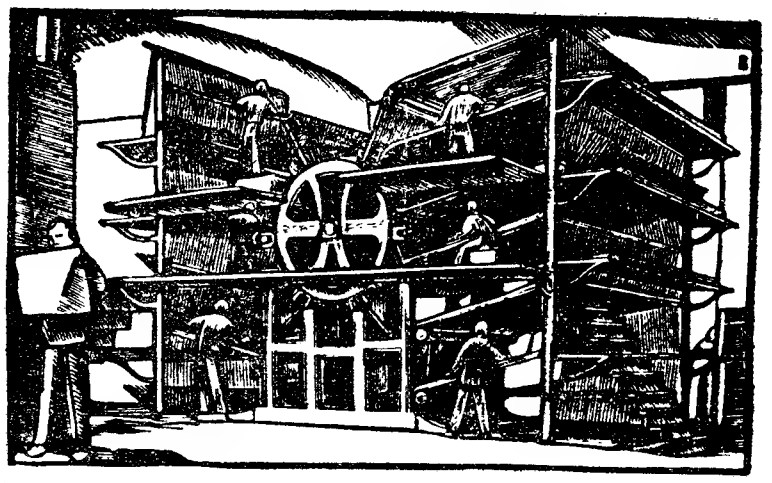
Aos ouvidos de Voltaire não tardou a chegar o gracioso dito e ainda que apreciando, como francês, o humor de Sua Majestade, não lhe achara, pessoalmente, graça nenhuma. E logo que a ocasião lhe fora propícia tratara de salvar o sumo e a casca, pondo-se a salvo em França.

Frederico só lhe perdoou passado algum tempo, reatando então a correspondência com Voltaire. «Dir-lhe-ei que o considero o maior génio que os séculos têm produzido...», mandava-lhe dizer. «Em suma, Voltaire seria perfeito se não fosse um homem». Ao que o filósofo lhe poderia ter ripostado: «E Frederico seria perfeito se não fosse um rei...».

A ocasião faz o ladrão, diz cèpticamente o nosso povo, e o momento histórico fizera de Frederico um rei sanguinário, produto de uma época de crise, efeito e causa de transformações definitivas na história da Europa. Como diria o seu contemporaneo Goethe, «Frederico era a estrela polar á volta da qual pareciam girar a Alemanha, a Europa e até o Mundo».

A IMPRENSA SEUS PROBLEMAS E RESPONSABILIDADES

(Continuação da 1.ª página)



cultura bem organizada deve emanar do povo? Quero dizer com isto que deve corresponder aos anseios, ás necessidades, aos estados colectivos, deve ser o seu espelho, que seja também como os espelhos mágicos, o seu indicador e o seu guia; e que deve por outro lado dar expressão ás diversidades, á afirmação do carácter, dar oportunidade ao espírito inventivo, á espontaneidade criadora do indivíduo. A antinomia massa-indivíduo é uma abstracção oca e por isso prefiro aqui empregar a palavra povo. Ora como é possível ser a cultura uma emanação do povo, do seu potencial de energia, de variedade, de invenção, de criação, com um tipo de difusão da cultura que representa uma colectividade por baixo?

Uma coisa é certa: o conjunto da Imprensa e da rádio não representa o conjunto da opinião. O facto é bem conhecido. Roosevelt quando foi eleito presidente dos Estados Unidos tinha contra só 75 % dos jornais do seu país; e o Partido Trabalhista britanico que representa mais de metade do eleitorado dispõe apenas de um grande jornal diário em Londres. E se a empresa não representa o conjunto da opinião o que representa ela afinal? E como funciona ao fim e ao cabo o mecanismo da liberdade de expressão?

Uma terceira pergunta ainda: qual é, nesta perspectiva, a posição do intelectual criador de cultura? Que oportunidades lhe restam de comunicar com o publico? Qual é o grau de proletarização e de dependência a que se vê forçado para fazer ouvir a sua voz, que não é já, como no tempo de Homero, uma simples voz emitida pelas cordas vocais mas uma complexa maquinaria de bobinas de papel, de cilindros impressores, de transmissão eléctrica, de antenas de rádio e televisão, etc., tudo cifrado em milhões de libras, dólares ou francos? Vai ele ficar enterrado sob esta enorme piramide trepidante, que afinal os seus antepassados ajudaram a construir?

Tais são algumas interrogações que sugere o grande fenómeno que domina na nossa época os meios de difusão da cultura: a sua concentração industrial e financeira. Interrogações que podem talvez reduzir-se a uma só: como vai combinar-se a potente centralização, inevitável dos meios de cultura com a espontaneidade e diversidade criadora dos indivíduos e grupos humanos? Ou por outras palavras, talvez mais simples, por que mecanismo o enorme aparelho centralizador da cultura vai ser posto ao serviço de uma liberdade, real, do pensamento e da expressão?

O ciclo inaugurado na história da cultura pela invenção de Gutemberg está já encerrado. O futuro é muito mais dificil de discernir do que o passado; mas pesa já sobre os nossos ombros; é uma responsabilidade.

DISSE

Crónica de Londres

(Continuação da 2.ª página)

égide do monopólio norte-americano.

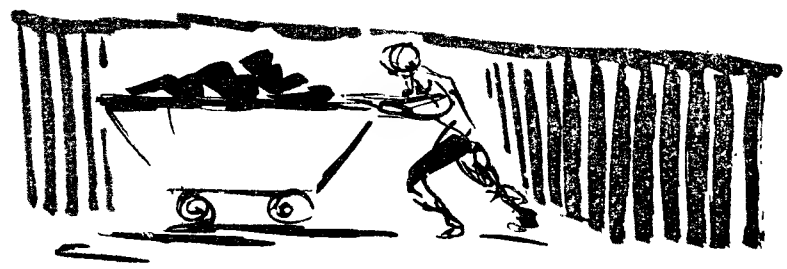
Os poderes publicos e o Tesouro mantiveram-se desdenhosamente acima da refrega, limitando-se agora a sancionar a transacção e a ungir a ferida feita no brio nacional com a promessa de que tomarão providências para que a companhia continue britanica. Ninguém vê bem como isto será possível, mas ele há ainda tanta coisa nebulosa na questão! Que motivo obscuro levou, por exemplo, os Rothschilds, os magnates da banca comercial, a não se ligarem aos seus colegas? É este um mistério que ainda intriga muita gente.

Quanto aos patrióticos banqueiros esses, mal refeitos da violência do ataque, retiraram-se silenciosamente, como «gentlemen» bem procedidos e desportivos, para a gravidade severa dos seus gabinetes da City, onde o esplendor das glórias passadas irá mitigar os seus agravos, diluindo-os na cinza do tempo...

Janeiro.

LUÍS DE SOUSA REBELO

UMA GRANDE NOVIDADE
LITERÁRIA E ARTÍSTICA!
Edição de
LIVROS DO BRASIL
leia
(não pode deixar de ler)
«AS VOZES DO SILÊNCIO»
de André Malraux
2.° volume



IV

DOMINGO... O silêncio pesado destes dias em que a mina não vive deixa-me amarfahado. Nunca vejo um motor parado, vestido com a sua cobertura de protecção, sem me lembrar de um morto, estendido numa cama, com um lençol a cobri-lo.

Hoje andou por aqui um louco a esfarpar com as suas falas, as suas pragas este silêncio de opressão. Um homem baixo, entroncado, de cabelos brancos. Momento a momento levantava o punho cerrado contra tudo e contra todos. Nunca vi tanto ódio nos olhos dum homem. Procurei chamá-lo á razão. Aquietou-se um pouco. Talvez para ganhar fôlego, pensei.

Sentou-se, o peito a arfar de cansaço. Depois apanhou uma pedra e examinou-a, durante algum tempo, com uma atenção desmedida. Guardou-a na algibeira e pegou numa outra onde brilhava um cubo de calcopirite. Procurou um lenço, limpou o cristal com cuidado e os olhos frios voltaram a brilhar-lhe intensamente.

—Ladrões, ladrões! — gritou e voltou a erguer para mim o punho ameaçador.

A Janette saiu da janela e veio ao meu encontro apavorada. Pediu-me suplicante que fosse para casa. Acompanhei-a. Não posso de forma alguma brincar com os seus nervos. Passa a vida a pensar nos perigos a que me exponho e a inventar outros que nunca existirão. Há dias, quando um mineiro foi colhido por uma transmissão, teve uma crise horrível. Viu-me engolido pelas mandíbulas dum triturador.

Ficaram-me nos ouvidos as palavras do louco e aquele ódio em que só sentia grandeza era mesmo raiva recalcada que vivia em mim por este monte esventrado em cuja lama cinzenta me atolava todos os dias.

... ...

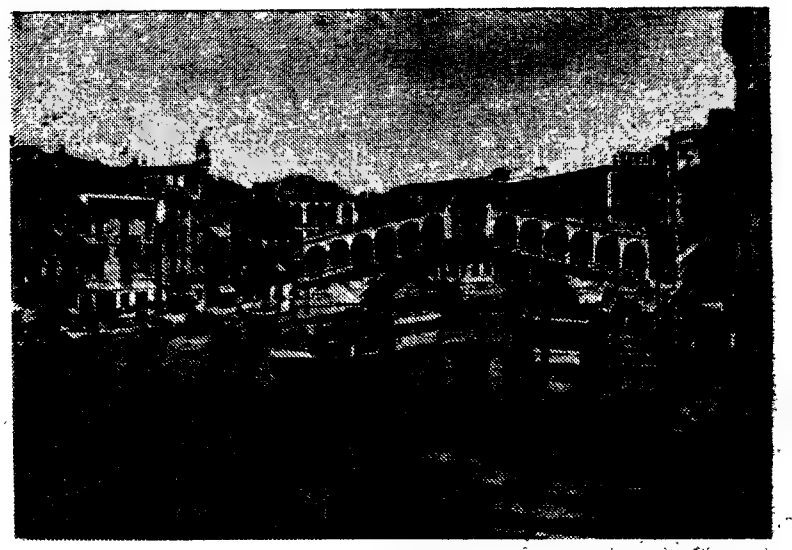
—Agua na galeria sete. Rebentou um veio de água.

—Liguem todas as bombas!

E os mineiros encharcados, os fatos colados ao corpo, seguram-se ás escoras para não cair...

Impressões de Itália

VENEZA «PIZZICATO»



Um angulo da City com a catedral de São Paulo ao fundo

Por DULCE REBELO

ATRAVÉS das janelas do comboio vêem-se deslizar os ultimos trechos de terra. Daí a pouco parecemos navegar entre as longas faixas de água. Os postes eléctricos erguem-se nesta estrada ondulante, a marcar os pontos de referência do longo caminho; e a originalidade da entrada desta cidade atrai as exclamações embevecidas dos excursionistas. Disparam as máquinas fotográficas em todas as direcções, a ponto de se enganarem e retratarem a própria janela do comboio...

A estação de Veneza é uma das mais modernas, com instalações luxuosas, o que é raro encontrar-se aqui. Nos restaurantes e salas de espera gozam os viajantes de um breve repouso, pois a fama da cidade aviva-lhes o desejo de a conhecerem mais de perto.

Logo á saida da estação aglomera-se a multidão para tomar o «vaporetto» que leva ao longo do grande canal. Começa então um festim para os olhos ávidos de beleza: pórticos de pedra rendilhada, varandas debruadas de arabescos, fachadas pintadas a cores vivas, em largos «tableaux» de dourados bizantinos.

O que estraga um pouco o maravilhoso deste recanto é o enxame de turistas que em todas as épocas visitam Veneza, tornando-a, por vezes, artificial, distante das suas verdadeiras características.

Há, porém, momentos, certas horas do dia ou da noite, em que a cidade é realmente italiana e só daqueles que a souberem descobrir.

O «vaporetto» corta as águas de mansinho e os olhos prendem-se na grande Ponte di Rialto, cheia de colorido, nas flores e verduras pendentes dos balcões lavrados, na «Cá d'Oro» (casa de ouro) de brilho ofuscante, nas portas enquadradas pelos famosos pilões venezianos, pontos de amarra das gôndolas, a dois degraus da água.

Em contraste com o encanto de um passado romantico, cruzam as águas dos canais os modernos «gasolinas» ou «motoscafi». As gôndolas são embarcações ligeiras, pintadas de breu, com assentos no fundo, muitas vezes com almofadas de cetim vermelho e algumas banquetas ou cadeirinhas junto á popa. Os gondoleiros, destros, praticam ainda hoje a mesma técnica de navegação de há 400 anos. Grande parte do esplendor renascentista está, no entanto, perdido. Vestem-se de blusão negro — a condizer com o tom e a cor da gôndola — e só quando o calor é maior o tiram, fazendo alvejar a camisa.

Tratam das embarcações com esmero. Presas aos pilões dos cais com cordas, balouçam docemente, enquanto eles as limpam da água, sacodem os bancos, puxam o brilho aos metais. Depois, atacam o turista com persistência e convencem o parzinho a deixar-se embalar na magia da gôndola. Falta, porém, o vermelho gritante das sedas, as plumas, os penachos, a sinfonia colorida dos dias dos doges.

A imensa Praça de São Marcos, chamada o «salotto d'Itália» (o salão de Itália) e a basílica magnífica são um delírio de graça e beleza, uma estesia romantica dos sentidos. Os dourados da basílica, as cúpulas, pináculos, laçaria de pedra lavrada são um poema magnífico, um canto perene á beleza e ao amor. Ao fundo a Torre do Relógio. A' direita a Ponte dos Suspiros, por onde passavam os prisioneiros condenados á morte.

O renque das balaustradas a toda a volta da «piazza», o ladrilhado do pavimento, os pombos que caem aos bandos do alto da igreja de São Marcos, as badaladas sonoras marteladas pelos dois mouros na torre do relógio, as orquestras que tocam alternadamente na praça musica de dança, a multidão elegante que se apinha em baixo, constituem o quadro habitual desta lírica Veneza. Sob as balaustradas encontram-se as lojas que expõem nas vitrinas as mais belas jóias, lembranças, serviços de chá e finíssimos cristais. De preço elevadíssimo estas maravilhas só são acessíveis aos endinheirados, na maioria estrangeiros. Os restaurantes, de inspiração renascentista, têm uma decoração principesca em que abundam os veludos, os lustres, os dourados, as toalhas de rendas leves como espuma.

Parece apenas existir lugar para o sonho, o devaneio, o lirismo. Mas, se nos metermos pelas ruelas estreitas e apertadíssimas, então descobre-se uma Veneza trágica, grandiosamente miserável e sinistra. Tegúrios de gente pobre, paredes arranhadas pelo tempo e a incúria, roupa branca estendida nos esconsos onde o Sol jamais brilha, angulos onde arde uma chama votiva á Madona ou a outro santo qualquer, retabulozinho gasto e puído que nos toma de surpresa.

No entanto, de repente, abre-se um clarão romantico nesta pobreza. Uma ponte arqueada, entalada entre muros escarolados, uma fita de água ludra, uma gôndola abandonada junto aos degraus do cais minusculo... é o «traghetto». Depois, há praças velhas, pobres e desadornadas, afastadas do trajecto turístico, onde montanheses tocam pífaro, no meio da algazarra de garotos maltrajosos. E, de momento a momento, com o calor, eleva-se da água uma exalação mefítica e de esgoto mal lavado.

Longe do centro, através de muitas ruelas, pontes e praças, está a igreja de São Roque, e junto a «scuola», onde se expõem os belos quadros de inspiração religiosa de Tintoreto, com a Paixão de Cristo, o encontro de Jesus com Pedro e outros. A iluminação, especial da sala, com luz filtrada por altas janelas, empresta á tonalidade bronzeada da pintura uma realidade viva, e as figuras parecem movimentar-se e realçar ainda mais a dor, a doçura ou a profundidade das seus traços.

Na Praça de São Marcos está um sol glorioso. Os mármores e os pórfiros rebrilham a esta luz amilada e doce do Adriático. As esplanadas enchem-se, e ao som das musicas romanticas encetam-se breves histórias de amor que têm o seu princípio e o seu fim neste rincão soalheiro e azulado dos amorosos, quando não em algum hotel de varanda sobre o grande canal. Pelas janelas abertas entram as vozes bem timbradas dos gondoleiros, que cantam uma serenata por encomenda ou por necessidade de expansão sentimental. Esta atmosfera quase irreal, plena de encantamento, leva facilmente os amorosos a esquecerem o mundo que os cerca para se entregarem apenas á exaltação do seu afecto. Talvez por isso, os Italianos dizem de um modo cínico que Veneza é a cidade das «virgine sverginate».

E' bem raro, nesta confusão de belezas internacionais, encontrar uma Veneziana. O seu tipo é bem diferente do das outras raparigas italianas: o cabelo de um louro cendrado, a pele branca, mas suavemente colorida, os olhos de um azul claro ou de um verde-mar. Quando surge a autêntica Veneziana, a sua graça, o seu estilo de grande senhora encantam os que se lhe aproximam, e é curioso verificar-se que alguns viajantes vêm de longe á procura deste tipo ideal que, ás vezes, não encontram em Veneza. Um pobre Suiço, animado por essa ideia, corria as ruas, subia e descia as pontes á procura da doce criatura idealizada e por fim desistiu, desesperado, não se entendendo naquela babel de tôdas as linguas em que só os gondoleiros lhe parecia falarem italiano.

A' noite, S. Marcos é um derrame de luzes caindo dos lampadários violáceos na água rebrilhante e movediça, a reflectir pálidos lhamas de prata, sob um luar claro fluindo de um céu vagamente azulado. As orquestras que tocam o che la-la», raparigas lindas de todas as partes do Mundo, nos seus vestidos elegantes, «dernier-cri», cruzam a praça pelo braço dos seus namorados e algumas, num desgarre magnífico, beijam de golpe o seu companheiro, num momento de ternura.

Veneza dos canais, das gôndolas, das flamulas rubras, das «calle» tortuosas e fascinantes, Veneza dos punhais sinistros á água ludra... A lembrar teu eterno fascínio ficam as luzes na água baça, o ronronar das máquinas do «vaporetto» e a saudade do lugar que se deixa para trás.

Oito horas... As sereias gritam. Grito maldito que chama os mineiros como se fosse um abrir de braços de amante sequiosa, que se odeia mas que nos escraviza. Os homens descem a encosta da serra. A sereia continua a gritar... Os homens apressam o passo. Têm o «facies» macilento de quem não vê sol e somem-se como se a terra os devorasse. Lá no fundo, as suas vezes, o bater das picaretas na massa dos filões ganham um eco que se alonga, que se arrasta e fica a morder amargamente o espaço. As brocas raspam a rocha, as vagonetas chiam nos «rails», os monta-cargas não cessam de subir e descer como os alcatruzes duma nora a que nunca faltam os bois de olhos tapados...

—Ponham as máscaras!

O cheiro acre dos vapores de arsénio alastra.

—Ponham as máscaras!

Ustulação das pirites... Como nos parecia belo este capítulo de química tecnológica! Arsénio... Cheiro aleaceo... Aparelho de Marsh...

—Já consultou os boletins da produção?

—Sim, senhor director. Menos cinco por cento.

—E sabe o que isso significa?

—E estas palavras dançam no ar e saturam-no com a força de uma ameaça.

Minério, minério, sempre minério...

... ...

—No que estás a pensar? — perguntou a Janette:

—Em ti, precisas de ir ao médico. Mentia, sim, mentia, mas nunca achei tão necessário, como naquela altura, fugir á verdade.

—Não, não tenho nada.

—E se fossemos jantar á cidade?

—Gostava. Mas prometeste ir a casa do Salvador; ele está muito mal.

—Levaste-lhe ontem alguma coisa?

—Açucar, comida... — olhou-me agradecido e disse depois com os olhos cheios de mágoa: «O senhor engenheiro nunca mais cá veio».

Jantámos num restaurante típico. A Janette estava alegre. Os olhos brilhavam-lhe mais. Olhos agradecidos. E' sempre assim quando vou de encontro a um desejo seu. Os seus olhos transformam-se num espelho de felicidade. Sim, sinto que sou egoista, que vivo demais para a mina, que me fecho demasiadamente, sinto que lhe dou uma vida que ela não merece.

Passei-lhe a mão pelos cabelos e murmurei:

—Desculpa.

Quis comprar cigarros. Entrámos numa tabacaria onde havia livros.

—Olha «A Servidão Humana»!

—Comprámos alguns livros. A Janette acha-me desastrado quando pego nos livros. Tirou-mos das mãos, foi colocá-los no banco detrás do carro e voltou novamente á tabacaria.

«Preciso de acabar com as sobrecargas da oficina de tratamento. Os motores não aguentam».

A Janette, entrando no carro, feliz e com uma bola na mão, acordou-me destes pensamentos.

O frio intenso e a necessidade de sentir que não estavamos sós, que alguma coisa de belo nos ligava fez com que nos aproximássemos muito um do outro.

—Ainda esta noite vou ler o Maugham — disse a Janette, embevecida.

Partimos. Temia um nevão. Tinha abrandado o frio, o vento parara e o céu estava cinzento, cinzento de chumbo.

A Janette encostou a cabeça ao meu ombro.

—Tive medo. Aquele homem já tinha aparecido alguma vez na mina?

—Quem?

—O doido.

—Sim. Sim, diz que lhe roubaram a mina, que lhe roubaram todas as minas...

Não me enganei. A neve começou a cair. Era preciso andar, andar depressa. Cerrei os dentes e voltei a pisar o acelerador.

Os flocos da neve desfaziam-se ao bater no «pára-brisas». Com os dedos crispados, como se fossem garras, segurava o volante e, na minha frente, no alcatrão negro salpicado de branco, via desenhadas com uma nitidez atroz as palavras gritadas pelo louco:

—Ladrões, ladrões!

PILATUS DESENHA LEÕES

NOTÍCIAS DO BRASIL

A situação sanitária do país

segundo o ministro Mario Pinotti

RIO DE JANEIRO, Janeiro — O ministro de Saúde do Brasil, prof. dr. Mário Pinotti, falou sobre o esforço do país na defesa da higiene pública e da saúde dos Brasileiros.

Afirmou o ilustre higienista: «O Brasil, pràticamente, já venceu as doenças pestilenciais. A febre amarela e a peste foram dominadas e a varíola será eliminada dentro de pouco tempo».

E acrescentou: «Na realidade, os maiores problemas de saúde no país são as doenças de massa, mas avançamos rapidamente para a eliminação de muitas».

O ministro Pinotti começou o exame da situação sanitária do país pela malária, dizendo que essa doença está controlada, inclusive no Distrito Federal. E continuou:

«A campanha de «contrôle», que se estendeu por 7 milhões de quilómetros quadrados, fez o índice de morbilidade, por 100.000 habitantes, cair de 14.550 para 412. Com efeito, em 1940, quando a nossa população era de 41 milhões, as estimativas eram de 8 milhões de casos anuais. Actualmente, com 62 milhões, temos apenas 200 mil casos de malária por ano. Agora, entramos na fase de erradicação, com a cooperação do Ponto IV e da Organização Pan-Americana de Saúde. Dentro de curto prazo, os restantes 200 mil casos de malária terão desaparecido de todo o território nacional. Na verdade, esse trabalho de erradicação está em perfeita integração com o programa da Operação Pan-Americana, instituida pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira».

O metodo Pinotti

Na Amazónia, onde são insuperáveis as dificuldades oferecidas á dedetização, a erradicação será feita com o método do «sal cloroquinado» — já denominado o «método Pinotti». com a iodação total do sal de consumo no país — prosseguiu — o bócio é uma endemia que está com os seus dias contados. A bouba controlada no Nordeste e em Minas Gerais, onde existiam mais de 50 % dos doentes de todo o país. O tracoma teve o seu combate grandemente aumentado, tendo sido já tratados cerca de quinhentos mil doentes e eliminados alguns focos e controlados outros, como o de Crato, no Ceará, em cujos trabalhos o Ministério da Saúde teve o auxílio do clero. Outras endemias serão, também, eliminadas nos próximos dez anos, quando o padrão de vida das nossas populações se terá elevado para níveis semelhantes aos dos países económicamente organizados».

Doenças degenerativas

Referindo-se, depois, ás chamadas doenças degenerativas, declarou:

«Nas nossas capitais, principalmente no Rio e S. Paulo, as doenças degenerativas — gota, diabetes, doenças cárdio-vasculares, reumatismo, cancro — começam a tornar-se estatisticamente importantes. E' que a vida média já se prolonga até ás idades em que essas doenças são prevalentes. No nosso interior, a grande maioria morre antes do primeiro ano de vida, de desnutrição, desidratação e disturbios gastro-intestinais, ou antes dos 40, vítima de numerosas doenças transmissíveis, inclusive as doenças de massa: tuberculose, febre tifoide, endemias rurais».

A propósito da mortalidade infantil, o ministro informou:

«Realmente, os coeficientes de mortalidade infantil ainda são altos no Brasil. Em 1955, apenas duas cidades, São Paulo e Niterói, apresentavam coeficientes inferiores a 100. No Rio, de cada mil crianças nascidas vivas, 112 morrem antes do primeiro aniversário. Em outras cidades, a situação ainda é muito grave. Na base desse angustiante problema estão a subalimentação, a desidratação e os disturbios gastro-intestinais».

Assistência médica no interior

Ocupando-se da assistência médica dos municípios no interior, o professor Mário Pinotti afirmou que, realmente, se eleva a 700 o numero de municípios no país não servidos suficientemente de médicos. Além de ser pequena a quantidade de médicos, em relação á população — acentuou — premidos pelas circunstancias, os profissionais procuram as capitais e as grandes cidades, onde têm maiores possibilidades de obter melhor remuneração e bem-estar.

«Através do «Plano de Assistência Médica aos Municípios» — continuou — o Ministério da Saúde supriu de médicos muitos municípios. Mediante contrato, o médico tem um «pré-labore» por algumas horas de serviço gratuito á população, podendo exercer a clínica particular».

O ministro da Saúde disse ainda que, por ocasião do ultimo conflito mundial, quando numerosos doutorandos de Medicina, convocados, foram mandados servir como soldados, tais elementos poderiam ter prestado melhores serviços dentro do Corpo de Saúde.

O cancro no Brasil

«Nos países subdesenvolvidos — declarou —, a maioria dos indivíduos morrem cedo por inumeras outras causas e são poucos os que restam para morrer. No Brasil, o problema começa a ter grande significação. Com efeito, enquanto no país como um todo a «vida média» apenas ultrapassa os 40 anos, nas grandes capitais — no Rio e São Paulo — a «esperança de vida» já é superior a 50 anos, pois a industrialização provocou o recuo das doenças de massa. Assim, as doenças degenerativas, inclusive o cancro, passam a ter real significação. Nesses dois grandes centros, justifica-se a existência de institutos especializados para o tratamento e para a pesquisa. Nas capitais de Estados devem existir hospitais especializados e centros de tratamento. Sobre esse ponto de vista, muito certa é a política assistencial adoptada pelo Ministério da Saúde. Mas seria absurdo, por exemplo, querermos instalar, já agora, um instituto especializado, em Aracaju ou Natal, com toda a sua complexa aparelhagem. No Rio e em São Paulo, já o cancro e as doenças cárdio-vasculares começam a ultrapassar, em importancia, no obituário, as doenças transmissíveis. Infelizmente, não temos ainda boas estatísticas para as indispensáveis comparações com épocas anteriores. Nos países civilizados isto é possível».

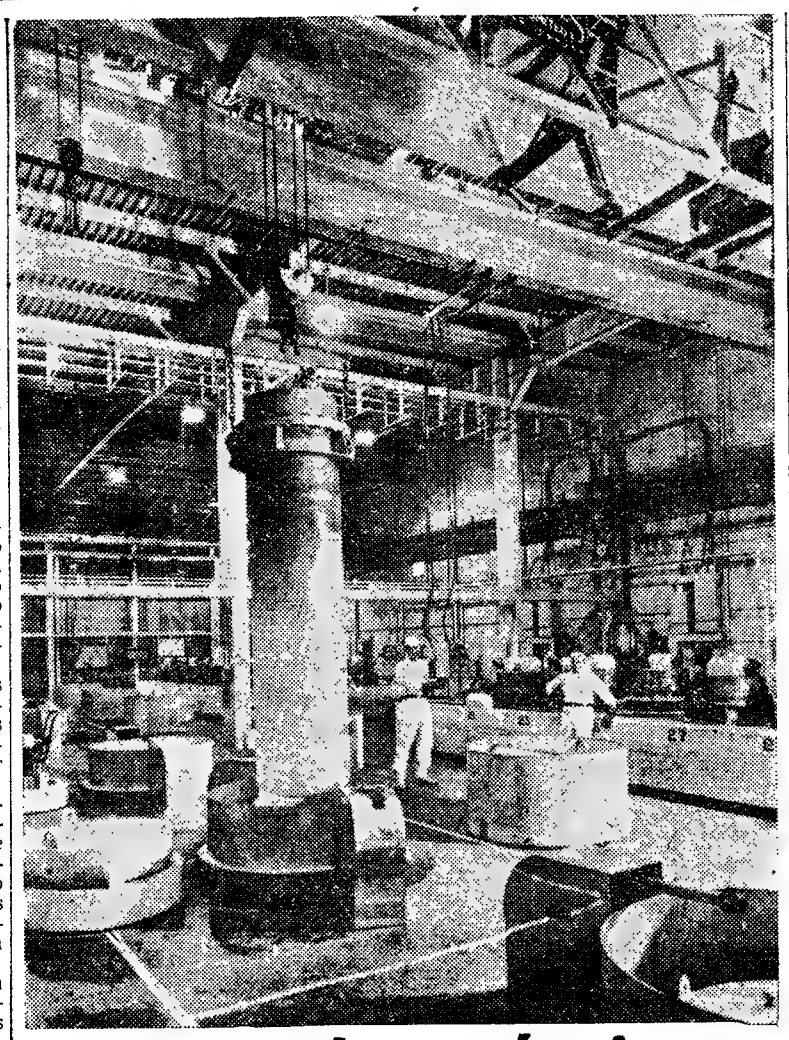
Antes de concluir, o ministro Mário Pinotti fez uma rápida esplanação das possibilidades do país no fabrico de vacinas contra a varíola, tuberculose e poliomielite.

Afirmou que a vacinação contra a paralisia infantil vai ser progressivamente ampliada em todo o país, visando, sobretudo, aos grupos mais vulneráveis, de seis em seis anos, e acentuou que, felizmente, o problema da fabricação das vacinas está pràticamente resolvido no Brasil.

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

ENTRADA
RUA DO CARMO, 98-2.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — Às 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — Às 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — Às 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — Às 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — Às 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, figado, intestinos e doenças ano-rectais — Às 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — Às 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — Às 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — Às 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — Às 10 horas.
Dr. Luís Malheiro — Pele e sifilis — Às 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16 e 30 h.
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — Às 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — Às 16 horas.



A energia atómica

ao serviço da produção de electricidade

Este reactor atómico ao rubro ergue-se no forno laboratorial da fábrica de uranio britanica de Springfields, próximo de Preston, no Lancashire. Tal forno é utilizado para aquecer uma mistura de magnésio e de uranio tetrafluórico, provocando assim uma reacção quimica em que o uranio, o magnésio e a fluorina combinados se reduzem a uma forma metálica. Foi em 1948 que a fábrica principiou a funcionar transformando o óxido de uranio bruto em filamentos de uranio utilizadas no interior das fornalhas geradoras de energia eléctrica, para abastecer casas e fábricas da Grã-Bretanha. Grande parte deste material destina-se á Africa do Sul, ao Canadá e á Austrália.

Em 1966 é de prever que um quarto da electricidade britanica será assim produzida em fontes atómicas.

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

LXXVI — JUNQUEIRO

HA OITENTA ANOS GUERRA JUNQUEIRO TENTANDO O TEATRO SOFREU UMA PATEADA MEMORAVEL

O imortal poeta da «Pátria» e da «Velhice do Padre Eterno» escreveu ao grande actor Taborda, seu intérprete de uma noite, uma carta que começava assim:

«A noite de 17 de Janeiro de 1879 foi a mais tempestuosa de que há memória, tanto na plateia do Ginásio como nos dramas da Rua dos Condes. O assobio silvava no ar com violência, os raios cruzavam-se na atmosfera com castões de marfim, enquanto da segunda ordem, caía uma chuva torrencial de cadeiras de palhinha. Era um inferno!».

«A viagem á roda da Parvonia», fora anunciada, nos cartazes, como Relatório em 4 actos e 6 quadros.

De braço dado com Guilherme de Azevedo, poeta santareno, onde escrevera um livro de versos no cartório de seu pai, que era escrivão, entendiam-se os dois á maravilha. Qualquer deles era um revoltado

Guilherme de Azevedo, coxo como Byron, concentrado e raquitico, deitou mãos á obra com desusado entusiasmo.

Lisboa estremeceu de curiosidade e havia empenhos para conseguir um lugar.

O nome dos autores prometia. Ao subir o pano, não se ouvia na sala o zumbido de uma mosca.

A poucos minutos do inicio, o vendaval começou para ir sempre crescendo, até chegar á desordem. Na peça dos dois poetas, tudo era cruelmente satirizado. Taborda, um ídolo das plateias fora pateado pela primeira vez na sua longa carreira de comediante. Não ficara uma cadeira inteira e no final do espectáculo, o conselheiro Arrobas mandara afixar um edital, á porta do teatro, proibindo a peça em nome da autoridade.

Mas a peça foi editada e os dois autores ainda receberam vinte libras em oiro.

Claro que a peça em livro conseguiu boa venda e fizeram-se várias edições.

Guerra Junqueiro, no recibo da venda da propriedade da sua peça, intitula-a «Uma das piores farsas que se tem escrito em lingua bunda».

Havia um quadro passado no Parlamento. Aí, o tumulto atingiu o auge. Em cena, um «deputado» orava: «Senhor presidente. Se a couve tem a lagarta, se o homem tem a pulga, se o marido tem a sogra, qual a razão, sr. presidente, porque as vinhas não hão-de ter o filoxera? O filoxera, sr. presidente, tanto pode dar nas vinhas como nas cadeiras dos ministros!».

E assim sucessivamente. A respeito da «Viagem á roda da Parvonia», Ramalho Ortigão escreveu: «Os autores não fizeram uma peça. Fizeram apenas uma troça. E como troça, o publico pateou merecidamente. A esfera legal da troça é em S. Bento. Quem quer troçar não vai para os teatros vai para as Camaras. Troça em S. Bento de dia e troça no Ginásio á noite, é troça demais para as forças parlamentares e representativas do País.

«Além disso, os autores da «Viagem á roda da Parvonia» foram irreverentes e aleivosos com uma instituição pura, que para os próprios senhores deputados, havia sido até hoje inviolável e sagrada. Refiro-me á Praça da Figueira. Dizer ao publico: «Está aberta a Praça da Figueira» e abrir em seguida

(Continua na página seguinte)

O jogo-ciência

Regra do Jogo de Xadrez da Federação Internacional de Xadrez (Fédération Internationale des Échecs — F. I. D. E.)

Adoptada pela Assembleia Geral por ocasião do XXIII Congresso da F. I. D. E. em Estocolmo 1952; modificada e completada no XXIV Congresso em Schaffhouse, 1953, no XXV Congresso em Amsterdão, 1954, no XXVI Congresso em Gothemburgo, 1955 e XXVII Congresso em Moscovo, 1956.

Para completa actualização da tradução da Regra da F. I. D. E., editada pela F. N. A. T., em 1956 (com autorização da F. I. D. E.), aqui publicamos o Suplemento n.º 4, relativo ás competições entre dois cegos ou entre um cego e um não-cego.

Suplemento n.º 4

1.º — Um competidor cego tem o direito de empregar um tabuleiro especial e peças fixáveis ao tabuleiro (piéces á tenons). Todas as casas do tabuleiro devem ser munidas de um encaixe de segurança a fim de manter a peça fixa na respectiva casa.

O competidor não-cego deve empregar o tabuleiro e as peças usuais.

Os lances executados por cada um dos competidores devem ser transferidos de um tabuleiro para o outro, pela ordem da sua execução, observando-se as normas que a seguir se indicam:

2.º — Para o competidor cego, serão aplicadas as seguintes regras particulares:

a) Uma peça não é considerada como «tocada» enquanto não for retirada da respectiva fenda de segurança.

b) Um lance está executado quando uma peça é colocada num encaixe de segurança e, no caso de se efectuar captura, quando a peça capturada tenha sido retirada do tabuleiro do competidor cego.

3.º *a*) Logo que um lance fique executado por um dos competidorés, este deve anunciá-lo ao seu adversário que deve imediatamente transferir este lance para o seu próprio tabuleiro.

b) Um erro de expressão ocorrido ao anunciar o lance executado não implica penalidade contra o competidor que o tenha cometido.

c) Se forem empregados relógios, o competidor que tiver executado um lance deve parar o seu relógio e pôr em marcha o do seu adversário *logo que ele tenha anunciado este lance (dés qu'il a annoncé ce coup).*

Nota do Tradutor — Parece-nos mais clara a seguinte tradução livre:

— *c) Se forem empregados relógios, o competidor que tiver executado um lance, só pode parar o seu relógio (pondo em marcha o do seu adversário) depois de ter anunciado este lance de acordo com a alínea* a.

4.º—Um competidor cego tem o direito de utilizar os serviços de um representante (cuja colaboração deve ser aceite pelo director da prova — *ou de quem o substitua*, (Nota do tradutor). A este representante compete:

a) executar *(sobre o tabuleiro normal)* cada lance executado *(sobre o tabuleiro especial)* pelo competidor cego;

b) anunciar cada lance executado sobre o tabuleiro normal do torneio pelo jogador não-cego, e comprovar que este lance foi executado igualmente sobre o tabuleiro especial;

c) enunciar, quando lhe seja pedido, o tempo de jogo indicado pelo relógio de qualquer dos competidores;

d) fazer inscrever num formulário todos os lances executados pelos dois competidores;

e) pôr em marcha ou parar os relógios dos dois competidores.

* * *

Traduzido da edição oficial da F. I. D. E. (Kungstradgardsgatan, 16 — Stockholm — Suécia). 1956.

JOSÉ DA COSTA MOREIRA

FEIRA ANUAL EM VILA VIÇOSA

(nos dias 29 a 31 de Janeiro de 1959)

A C. P. vende nos próximos dias 28 a 31 do corrente para a estação de Vila Viçosa bilhetes especiais de *ida* e *volta*, a preços reduzidos, nas estações e apeadeiros desde Evora até Portalegre e até Borba, nas estações de Lisboa (Terreiro do Paço), Barreiro, Pinhal Novo, Vendas Novas, Casa Branca, Setubal e Montijo e no apeadeiro de Barreiro-A.

Estes bilhetes são válidos para regresso nos dias 29 do corrente a 1 de Fevereiro.

Flagrante aspecto dos efeitos dos ultimos temporais na Caparica

Problemas paralelos

ocorridos em Luanda e na Caparica

sugerem soluções idênticas

contra as invasões do mar

As devastações causadas pelos recentes temporais na Costa da Caparica e Cova do Vapor fazem lembrar as ocorridas há tempos na Ilha de Luanda, onde o mar, ao fim de alguns anos de arremetidas intermitentes, devorou uma faixa de areia com uns 2 quilómetros de comprimento por mais de 20 metros de largura média, destruindo algumas casas, ameaçando outras e acabando por cortar a própria ilha em vários pontos.

Tais estragos, embora da mesma natureza, foram imputados pela «vox populi» a causas opostas. Assim, enquanto em Angola se atribuiu a responsabilidade á substituição de uma ponte que ligava Luanda á ilha, por um muro que, fechando a passagem ás correntes das marés, originou o assoreamento da baía, as destruições do lado do mar e activou a deslocação das areias para NE, por cá, ao contrário, julga-se o corte da língua de areia que unia a Cova do Vapor ao farol do Bugio de ter aberto passagem ás impetuosas correntes marítimas que arrastaram montes de areia das citadas praias para as proximidades da barra, ampliando o banco já ali existente.

As primeiras disposições para protecção tomadas lá e cá foram semelhantes, consistindo na implantação de sebes de estacas, como se usa em alguns países nórdicos, aterro das brechas e reconstituição parcial e recuada de algumas dunas.

Os resultados destas disposições de simples emergência foram modestos, principalmente na Caparica e Cova do Vapor, onde o mar é mais violento do que em Angola.

Apesar disso, o processo continuou a usar-se em Luanda, durante anos e só quando o mar cortou a ilha em alguns pontos, ameaçando gravemente a segurança do porto, é que as entidades competentes decidiram atacar o mal a fundo, sem olhar a encargos.

Construiu-se, então, ao longo da costa, um largo talude de pedras soltas, revestido de blocos com peso superior a uma tonelada, com mais de um quilómetro de comprimento, obturando-se os espaços vazios com brita, areão e areia.

Conseguiu-se, desta maneira, deter firmemente o avanço do mar na zona protegida. Mas, as praias tinham quase desaparecido e a areia continuava a ser arrastada de outros pontos para a entrada do porto, assoreando-a e estreitando-a cada vez mais, tal como está a suceder na labiríntica barra de Lisboa. Tornou-se, portanto, imperioso restaurar as praias principais, proteger outras zonas da costa e dificultar o arrastamento das areias.

Com este tríplice objectivo, construiu-se uma série de esporões, assorearam-se os intervalos com areia extraida da baía, por meio de uma draga de sucção e projectou-se a reconstrução da antiga ponte e a demolição do «istmo» que a substituiu.

Foram estas, «grosso-modo», as providências tomadas para defesa da aprazível restinga de Luanda.

A nossa simpatia por esta cidade leva-nos a abrir um parêntesis para formularmos sinceros votos no sentido de que o sério problema das «barrocas» seja atacado, em breve e com a mesma decisão, levantando-se fortes muros de protecção, em socalcos semelhantes aos do Alto Douro.

Só assim se porá termo aos prejuizos que a erosão das «barrocas» causa todos os anos e, pela sua cobertura de vegetação, depois possível, ao desolador e inestético aspecto que oferecem presentemente.

Desconhecemos até que ponto as experiências da Ilha de Luanda podem interessar aos responsáveis pela defesa da Costa da Caparica. No entanto, dada a grandiosidade da tarefa, é de supor que ao lado das obras de carácter definitivo, continuem a executar-se outras provisórias.

Estas ultimas serão constituidas, talvez, por palissadas de fortes chulipas inuteis (adquiridas, com economia de tempo e dinheiro, na Companhia dos Caminhos de Ferro do Estoril), cravadas rapidamente na areia por meio de aparelhagem apropriada de ar comprimido; muros de grandes sacos alcatroados, cheios de areia simples ou misturada com cimento; injecções de cimento na base das dunas e outros processos idênticos.

As obras de carácter definitivo incluirão, sem duvida, fortes taludes e esporões de grandes blocos não só de pedra, mas também de cimento, fabricados no local de utilização, que, além de muito mais baratos do que aqueles, garantem maior rapidez na conclusão das obras.

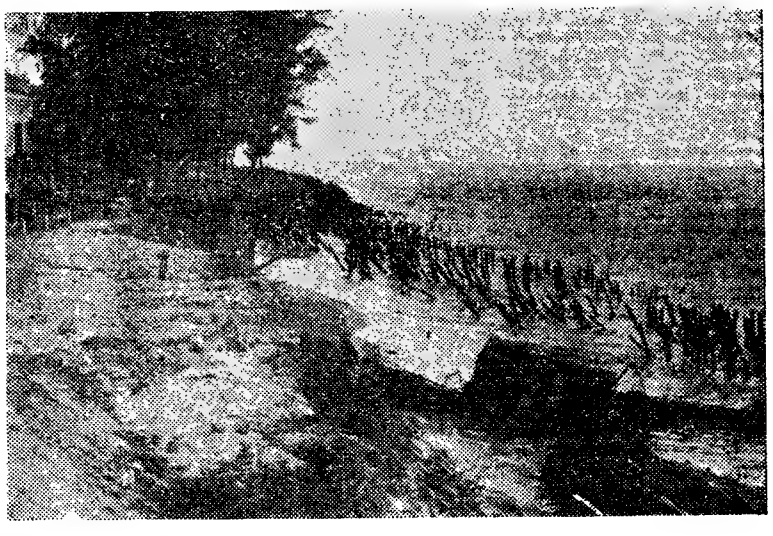
Acredita-se, também, que se aproveite a oportunidade para se abrir uma ampla estrada do cais da Trafaria até á Caparica, á beira-mar, indispensável agora para o transporte rápido e directo de materiais e, depois, de grande interesse turístico e de via de descongestionamento da actual, estreita e perigosa estrada.

Oxalá que além do esporão da Cova do Vapor para o Bugio sejam construidos outros dois, afastados um quilómetro, para protecção especial da praia da Caparica e ligados por um talude erguido defronte e a 200 metros de distancia da avenida marginal.

No espaço conquistado á demasiada larga praia, depois de aterrado, poderia plantar-se, com segurança, um comprido parque, para abrigar os banhistas do abrasador sol de Verão e permitir-lhes a permanência á beira-mar ás horas de maior calor.

Ali poderiam ser vendidos terrenos para a construção de hoteis, piscinas, vestiários, solários, casinos, reservando-se espaço para um pequeno porto de pesca.

Então, a Caparica poderia usar, dignamente, o título de praia popular.—JAIME ALVES



Aspecto da costa da ilha de Luanda, onde foram utilizadas estacas para evitar os efeitos prejudiciais do mar

CADERNO DE UM REPORTER

Crime e Castigo

O complexo de Edipo em Dostoiewsky...

por **CONSIGLIERI SÁ PEREIRA**

A neblina do génio eslavo

Já nos princípios do século XIX, Dostoiewsky amadurece, qual flor de desgraça, junto aos muros de um hospital para alienados de Moscovo, cresce junto dos de Petrogrado e, por fim, qual bizarria do destino, deita cá para fora a sua flor de altura. Influiu, supremamente, nos destinos de todas as pessoas notáveis do tempo. Ainda hoje é o maior de todos os escritores russos e indiscutivelmente o primaz nos sombrios domínios da psicologia de introspecção. Ainda dentro da sua humanidade, influi decisivamente em todos os destinos, decide de todas as tendências. Fédor Dostoiewsky, mesmo nas suas horas negativas é, depois de Édipo, o maior génio da desgraça — aquele que ninguém terá lido sem um estremecimento luminoso da sua profundidade neuro-psicológica. Ainda que se domine, ainda que o dominem, terá para sempre o seu destino influido, com a marca decisiva do destino superior e sublime, o génio da desgraça e dos pélagos soturnos e tenebrosos. Consubstancial com ele, a doença, unica justificante desse castigo, desse inferno perdido, a crepitar e a exalar chamas entre a estéril e desastrosa planície siberiana—terá feito dele o unico e ainda não excedido definidor dos destinos e de almas em transe de o ser. Sim. Entre a sua obra vasta e perturbadora, Dostoiewsky será o ultimo grego da Eslavónia e, também, na imensa nação, para sempre perdida, o ponto culminante da desgraça e do génio, a meta inexcedida do talento e, também, da forma abstracta, o supremo senhor do verbo e do estilo em qualquer das suas obras-primas, quer se leia os «Irmãos Karamazov», o «Crime e Castigo», ou «Memória da Casa dos Mortos».

S. Pedro e S. Paulo

Oriundo de uma raça de polacos imaginativos, que ouviram o retumbar das invasões napoleónicas arrastar-se pelas infecundas planícies da Polónia e que, por fim, transportaram os seus sonhos para as margens do Neva, era-o esse engenheiro filho de um médico. O meio ambiente e a cultura (a cultura matemática e o uso do verbo) deram ao cérebro superior desse polaco, ardente filho do Senhor, forma e expressão para tudo que havia sido incubado dentro dele no decorrer de várias gerações, até que o vendaval e a necessidade de folhear o tremendo album da Vida, o obrigaram a rasgar tudo, a antecipar tudo e a dar por feito o que, até então, fora ensaio e duvida, como se vê, por exemplo, nas «Tristes gentes», escritas antes dos vinte e cinco anos, mal desperta a tardia adolescência. Dostoiewsky prepara-se, então, sobressaltado e duvidoso, para o colher dessa magnífica e irradiante seara espiritual. No fundo, é sempre a Grecia, a magna Grécia, o império de Édipo, a gritar-nos, desde as ruinas de Tebas, a grandeza desse destino, a ênfase afirmativa dos seus destinos, a magnitude dos seus dons próprios e insubstituiveis, e, acima de tudo, o que jaspre o desejo culminante e afirmativo, do que a cada um de nós parece definitivo: o seu estranho desejo de afirmações e negações. Eis o que emerge e se afirma. Esse estranho escritor, precisava da taquigrafia para se libertar do estranho mundo de imagens que sacudia por cada vez — e tantas eram! — que sacudia o pó dos seus montes de originais! Dostoiewsky deve, pois, ser assim definido: o maior e mais profundo herdeiro do espírito e da grandeza que os gregos haviam impresso ás artes e ás letras.

O engenheiro e o escritor

Participante incolor mas definido dos sucessos do Dezembrismo, por isso foi Dostoiewsky condenado sumàriamente á morte. O tribunal militar, embora visse o delito, não via nesse ente indeciso nada de definitivo. Embora sentissem a vida do imperador já ameaçada, o seu presidente aconselhou ao «czar» a clemência e, já quando Dostoiewsky se encaminhava para a forca, comutaram a pena capital em prisão perpétua. Ao saber disso, e ao aceitar esse, através de tudo, supremo bem, o escritor caiu para o lado, fulminado por um ataque, o primeiro, o que sempre se manifestaria nele até morrer, do «grande mal». Ainda no exílio, até que a pena lhe foi definitivamente comutada, o já então famoso escritor foi companheiro atento dos seus camaradas de desgraça que, muitas vezes, o socorreram com providências para a sua doença. Mas, ainda nos milhares de páginas, da sua obra, nunca foi um destruidor sistemático, antes um delicado moldador da plasticina que lhe havia de dar romances muito mais definidos que os de Tolstoi, apesar de este já ser bastante bom, no seu desejo de nova cristianização.

A obra e o doente

Não se pode julgar um tipo genial, como este, apenas através da sua obra. No entanto, nele sobressai esta faceta grandiosa e fundamental: ser sempre, defensor acérrimo do grande Puskine. Só via grandeza no cantor da estepe! E assim foi sempre e assim permaneceu, por entre tudo — os inevitáveis altos e baixos que a vida encerra.

Sem ser um tipo profissional de incompreendido, Dostoiewsky nunca foi, porém, um tipo corrente de autor popular. Incompreendido por muitos, admirado por todos, penetrou, muito lentamente, em Espanha, por exemplo, apesar do magnífico terreno que esta apresenta a um autor desse género. Mas nela teve, por exemplo, um tradutor fervoroso na pessoa de Cansinos Assens: este notável bibliógrafo hebreu fez dele umas Obras Completas, editadas pela Editorial Aguilar, que representam um esforço notável. Coleccionou-as o tradutor por obras e tempo de publicação e, ainda, fez menção na antenota cronológica de quantos factos pudessem subsistir sobre o autor e as personagens. E' um esforço fenomenal porque, antes disso, todos recuavam ante a confusão. A confusão e juntemos, para terminar, a responsabilidade, não pequena ante o publico tão exigente!

GUERRA JUNQUEIRO

(Continuação da página anterior)

uma sessão do Parlamento, é infamar a Praça da Figueira, é caluniar os mercados».

A ironia do talentoso criador das «Farpas» não conhecia barreiras.

Julio César Machado, consagrado folhetinista da época, explica com o seu habitual bom humor: «Porque havia de fazer «fiasco» esta peça, se nenhuma entre nós o faz? Aquela desaprovação para cá não pega. Foi decerto Gil Vaz (pseudónimo dos autores) que, por coquetismo, preparara aquele chinfrim glorioso».

Pinheiro Chagas elucida: «Estes versos têm um grande alcance. O relatório é a morfina nacional. Quando o País sente as dores excruciantes de algum dos muitos males que o corroem, reune-se uma junta com o título de comissão e aplica-lhe gravemente um relatório».

E para finalisar esta ronda de opiniões ilustres, Antero do Quental depõe:

«Não assisti á representação da «Viagem á roda da Parvonia», mas se a peça corresponde á descrição que dela me fizeram, acho aquele desastre, coisa muito natural. Entendo até que era de prever.

«Propoz-se o meu amigo descrever a sociedade de Lisboa, na variedade pitoresca das suas pequenas e não pequenas misérias morais e intelectuais, com os seus ridiculos e as suas baixezas, as suas pretensões e a sua ignorancia. Está claro que não podia Gil Vaz ser recebido como triunfador. Com efeito, se esse publico aplaudisse o quadro da própria ignominia que lhe era, apresentado, seria, além de tudo o mais, cinico. Pode ser, que ás vezes, em momentos raros de relativa lucidez desconfie do que é tolo. Mas não o reconhece e não admite que lho digam».

Além destes «grandes» da literatura portuguesa, também Lobo de Avila, Gervásio Lobato, João de Deus, Oliveira Martins e muitos mais, deram a sua opinião sobre o memorável acontecimento que, faz agora oitenta anos, agitou a pacatez lisboeta.

Junqueiro tinha então 29 anos. D. Luís, governava tranquilamente o País, sobejando-lhe o tempo para traduzir Shakespeare.

Calcule-se, portanto, o borborinho que teria produzido em época tão calma, a célebre «Viagem á roda da Parvonia»!

L. R.

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

Uma rapariga venceu uma quadrilha

CERTA vez, num dia de Sol causticante, irrompeu, de subito, na minha velha cidade do Oeste o bando de Jack Maddox, o «Maneta», galopando furiosamente, entre remoinhos de poeira, e a disparar á doida. Era o assalto ao Banco Nacional.

Passou-se a coisa no ano de mil oitocentos e noventa. Eu não estava lá, mas ouvi a história contada por meu avô, que, na ocasião, precisamente quando surgiu a trovejante cavalgada do «Maneta», se repoltreava numa cadeira de costas fincadas na parede, á sombra do toldo do «Bar Greentight».

O «Maneta», ladrão de comboios e de gado, era um tipo da pior espécie, em todos os sentidos; e os apaniguados roçavam pela mesma craveira, embora uns piores do que os outros. Naquele dia, o bandoleiro era escoltado por Zeb Coultry, Bad Pete Jacobs, Charley Williams e os dois irmãos Karrick, pimpando nos seus cavalos e cometendo fantásticas tropelias. Todos empunhavam revólvores de seis cargas e carabinas «Winchester» e, enquanto a cavalgada diabólica estrepitava pela Avenida de Santa Fé, a caminho do banco, disparavam a torto e a direito sobre quem quer que estivesse ao seu alcance, incluindo meu avô. Dizia ele que se levantara da sua cadeira e, pacatamente, entrara no «bar», como se fosse tomar qualquer coisa, pois não se queria ver envolvido no assalto, nem mesmo como testemunha, embora meu tio Abner sempre tenha narrado a proeza dos meliantes de maneira um pouco diferente.

Dizia meu tio, que estava sossegadamente, a jogar o «poker» com uns amigos, quando, de repente, passou por ele uma coisa estranha, assim como um morcego saído de alguma caverna, e, daí a momentos, ouviu um tremendo estilhaçar de vidros, vendo o meu avô atirar-se da janela para o quintal. Não se pode, contudo, fazer muita fé no tio Abner, dada a sua tendência para exagerar as coisas. Mas, seja como for, poucas pessoas se viam na avenida quando a tenebrosa quadrilha do «Maneta» chegou ao banco. A unica que estava bem á vista era o velho Pat Dillon, chefe da Polícia local. Alvo de uma saraivada de tiros, enfureceu-se e começou, também, a disparar o seu revólver de seis descargas contra o «Maneta». Pat não era, contudo, atirador exímio, de modo que o bandoleiro e os outros assaltantes pouca atenção lhe ligaram. Como, porém, o velho continuava a fazer fogo, Sid Karrick atingiu-o com uma bala certeira.

* * *

O «Maneta», Zeb Coultry e Pete Jacobs saltaram dos cavalos á porta do banco e entraram, ficando os outros cá fora, para atirarem contra alguém que aparecesse por ali.

Uma vez lá dentro, o «Maneta» dirigiu-se para a caixa e, apontando o revólver á pessoa que estava detrás da rede, disse-lhe mais ou menos:

— Passe para cá o «metal» e depressa!

Pois imediatamente, com grande espanto do facínora, alguém lhe desviou o cano da arma ameaçadora, vendo-se ele de cara a cara com uma linda rapariga, que assim lhe falou:

— Ora, viva, «seu» Jack! Então que há?

Era, nem mais nem menos, Daisy Bartfield, filha do «caixa» do banco, a qual, como se soube depois, estava a substituir o pai, amarrado á cama pelo reumatismo!

O «Maneta» ficou a olhar, boquiaberto, para a rapariga, sem atinar com o que lhe havia de dizer, enquanto ela ia sempre falando, muito satisfeita:

— Então, por onde tem andado todos estes anos, Jack Maddox? — perguntou-lhe ela —. E por que olha para mim dessa maneira? Já não se lembra da Daisy Bartfield?

Claro está que o «Maneta» não se lembrava de coisa nenhuma, pois nunca a vira na sua vida! Na realidade, também pouca gente na velha cidade a tinha visto, uma vez que ela acabava de chegar do colégio, em férias. O que a rapariga pretendia era ganhar tempo. Assim, a conversa durou talvez uns cinco ou seis minutos, talvez até mais — e uns tantos minutos são decisivos para os assaltantes de um banco...

* * *

Entretanto, e enquanto o «Maneta» ali ficava varado de surpresa, os cidadãos da velha cidade armaram-se com as suas espingardas e, de um momento para o outro, rompeu uma fuzilaria dos demónios. Ouvindo o tiroteio, Maddox, Coultry e Jacbs esgueiraram-se, atarantados e apressadamente, para fora do banco. Mas logo o «Maneta» se viu com uma «asa» quebrada por um tiro que dezanove dos nossos melhores cidadãos garantiram ter disparado. Bad Pete, que era decidido, agarrando Charley, içou-o para a garupa e largou a galopar, sem querer saber das balas que lhe zumbiam aos ouvidos. Zeb Coultry tentou, igualmente, puxar o «Maneta» para cima da sua montada, mas apanhou uma bala num ombro e viu-se em sérios apuros para saltar sózinho sobre o cavalo.

No meio da refrega, todos conseguiram safar-se menos o «Maneta», o qual, depois de o dr. Wilcox lhe ter aplicado um penso no ombro, foi metido na cadeia. Quando ali entrou tinha o ar perplexo de quem dá voltas ao miolo procurando resolver um intrincado problema, e voltando-se para o Xerife, Bob Davies, acabou por lhe dizer:

— Bob: não sou capaz de descobrir quem era aquela rapariga do banco! Não me lembro de a ter visto antes, e começo a pensar que talvez ela se tenha enganado quando disse que me conhecia!

Texto integral do conto de
DAMON RUNYON

Livros novos

1 A «Arcádia» publicou agora: «Eloi», de João Gaspar Simões, terceira edição revista pelo autor; «Adolescente agrilhoado», romance de José Marmelo e Silva; e «As Escarpas do Medo», também romance, de Luís Cajão.

2 De Alberto de Meneses Rodrigues, «Caminhos de luz», novelas. Edição da Tipografia Rangel, Bartóvia, Goa.

3 De Augusto Mota recebemos «Quadriculado». O autor define a obra como «exaltação de toda a realidade pensante assente num princípio quaternário de produção artística, como reacção espontanea a um realismo meramente descritivo, falho daquela força interior que leva á universalização dos mitos». Desenhos do autor.

FEIRA ANUAL EM VILA VIÇOSA

(nos dias 29 a 31 de Janeiro de 1959)

A C. P. vende nos próximos dias 28 a 31 do corrente para a estação de Vila Viçosa bilhetes especiais de *ida* e *volta*, a preços reduzidos, nas estações e apeadeiros desde Evora até Portalegre e até Borba, nas estações de Lisboa (Terreiro do Paço), Barreiro, Pinhal Novo, Vendas Novas, Casa Branca, Setubal e Montijo e no apeadeiro de Barreiro-A.

Estes bilhetes são válidos para regresso nos dias 29 do corrente a 1 de Fevereiro.

A dança, escola de ritmo, de domínio dos movimentos, da vontade e do espírito, está na moda e ameaça invadir todas as camadas sociais, o que serve para confirmar a sua extraordinária e sedutora força de penetração e quanto nela há de acessível á sensibilidade humana. Escola de cultura, de espiritualidade e graça, em Portugal como no estrangeiro, vai colher entre as suas pequeninas cultoras algumas das mais graciosas imagens. Aqui se revela um grupo de bailarinas de palmo e meio, numa recente apresentação em Londres. Mesmo de lingua de fora, para dominar a emoção, a pequenina Lyne Neve mostra que é desta massa que se fazem estrelas de «ballet»

disco da semana

A prestigiosa marca de discos «DECCA» acaba de inaugurar uma nova rubrica — «A Voz e o Texto» —, destinada a divulgar a poesia portuguesa contemporanea, sobretudo através de interpretações dos próprios autores. E' de Vitorino Nemésio o primeiro disco desta colecção. E trata-se, antes de mais, de um acto de justiça a um dos maiores vultos das nossas letras, unanimemente apreciado como romancista, ensaista e historiador, mas cuja poesia — das mais originais e complexas do lirismo actual — não atingiu porventura ainda a vasta audiência que merece. Estamos certos de que o presente disco irá naturalmente preencher essa lacuna; e que o grande publico terá a surpresa de «descobrir» o grande poeta que é Vitorino Nemésio, através das suas próprias interpretações, graciosas umas, mais graves outras, mas todas modelares.

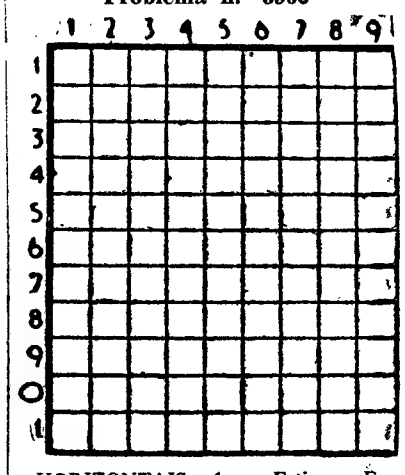
Os outros dois discos desta primeira série de «A Voz e o Texto» são consagrados a Sophia de Mello Breyner Andresen e a David Mourão-Ferreira. Se Vitorino Nemésio é, sem duvida, uma das mais importantes «vozes» poéticas reveladas nos anos 30, Sophia de Mello Breyner Andresen é uma das mais altas revelações da década seguinte e David Mourão-Ferreira um dos mais legítimos representantes da poesia do decénio actual. A' pureza e á calma hierática de Sophia Andresen respondem a angustia e a ironia de Mourão-Ferreira. Ficam assim desde já arquivadas três «vozes» contrastadas e diversas dos ultimos trinta anos da poesia portuguesa.

Os discos acima referidos são publicados pelos EST. VALENTIM DE CARVALHO, LTDA., e encontram-se também á venda nas principais livrarias.

Palavras cruzadas

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3566



HORIZONTAIS: 1 — Estimar. Encontra. 2 — Mágoa. Descerres. 3 — Gracejar. Falso. 4 — Amarres. Utensílio. 5 — Vazias. Colorido. 6 — Jarro (planta). De nenhum valor. 7 — Ente. Cure. 8 — Prefixo de negação. Pregos para pregar cortiços. 9 — Três letras iguais que se encontram na Bíblia com o sentido de Ah! Oh! Fileira. 10 — Purpura. Ofertar. 11 — Fechai as asas para descer mais depressa. Cura.

VERTICAIS: 1 — Terreiro em volta da igreja. Abrigo. 2 — Reduzi a farinha. Rezem. Nota musical. 3 — Sair á raça dos pais. Amarra. 4 — Tanto. Cidade de Itália. 5 — Pássaros. Jerusalém. 6 — Faldas. Recusa. 7 — Nome de um jogo. Frequentada. 8 — Existe. Roldana. Pátria. 9 — Tostara. De alto preço.

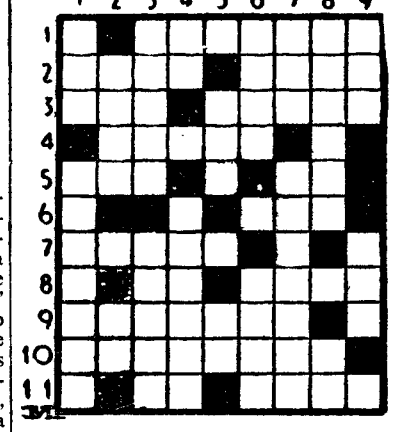
Solução do problema n.º 3565

HORIZONTAIS: 1 — Arrentela. 2 — Áreas. 3 — Ga. Avô. Pó. 4 — Ela. Mar. 5 — Lama. Tora. 6 — Me. Ri. 7 — Tó. Tem. Ag. 8 — Ermas. 9 — Nato. Luta. 10 — Toca. Gaio. 11 — Os. Rua. As.

VERTICAIS: 1 — Argel. Tonto. 2 — Alamo. Aos. 3 — Rá. Ame. Etc. 4 — Era. Troar. 5 — Neva. Sem. 6 — Tão. Malga. 7 — Ês. Mor. Sua. 8 — Pária. Tia. 9 — Amora. Grãos.

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1495



HORIZONTAIS: 1 — Beneficiavam. 2 — Encolerizou. Em relação a. 3 — Casa. Em razão de. 4 — Ruas estreitas e curtas. 5 — Repetição. Pertences. 6 — Determinada. 7 — Norma. 8 — Popa de navio. Sovina. 9 — Exultação. 10 — Declinando. 11 — Artigo (pl.). Cresce.

VERTICAIS: 1 — Muitos. Coberta. 2 — Ministro do culto judaico. Interpreta um escrito. 3 — Sofrimentos. Célebre pintor de origem grega, que trabalhou em Espanha (1541-1614), onde deixou quadros admiráveis. 4 — Conjunção. Atrapalhadas (pop.). 5 — Sigo. Graceja. 6 — Constelação austral. Propósitos. 7 — Frequentes. Polvilhado. 8 — Masseira. Rio da Russia. 9 — Poder. Oceano.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1494.

HORIZONTAIS: 1 — Ala. Ris. A. 2 — De. Seroam. 3 — Atro. Rio. 4 — Grassar. 5 — Ias. UNIÃO. 6 — Os. Dea. Rs. 7 — FAZ. Fio. 8 — Ágil. Mós. 9 — Bani. Arca. 10 — Abalançar. 11 — Rolar. Asa.

VERTICAIS: 1 — Adágio. Abar. 2 — Letras. Gabo. 3 — A. Rás. Final. 4 — Sós. Dalila. 5 — Ré. Suez. Ar. 6 — Ir. Ana. Man. 7 — Sorri. FORÇA. 8 — Ai. Ariscas. 9 — Amoroso. Ara.

Provérbio: A UNIÃO FAZ A FORÇA.

Diario de Lisbôa

BRINCA, MENINO

por VITOR RODRIGUES

Brinca, Menino
brinca arcos de ilusão
no teu saco esburacado.
Rola, Menino,
rola esferas
brancas, azuis, roxas
esferas coloridas
de todas as cores do arco.
Menino
rola berlindes, rola esferas de alegria
rola bolas desfeitas de sabão
rola teus sonhos de som pelo chão.

Pelo amarelo
joga-os na paleta da madrugada.

VITOR RODRIGUES

PROBLEMAS DOS JOVENS

DESINTERESSE

A incompreensão e o alheamento de muita gente, em especial da gente nova, no que respeita a manifestações artísticas—implicitamente ligadas a um possível aumento de nível cultural de futuras gerações—levaram-me a escrever estas linhas, destituidas de qualquer censura, nem aos jovens, nem ás pessoas de cujo grau de competência reputo de mais elevado que o meu.

Tem-se falado, discutido, desde tempos longínquos, da inadaptação do povo sobre qualquer desvio da rota estética, isto é, sobre determinadas evoluções para as quais a Arte foi levada.

E' um problema já coberto com muitas teias de aranha, que será de dificil solução, mas um foco que se pode atenuar, na medida da possível comunicabilidade do artista com o espectador.

Por

M. Duarte Saraiva

(18 ANOS)

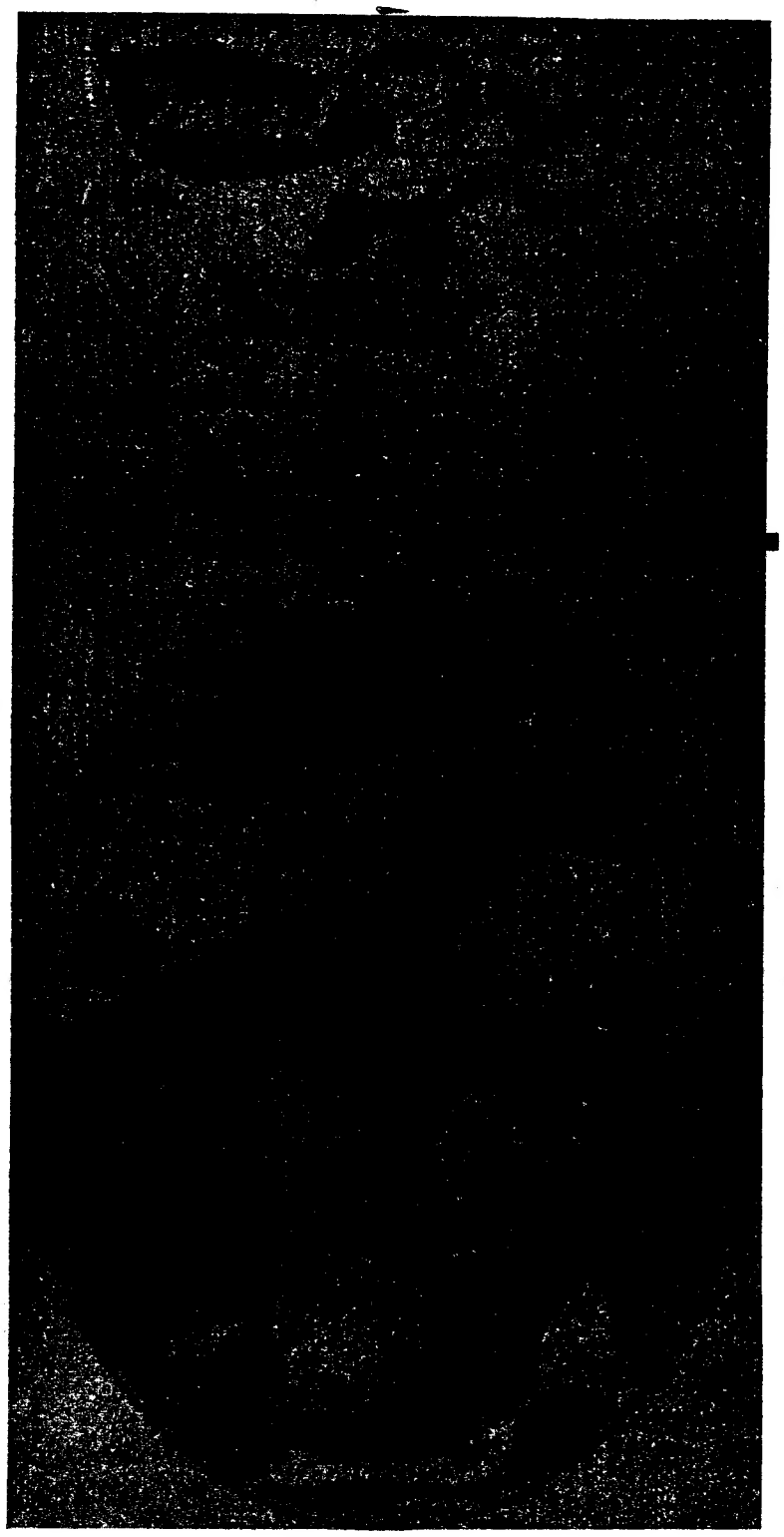
Assim vejamos: numa exposição, o burguês médio, pessoa com pouca propensão para captar uma variedade de estímulos excitantes, entra de antemão com o pé pisando a incredulidade, e uma boa disposição a aflorar-lhe os lábios.

Desde criança que essa incompreensão se vem acumulando; a criança não representa, como é natural, ideias. Nos seus desenhos predominam os objectos que ela pode ver e apalpar. Tem aí um conhecimento empírico da questão.

Se tiver a seu lado uma pessoa competente, que relacione as suas imagenzinhas no papel com o conhecimento que ela tem desse assunto, e ainda mais, com aquilo que ela desejaria e quereria fazer, a criança ficará satisfeita por ter trabalhado e moldado á sua maneira o tema a que tinha submetido o seu desenho; sentirá que não fez sòmente: um moinho—um burro—

(Continua na ultima página)

VISTOS PELOS JOVENS



CONCURSO

GIGANTES DA HUMANIDADE

Mais um compatriota nosso que é um verdadeiro gigante da Humanidade. Muitos historiadores o consideram o maior navegador de todos os tempos. Na sua juventude, começou por servir nas praças portuguesas do Norte de Africa e, ferido em Mazagão, ficou coxo para sempre. Mais tarde navegou na carreira da India. Um dia pediu a D. Manuel que lhe aumentasse a tença e como este não lhe ligou qualquer importancia, ele deixou o País. Trabalhou em Espanha e foi aí que realizou o seu sonho genial: encontrar uma passagem maritima no Eudoeste do Atlantico e, através dela, atingir as Molucas, a India, a Africa e voltar, sempre na mesma viagem, ao ponto de partida...

Era a primeira viagem em torno do Globo!

Para ela se preparou maduramente. Por ela lutou até conseguir que o rei de Castela lhe desse ouvidos. Comandante de uma frota, soube vencer todos os infortunios, as próprias revoltas da marinhagem e perseverar no seu objectivo, como todos os grandes génios. Por fim veio o dia em que encontrou uma passagem e, do outro lado, um infinito Oceano a que pôs o nome de Pacífico. Atravessou esse deserto de água monótono, sem nunca desesperar.

Atingidas as Filipinas aí viria a morrer (na ilha de Matão), em combate com os indigenas, em 27 de Abril de 1521. Caiu, trespassado de golpes, sempre a olhar para os companheiros, a ver se eles, embarcando em pequenas chalupas, conseguiriam salvar-se á custa do seu sacrificio. Escreveu o cronista da viagem, o italiano António Pigafetta, no seu «Diário».

Asi murió nuestro guia, nuestra luz, y nuestro sostén. Pero la gloria de Magallanes sobrevirá a su muerte. Adornado de todas las virtudes, mostró inquebrantable constancia em medio de sus mayores adversidades. En el mar se condenaba a si mismo a más privaciones que la tripulación. Versado más que ninguno en el conocimiento de los mapas náuticos, sabia perfectamente el arte de la navigación, como lo demostró dando la vuelta al mundo, lo que nadie osó intentar antes delle».

As respostas devem estar no JUVENIL até ao próximo dia 7 de Fevereiro, acompanhadas do nome rada dos concorrentes, bem como completo, data do nascimento e modo seu numero de ficheiro (no caso de já o terem) e da indicação dos três artigos que mais lhes agradaram no numero desta semana. Além dos prémios habituais, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre este grande navegador.

FLASH

ESTE DIA DE INVERNO

por MANUEL AGRA

Ao diabo a tristeza!

Chove? Pois sim, que chova.

E frio? E névoa? E nem um palmo adiante do nariz?

Se eu quiser não me ralo. Sei coisas... Segredos...

Aqui perto há um tunel.

Não digam nada, be quiet! E venham comigo.

Dêem cá a mão.

Sem bulha, percebem? Para ninguém dar com a história.

Atravessamos o tunel e do outro lado não queiram saber!

E' o mar...

E' o riso...

E' amontanha azul...

E' o ar lavado como quando passa uma andorinha. O horizonte fica tão longe que podemos estender as pernas á vontade. E podemos saltar sem bater com a cabeça no céu pardo. E tudo.

O mal está em o tunel ser guardado por um dragão.

Mas a gente passa-lhe uma rasteira.

Ou espera que ele adormeça e então há que ter a coragem de lhe deslizar mesmo por debaixo do bigode.

Perigoso, claro.

Mas senão, ainda me resta um recurso: esta flor. Parece uma flor vulgar, porém trouxe-a de um mergulho que dei ao Poço da Princesa, no Pacífico, não sei se conhecem, assim uma coisa parecida com nove mil metros de profundidade.

A luz que ela dava lá no fundo!

Parece mentira, mas o perfume dela!

Leva-a a gente ao rosto e logo á nossa volta tudo se transfigura. O que era chuva, passa a ser uma bênção. O que era dor, vira seta com o bico apontado para os astros. E hoje, que parecia ser ontem, é tão amanhã, tão, que nós estendemos o braço para lhe tocar.

Bem, e é que tocamos mesmo.

Contou-me que foi um Génio que a deixou cair de uma galera fenícia.

Todos os dias mergulha gente á procura dela. Porque o condão que ela tem é assim: acabar com o desanimo, dar velas de navio aos olhos das pessoas.

E' por isso que eu não ligo á chuva nem ao frio.

Ao diabo a tristeza!

... ...

—O senhor é capaz de me fazer daqui um barco?

E o Menino apresentou-me uma folha de papel. Claro que sou. Num instante. Nem a gente percebe se o barco nasceu, se foram as mãos.

O Menino deita o barco á torrente da chuva.

Bate as palmas.

Ri.

A pose cinzenta do dia esfarela-se...

CONCURSO DA SEMANA

Gente nossa

Corre-se o Universo inteiro
e o mistério em nossas casas:
Das mãos sagradas do oleiro
a vida nasce — e com asas...

Barro só é coisa morta —
quando, na fuga secreta,
não vão as mãos do poeta,
ardentes, bater-lhe á porta.

E' tanta a doce humildade
que o barro se ultrapassou:
toma as formas que a verdade
do oleiro lhe sagrou.

Vejam só: ao contorná-lo
nos grossos dedos singelos
morre a argila — nasce um galo,
nasce o galo de Barcelos...

Não acredito que exista
mais gana de rebeldia
do que no sangue da crista
deste galo de olaria.

E mais nenhum outro tem
que esta figura calada
a alma a dizer que vem
já no Céu a madrugada.

Oleiro de alto sinal
quem sabe lá — penso eu —
se foi até Portugal
das tuas mãos que nasceu.

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a província portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo sábado, dia 7 de Fevereiro.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 90: GENTE NOSSA: Coimbra. GIGANTES DA HUMANIDADE: Roberto Schumann.

Vencedores

1. — Amigo N.º 87 — João Manuel Gomes Duarte (Lisboa).
2. — Amigo N.º 451 — Luís A. da Silva (Lisboa).
3. — Amigo N.º 1142 — Fernando Leryra (Lisboa).
4. — Amigo N.º 972 — Luís Ribeiro de Carvalho (Monchique).
5. — Amigo N.º 1464 — António Francisco M. de Carvalho (Amadora).
6. — Amigo N.º 856 — Francisco
7. — Amigo n.º 1286 — Carlos Alberto Cardoso (Torres Vedras).
José Fernandes (Torres Vedras).
8. — Amigo N.º 1457 — Maria Helena Aguiar Ribeiro (Lisboa).
9. — Amigo N.º 1432 — Maria Teresa Pantoja (Barreiro).
10. — Amigo N.º 6 — Maria José Valente Perfeito (Lisboa).
11. — Amigo N.º 1174 — Joaquim Pires Gonçalves (Lisboa).
12. — Amigo N.º 1394 — Manuel de Sá Gomes. (Vila Nova de Gaia).

Prémios

1 a 5: «O VELHO E O MAR», por Ernest Hemingway — Colecção MINIATURA, de «Livros do Brasil, Ld.ª».

6 e 7: «PORGY AND BESS», por Du Bose Heyward—Col. MINIATURA.

8 e 10: «FELICIDADE», por Katherin Mansfield, Col. MINIATURA.

11 e 12: «HIROSHIMA» por John Hersey — Col. MINIATURA.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE SCHUMANN

13. — Amigo N.º 1472 — Margarida Melo (Lisboa).

13. — «MUSICA AO LONGE» e «CLARISSA».

AVENTURAS DO DETECTIVE PARARRAIOS

O mistério da bengala de bambú IX

A Selva não perdoa

Nesse mesmo dia, os dois amigos embrenharam-se na selva. Acompanhava-os um negro que dizia saber perfeitamente, a olhos fechados, onde se encontrava a aldeia do Régulo Kamalo. Fora para lá que um negro levara a bengala de bambu, aproveitando-se dos motins desencadeados na cidade de Leopoldo.

Pararraios resistiu tenazmente á proposta de Basílio de fazerem ao menos uma refeição quente antes de entrarem nesse mundo para eles desconhecido.

—Para que precisamos nós de refeições quentes? — dizia ele com um sorriso brincalhão. — Bem bons calores vamos nós ter ainda...

Basílio formalizava-se:

—Eu ainda compreendo que o meu amo recuse o jantar (com grande dificuldade, mas enfim...). Agora que se ponha a brincar com essa história dos calores... Só de o ouvir já sinto um destes frios...

Era meia-noite quando fizeram alto. Armaram a tenda, acenderam a fogueira. O jantar constou frugalmente de meia duzia de bananas apanhadas pelo guia. Este fazia-se entender por gestos e a certa altura, quando procurava explicar ao detective a grande miséria em que viviam os seus irmãos, reparou que uma língua de fogo saía da cabeça do branco. Abriu os olhos desmedidamente, recuou uns passos, deu meia volta e tornou pelo caminho de onde viera...

—Que bicho lhe teria mordido?— exclamou Pararraios.

Basílio suspirou:

—Pergunta bem...

—Que vai ser dele agora?

—E de nós, meu amo, já se lembrou do que vai agora ser de nós?

A noite passaram-na em constante sobressalto. Mas a fogueira espantava os bichos que por mais de uma vez se aproximaram, para recuarem logo a seguir, chamuscados.

A luz do dia dissipou um tanto o mistério e o medo da grande floresta. Puseram-se a caminho, utilizando as vagas informações que haviam colhido do guia. De repente, Basílio ouviu uma criança chorar.

—Pobre anjinho — exclamou. E ia a embrenhar-se no mato, quando Pararraios o agarrou por um braço:

—Louco! Não dês um passo, se tens amor á vida!

—Ora essa! Então o meu amo tem coragem...

—Ouve, as hienas imitam perfeitamente o choro das crianças...

Basílio empalideceu. Ia agradecer ao detective, mas nem teve tempo: surgiram de todos os lados alcateias de hienas e os dois amigos não tiveram outra alternativa senão trepar á árvore mais próxima...

—Desta estamos nós safos. Veremos a outra... — filosofou Basílio.

Mal acabara de falar quando um enorme abutre se precipitou para eles. Desequilibraram-se, com a investida, ficaram suspensos a grande altura...

—Que é aquilo lá em baixo? — perguntou o ajudante. — Parece-me água...

—E é. Para te ser franco, não me agrada muito.

—Bem bom Ao menos não partimos os ossos... nem nos apanham aquelas madamas esfaimadas...

Quando já ia largar os braços do ramo em que lá em baixo, ao lume de água, se escancaravam fauces de crocodilos...

Os abutres (porque agora eram já muitos) não desistiam. E quando os nossos amigos já se julgavam perdidos, deu-se algo que se assemelhava a um ciclone e não era mais do que um bando de elefantes que passava... A árvore foi derrubada como quem derruba um cogumelo. Pararraios e Basílio deram voltas e mais voltas no ar. Caíram em terra, mas a terra não era firme, deslocava-se a grande velocidade.

—Meu senhor, explique-me! — implorou Basílio, em voz chorosa.

—Caímos no dorso de um elefante — respondeu Pararraios —. Isto é, o melhor que nos podia acontecer! Já devemos estar perto da aldeia do Régulo Kamalo. Presta atenção, Basílio. Quando vires umas cubatas, descemos.

—Descemos? Como?

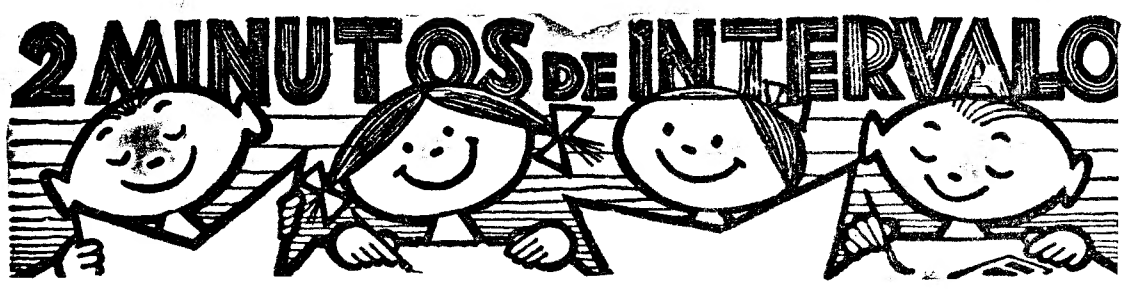
—Ora essa! Com o carro em andamento...

Assim fizeram. Rolaram ainda um bom bocado sobre o capim. E quando iam a levantar-se, viram-se agarrados por negros possantes que os arrastaram gritando:

—A' morte! A' morte!

«Desta é que não escapamos!»— foi o ultimo pensamento de Basílio.

(Continua)



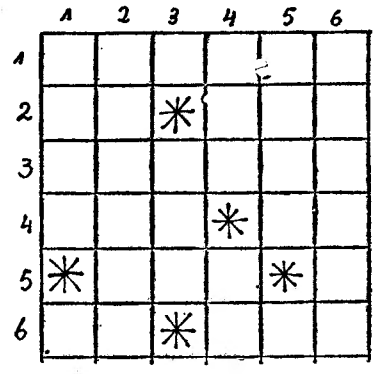
Respeito...

Todos reparavam na escola, no estranho caso do Periquito que, sempre que passava diante do horário pregado na parede, tirava o chapéu.

— Porque fazes tu isso? — perguntam-lhe.

— Porque o senhor professor me disse que os alunos deviam respeitar os horários.

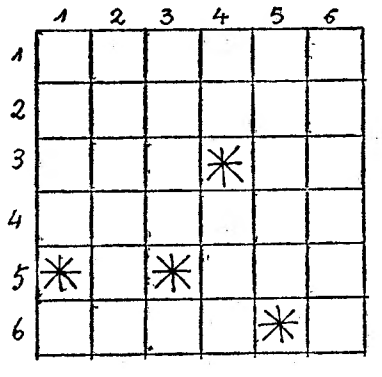
PALAVRAS CRUZADAS



Francês

HORIZONTAIS: 1 — Beleza. 2 — Pronome indefinido. As consoantes de «sirena». 3 — Irreal. 4 — Se. (a si). Pronome reflexo. 5 — Gasto. 6 — Artigo definido. Nascida.

VERTICAIS: 1 — Bosque. 2 — Rouco. 3 — Ris. 4 — Emprega. Preposição. 5 — Muito. 6 — Particípio passado do verbo «en lever».



Inglês

HORIZONTAIS: 1 — Forte. 2 — Orador. 3 — Capacho. Vogais de gelo. 4 — Destruir, agitar. 5 — O algarismo um, escrito desordenadamente. 6 — Lento.

VERTICAIS: 1 — Alguns. 2 — Viajar. 3 — Preço, valor. 4 — Preposição (invertida). Bulha, agitação. 5 — Ruído. 6 — Verdura, legumes.

SOLUÇÕES

Francês

HORIZONTAIS: 1 — Beauté. 2 — On. SRN. 3 — Irreel. 4 — Soi. Se. 5 — Use. 6 — Le. Née.
VERTICAIS: 1 — Bois. 2 — Enroué. 3 — Ris. 4 — Use. En. 5 — Très. 6 — Enlevé.

Inglês

HORIZONTAIS: 1 — Some. 2 — Travel. 3 — Rate. 4 — OT. Row. 5 — Noise. 6 — Greens.
VERTICAIS: 1 — Slow. 2 — Oen. 6 — Strong. 2 — Orator. 3 — Mat. Ie. 4 — Reverse.

Inglês

Totó aprende inglês, mas não com a vontade necessária.

— Vê bem — diz o pai, para despertar-lhe o gosto. — Há no Mundo mais de quatrocentos milhões de pessoas que falam inglês...

— E não chegam?... — pergunta inocentemente, o Totó.

O sono dos animais

Em geral, todos os animais dormem pouco. Mas dormem pouquíssimo o cavalo, o boi, a girafa, etc. Esta ultima, por exemplo, não dorme mais do que 20 minutos em cada noite. Podemos dizer que, ela bate o «record» mundial do mínimo em sono. E porque acontece assim? Porque a girafa não dorme senão quando tem absoluta certeza de não correr perigo.

O elefante dorme entre duas e quatro horas por noite, de um sono pouco profundo.

Aliás, em relação a muitos animais, não se pode falar propriamente de «dormir». Melhor diremos que «passam pelas brasas». Isto permite-lhes levantar-se rápidamente e fugirem, em caso de perigo.

Os animais carnívoros, por sua vez, como o leão e o tigre, já dormem mais repousados; mais repousados dormem ainda os carnívoros domésticos — o cão e o gato, capazes de mergulharem em sono profundo sempre que se sentem em segurança.

Quanto ao homem, se não deve imitar a girafa, será bom que não imite o gato.

De ricochete

A mãe de Periquito, repreendendo-o:

— Tens de te modificar, meu filho. Fazes-me cabelos brancos com as tuas tropelias!

E o Periquito, pensativo:

— Ah, agora compreendo por que ficou a avó com o cabelo todo branquinho...

Frases célebres

As frases que seguem foram proferidas por figuras célebres da nossa História. Queres tu dizer os seus nomes?

*

«Morrer, sim! Mas devagar...».

*

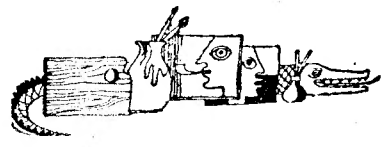
«Adeus, Portugal, que te vais á vela!».

*

«Mais vale ser rainha uma hora que duquesa toda a vida!».

*

«Mal com os homens por amor de el-rei, mal com el-rei por amor dos homens!».

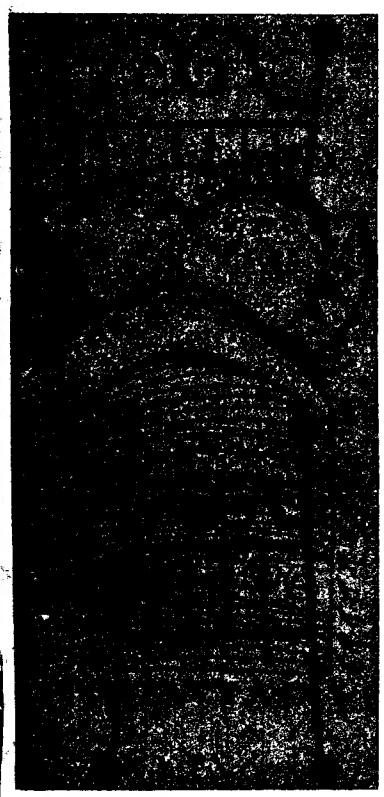


ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

Como fugir ao Inverno?

Quando o tempo começou a arrefecer, as folhas a amarelecer e a cair, os riachos a engrossar e a correr mais velozes, muitos animais da floresta pensaram que tinha chegado o momento de se agasalharem. Mas como? Os abafos custam caro e são insuficientes; os ninhos vão encher-se de neve e tornar-se inabitáveis. Os transportes para animais selvagens não foram ainda criados e nem nunca o serão, talvez; portanto, mudar de terra é difícil, impossível mesmo. Pois bem, só há um recurso: hibernar. Hibernar quer dizer passar o Inverno o melhor possível, agasalhado, embora para isso seja preciso não comer nem passear. Só dormir.

Esta faculdade não é dada a todos os animais; é-o àqueles cujos meios de defesa são insuficientes, cujo ambiente se torna inóspito com o Inverno ou para os quais escasseia a alimentação. Estão neste caso al-



guns mamíferos, duas espécies de pássaros e repteis.

Mas não se trata apenas de dormir, mal surgem os primeiros frios, até luzir o primeiro raio de sol primaveril. Não, no interior do animal também se passam fenómenos importantes: a temperatura desce até poucos graus acima de zero; o coração continua a ter a circulação em cada veia e cada artéria. Mas as pulsações reduziram-se, a pressão arterial baixa e o metabolismo — processo de alimentação interna — passa para 1% do normal. O animal terá de alimentar-se, agora, apenas, das suas próprias reservas de gordura, mantendo-se num estado de torpor e de semi-inconsciência.

Mal da Primavera desponta nos botões das árvores ou nas tímidas flores do prado, a temperatura sobe o suficiente para que o organismo comece a despertar. Contudo, como aqueles meninos preguiçosos que levam tempo a tomar contacto com a realidade, só no fim de três horas, o hibernante está completamente desperto. No entanto, mal começa a acordar, uma hora depois pelo menos, o numero de aspirações é cerca de 35 por minuto e a temperatura sobe para 15 graus; no fim de duas horas respira já 100 vezes por minuto e a temperatura galgou para os 30 graus. E' nesta

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

altura que ensaia os primeiros movimentos do ano sem, contudo, lhe ser ainda possível controlar os músculos. Mas depois das três horas, tudo entrou na normalidade, todas as faculdades estão despertas para uma vida incerta e difícil, na grande floresta, nos rios caudalosos, nos prados sem fim, no deserto tempestuoso.

Experiências feitas sobre a parede cortical do cérebro mostram que abaixo de 20 graus cessa toda a actividade cerebral, ficando, no entanto despertos os nervos a temperaturas até mais baixas. Este cessar de actividade explica a perda de «contrôle» muscular desde o início ao fim da hibernação.

Mas uma coisa não foi, ainda, explicada: as gorduras do animal, a tão baixas temperaturas congela. Como consegue ele transformar essas substancias sólidas em semiliquidas? Certamente que sem esta faculdade o animal não poderia alimentar-se das próprias reservas durante tão longo sono.

Os animais que não engordam antes da hibernação, isto é, que não armazenam mantimentos para o duro Inverno, acordam algumas vezes durante esse tempo e alimentam-se de reservas alimentares que, préviamente, colocaram ao seu alcance, antes de adormecer.

Os Cavaleiros da Távola Redonda

VI — As proezas dum moço jardineiro

COM a boa Espada «Excalibur» — que queria dizer «Corta Aço — o seu lado, o jovem rei Artur tornou-se invencível. Um a um foram mordendo o pó todos os cruéis barões de Inglaterra e ao mesmo tempo que isto sucedia também por toda a parte, nas searas, nos pomares, nas cabanas humildes, nas cidades e vilas e aldeias, nas florestas de serenas árvores se foi apagando o negro penacho dos incêndios. **Por fim veio a Paz, que é aquele tempo maravilhoso em que as mães deixam de apertar com medo os filhos nos braços e com infinito amor os olham a brincar livremente sob os afagos do Sol. Ora enquanto se lançava a curar as feridas da guerra — o povo considerou no seu coração que aquela Espada devia chamar-se dois nomes: Espada do Povo e Espada do Amor. E como é sempre o povo que, num país, põe o nome duradouro ás coisas, aquela Espada Excalibur passou em Inglaterra a ser conhecida com mais aqueles dois nomes.**

Em seguida o povo começou a pensar que o jovem rei Artur tinha de escolher uma bela e boa companheira para toda a sua vida. Juntavam-se aos magotes os homens e as mulheres, pelas noites serenas e diziam:

— E se fôssemos contar a Artur o que trazemos na ideia? Um castelo sem uma boa mulher é um castelo frio e triste...

Por fim veio um dia em que o rei Artur recebeu uma deputação da gente do povo. Quando um velho, em nome de todos, lhe disse ao que vinha, o jovem monarca sentiu grande alegria e respondeu-lhe que sim, que iria procurar uma boa companheira.

Já se calcula que a notícia soprou rápida como o vento por todos os cantos da terra e não ficou castelo algum, onde vivesse princesa casadoira, que a notícia não visitasse. Todas as jovens sentiram bater o coração e cada uma sonhou que ra a ela que Artur escolheria... Mas e altura de saber que o jovem rei tinha já muito amor a uma mocinha princesa, filha do rei Liodagão da Carmélida. For isso procurou uma tarde o seu amigo Merlim e disse-lhe:

— O povo pede-me que procure mulher.

— O povo tem razão — respondeu Merlim em voz baixa, como se estivesse a falar apenas consigo próprio — o povo tem razão... Mas há alguma a quem ameis mais do que a qualquer outra, meu senhor?

— Oh! decerto. Tenho uma. E' a filha do rei Liodagão da Carmélida, Genebra...

— Quereis então, senhor, que a mandemos pedir em casamento?

— Ah! não! Sabe-se lá se ela me ama!... Eu só quero casar com uma jovem que me ame e não porque saiba que eu sou rei.

— Na mesma altura, minha ama? Na mesma altura, não. Juro-vos que estava sózinho.

A princesa calou-se e passou a cuidar com todo o cuidado o seu jardineiro Ricardo. Até que um dia descobriu tudo, embora não soubesse que o belo cavaleiro era rei e se chamava Artur de Inglaterra. Quando tal verificou, Artur fugiu e já vestido de cavaleiro, encontrou no caminho outros quatro cavaleiros a quem venceu. Então disse-lhes:

— Ide ter com a princesa Genebra e dizei-lhe que o «Cavaleiro Desconhecido» que vos venceu em batalha leal vos manda junto dela para que a sirvais como ela merece e precisa.

Os cavaleiros assim fizeram e a princesa sentiu-se imensamente feliz com aquela homenagem, pois estava prisioneira no castelo. Sir Mordaunt, que queria casar com ela, tinha mandado embora toda a guarnição fiel e ficara apenas com seis cavaleiros da sua confiança. Caso não aparecesse quem quisesse terçar armas com eles, em defesa de Genebra, esta teria que aceitá-lo por marido, mesmo contra sua vontade.

A pobre princesinha passava os dias e as noites chorando, pois só

— Então que me quereis?

— Quero que me arranjeis um encantamento que faça com que eu passe por todo o lado sem que ninguém me conheça.

— Ao outro dia Merlim trouxe-lhe um gorro e apenas o enfiou na cabeça o jovem rei ficou transformado num simples jardineiro.

Assim tornado simples jardineiro se meteu pelas estradas do Mundo e foi andando e trabalhou aqui e ali e comeu pãozinho ganho com o suor do seu rosto. Finalmente chegou á Carmélida, ao castelo onde vivia a mocinha Genebra.

— Queria trabalho — pediu ele á guarda do enorme portão do castelo.

— Mas que sabes fazer?

— Ah! sou mestre jardineiro e sei criar as mais belas flores da terra.

Foram dizer á princesa que estava ali um jovem jardineiro que criava as mais belas flores da terra e logo pediu ao cavaleiro que guardava o castelo — sir Mordaunt of North Umber — para o admitir ao serviço. Como este fidalgo o que mais desejava era casar com a princesa, logo ali lhe fez a vontade.

Todos os dias Artur trazia a Genebra as mais belas flores da terra e vendo-a e falando com ela cada vez a achava mais bela e mais bondosa. Ora aconteceu que uma manhãzinha o jovem Artur estava a lavar-se numa fonte que se avistava da torre do castelo e, descuidado, lançou para o chão o seu gorro. A princesa, que estava á janela da torre, ficou espantadíssima e disse para consigo:

— Quem será tão belo cavaleiro?

Na verdade, sem o gorro o jovem voltava a ser o que era, a ser o rei Artur. Mas que tinha sucedido? Genebra esfregou os olhos para ter a certeza de que não sonhava. Mas não: quem estava agora a lavar-se era Ricardo, o seu jardineiro. Quando o encontrou no jardim a princesa perguntou-lhe:

— Ricardo, viste lá em baixo, na Fonte Branca, um cavaleiro a lavar-se, esta manhã? Tu estavas lá na mesma altura...

amava aquele cavaleiro desconhecido que lhe mandara os outro quatro vencidos para a servirem. Certa manhã foi-lhes pedir para desafiarem os sete guardas que a tinham prisioneira, mas eles responderam que eram só quatro homens e que fácilmente seriam mortos.

Ora finalmente chegou uma bela tarde á porta do castelo um cavaleiro que mandou dizer que estava disposto a combater com todos os sete cavaleiros que não tinham vergonha de encarcerar uma jovem indefesa. Logo sir Mordaunt e os seus acó-

litos acorreram, certos da vitória. Mas que encantamento tinha aquela espada? De cada vez que girava no ar logo um cavaleiro mordia o chão. Até que ficaram só três, que fugiram.

Não será preciso contar a suave alegria que teve Genebra quando se viu liberta e liberta justamente pelo seu «Cavaleiro Desconhecido». Pouco tempo depois casaram e a princesa achou muita graça ao estratagema de Artur para desposar uma mulher que, primeiro, se apaixonasse por ele.

(Continua)

Diário de Bordo

Amigo n.º 357 — Fernando Tavares Rodrigues (Porto): Os prémios já seguiram, agradeço acuses a sua recepção.

Amigo n.º 1.448 — Armando Cerqueira (Lisboa): És o numero aqui apontado. Estamos a organizar o intercambio com os Franceses. Espera um pouco.

Amigo n.º 1.436 — Armando Pereira da Silva (Aveiro): Podes mandar as produções que entenderes, mas só uma será premiada — a melhor, bem entendido. Os desenhos podem ser de outro, sim; o prémio é outro, também.

Amigo n.º 1.150 — Mario Pereira (Lisboa): O livro já seguiu. Quanto á tua pergunta, da semana passada, confesso que não sei qual é. Não tenho ideia de carta tua, nessa altura. Repete-a por favor.

Amigo n.º 891 — Alfredo Perdigão (Torres Vedras): Sim, temos muitos colaboradores, mas isso não quer dizer que deixem os outros de colaborar. Só há que esperar a vez, a menos que o trabalho seja de tal categoria e actualidade que deva passar á frente, compreendes, não é verdade? Há assuntos que não podem esperar...

Amigo 1.243 — Teófilo Araujo (Almada): A tua ideia é estupenda mas... já nós a teríamos tido e posto em prática, se ela tivesse viabilidade. Infelizmente, não é possível por agora, o «Juvenil» meter mais. Mas tenhamos esperança, Amigo, tudo pode acontecer.

Amigo n.º 1.554 — António Sequeira Cardoso (Lisboa): Claro que houve engano no envio dos livros. Aliás, já tinhamos dado por falta deles, sem que soubessemos onde teriam ido parar. Estávamos, simplesmente, á espera. Agradeço-te, pois, a maçada de os devolveres para o remetente (Avenida de Roma, 87, 5.º, dt.): Obrigado. De futuro, faremos o que nos pedes. E mais uma gentileza que te devemos.

Amigo n.º 1.378 — Maria Manuela Arim (Lisboa): Não, Amiguinha, não é falta de atenção para contigo. Mas tu nem imaginas o monte de trabalhos que nos chegam, de toda a parte do País. Deles, temos que seleccionar, marcar a data de entrada para evitar atropelos, etc. Tudo isso leva tempo, como calculas. Espera, pois, a tua vez. Fazes bem em te considerares Amiga nossa, pois mesmo quando os trabalhos não são publicáveis — e que não é o teu caso — não deixamos de ser amigos dos jovens que nos escrevem. Pelo contrário, em casos de recusa, procuramos guiar, aconselhar, mostrar os erros cometidos enfim, encorajar a boa vontade dos nossos Amigos, que essa, sim, vale muito para nós. Tem, pois, confiança e... paciência.

Amigo n.º 945 — Maria Helena Correia (Queluz): Sabes que achei a tua carta comovente de sinceridade? Mas, Amiguinha, desculpa que discorde de tal opinião a teu respeito. Quem é que, na vida, não tem préstimo para nada, se tem a possibilidade de analisar e a franqueza de confessar as fraquezas. Mas eu discordo, já disse. As tuas cartas vêm sempre repassadas de boa vontade, inteligência, desejo de estudar e melhorar, o que é meio caminho andado. Quando resolveres fazer qualquer coisa, conta comigo para te ajudar. E verás que só a primeira tentativa custa um pouco. E' preciso que confies em ti. Outros amigos têm tido a mesma ideia acerca de si próprios e, encorajados por nós, confessam hoje que se enganavam. E o que para nós é uma consolação e um estímulo, confessam que foi o «Juvenil» quem os revelou. Não achas motivo de orgulho para o nosso jornal? Coragem, pois, Amiguinha, o caminho está á tua frente; não receies as dificuldades.

Amigo n.º 1.369 — Maria José Conde Barroso (Lisboa): Os livros seguem pelo correio, quer os premiados morem em Lisboa ou na província. Isto para evitar sarilhos. Mas a esta hora já lá o tens, não é verdade? Manda dizer que sim? Sabes que nem todas as respostas certas têm prémio; elas são imensas e os livros... poucos, infelizmente. Por isso somos forçados a fazer sorteios, excepto para os prémios especiais, que se destinam ao melhor trabalho.

Amigo n.º 1.412 — Manuel de Lafões (Lisboa): O teu caso está esclarecido. Obrigado.

Atenção! Pedimos aos Amigos José Mota, Jorge Diogo, Luís Marques Ribeiro, António Mendonça Ventura, Célia Metrass e Zélia Maria Santos que nos mandem, com a maior brevidade, as respectivas moradas e idades.

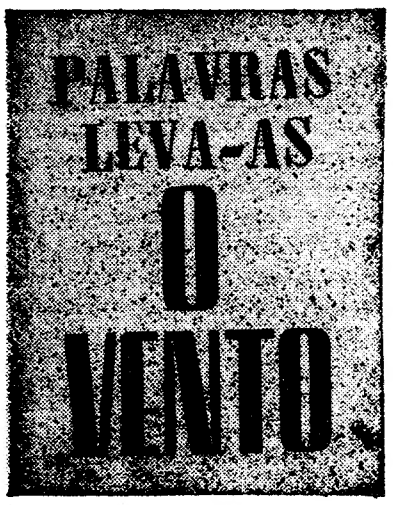
Atenção, Amigo de Coimbra, da Travessa da Matemática, n.º 5 — Teriamos muito gosto em te inscrever como Amigo, se nos tivesses mandado o nome. Mas... esqueceste o principal para que sejas «perfilhado».

Amigo n.º 222 — Jorge Mário Horta (Lisboa): Vamos publicar o nome da jovem inglesa. Obrigado. Creio que antes deveria agradecer a tua irmã e ao Luís Chaves, pois como dizes foram eles que te empurraram a escrever, de novo. Que vergonha! Não achas o prémio imerecido? Nem admira que tenhas esquecido o numero do ficheiro, com tão grande ausência...

Amigo n.º 1.493 — Francisco Murteira Nabo (Lisboa): Estás inscrito. Manda os trabalhos. Só lendo-os, podemos saber se têm possibilidade de publicação.

Amigo n.º 1.494 — António Pereira

(Continua na página seguinte)



Na semana passada fui ao médico. O dr. C. G. é muito engraçado, tudo faz para dispor bem os doentes difíceis, como eu sou.

Não se limita a dizer o nome da arrevesada doença que nós temos. Mas explica o que isso quer dizer em termos mais terra-a-terra, mais acessíveis para os leigos. Aponta o perigo que a doença tem, a melhor forma de combatê-lo.

No meu caso, depois de explicar tudo, disse qual o tratamento a seguir. E acrescentou:

— Pois, minha filha, se não fizeres o que te digo vais para o Maneta!

Ri, mas no caminho para casa

A VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS

O MANETA

não deixei de perguntar a mim mesma qual a origem daquela expressão «ir para o maneta», que todos empregamos sem lhe conhecer a proveniência.

«Aqui está um tema para a próxima crónica do Juvenil!». Pensei. Eis o que consegui apurar:

Quando o general Junot invadiu Portugal trouxe como ajudante o general Louisin, tristemente célebre pelas proezas que cometeu.

Durante certo combate em que participou perdeu um braço e por isso o povo lhe chamava o «Maneta», e para se vingar das atrocidades cometidas por ele lhe cantava versos deste calibre:

O Junot mais o Maneta
julgam Portugal já seu.
É do demo que os carregue
e também a quem lho deu...

Era tal a fama de maldade que ele tinha, de ferocidade com que tratava os prisioneiros, que as mães diziam ás crianças teimosas:

— Se não comes vais para o Maneta. Quem não trabalha vai para o Maneta. etc.

Aqui está como nasceu a expressão «ir para o Maneta» tão em voga na linguagem de todos os dias.

E agora ficas sabendo, meu amigo: se não estudares vais para o Maneta e o general francês trata-te da saude...

* * *

Em Agosto do ano passado estive em casa de pessoa em cujo quintal uma árvore me impressionou pelas flores majestosas que me oferecia. As flores eram *Magnólias*, tão perfumadas e tão decorativas.

Durante os dias que lá passei, as *Magnólias* fizeram-me muita companhia.

Certa ocasião perguntei a uma delas de onde provinha o seu nome. Não soube que responder, nem eu soube elucidá-la. O mais que pude fazer foi dar uma sugestão, o adjectivo latino *magnus* estaria na base de *magnólia*, que seria, assim, uma flor magnifica.

Fiquei de tirar o caso a limpo na primeira oportunidade. E eis o que consegui apurar.

Magnólia não deriva nada do tal *magnus*, mas sim do nome de um botanico francês, Pedro Magnol, que viveu no século XVIII. Os serviços prestados á ciência por Pedro Magnol, levaram Lineu, em sua homenagem, a dar o nome de *magnólia* a esta magnifica flor.

Assim se explica também a origem dos nomes de *dália* (do botanico sueco *Dahl)*; *camélia* (do padre *Cameli* que trouxe a flor do Japão para a Europa), a *buganvita* (que perpetua o nome do viajante francês Bouainiville).

Quando encontrar novamente as minhas amigas *magnólias* já sei o que lhes vou dizer. Mas se elas me perguntarem a origem de alguns nomes de pessoas, saberei, de igual maneira responder-lhes?

Pelo sim, pelo não, vou já estudar o assunto...

Problemas dos jovens

(Continuação da 1.ª página)

um homem, mas «mais alguma coisa».

O «guia» procurará tirar-lhe dificuldades, já que o problema que o há-de preocupar grandemente mais tarde — o pormenor — ainda não o conquistou. Fará com que a criança, por meio duma conversa leve, interessante, viva, vá desenvolvendo sobre o que ela imagina constituir os três gomos: moinho-burro-homem. Sairá daí um curioso estudo sobre a sua imaginação porque a criança tem uma imaginação extraordinariamente fértil.

Acompanhá-la a exposições, dando-lhe notas explicativas sobre os quadros que vê — e como exemplo recordo-me da exposição de arte organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian na qual, numa das vezes que lá fui, encontrei uma professora primária com os seus alunos, em que eles ficaram entusiasmados com as obras que viam, pela maneira compreensiva como a professora lhes apresentava os quadros, tendo sempre para cada um, uma historieta á guisa de explicação.

E' preciso apresentar ao jovem leigo, todos os problemas com que o artista deparou ao criar a sua obra. Algumas vezes até, levando-o aos «ateliers», mostrando-lhe a evolução que sofre um quadro, será para o «miudo», uma descoberta dum modo totalmente novo, que o cativará levando-o a novos rumos — novos andares.

A criança evoluiu — cresce. A arte evolui também, espalha-se, ramifica-se.

A capacidade do jovem ser, no que respeita ao abrangimento desses diferentes ramos, contactando já com eles, aumenta.

Ela encontra a representação da ideia no papel, como um processo de expressão natural, numa imagem dum estado de espírito que procura transmitir, metamorfoseada em riscos, cores e formas.

Mais tarde preocupa-se com o pormenor — instiga-lhe a perfeição — agarra-se á técnica sem se lembrar da liberdade e da simplicidade de formas no desenho. Nascem sob os seus pincéis e lápis, jarras mais ou menos perfeitas, com flores trabalhadas pétala por pétala. Agora é preciso usar de muito tacto — não se pode desarmá-la daquilo que ela julga de primordial. Deve-se-lhe fazer ver que não é só a perfeição técnica que ilustra o desenho, mas o seu aspecto emotivo, a largueza do seu traçado, a dimensão um tudo nada instável.

A criança, já adolescente, agarra-se á representação da ideia no figurativo, isto é, á expressão — começa a escrever versos, a ilustrar temas. Firma-se a personalidade e escolhe rumo certo.

No teatro o problema é na sua essência, o mesmo — se bem que a construção d ele seja um tudo nada mais complexo.

Dando-lhe peças apropriadas, quer para o seu intelecto em formação, quer para a melhor compreensão da tese que se procura defender, ajudando-a a resolver as crises que os adultos não lhe sabem ajudar — talvez porque já tivessem esquecido o tempo de jovens — á criança depara-se, ante um mundo maravilhoso, um mundo deliciosamente novo que se desenrola no tablado iluminado e de que ela também faz parte. Apaixona-se pelo assunto — vive-o. Poderá discutir pontos de vista apresentados. Pede explicações sobre o que achou confuso.

Vai-se cimentando em si a distinção entre clássicos e modernos. Começa a sentir uma espécie de dever, um dever visual-espiritual, mistura no prazer de ir ao teatro para ver Teatro.

O problema complica-se com a actual classificação de espectáculos. Mas isso já não compete a mim pronunciar-me sobre esse delicado assunto. Apelo para a boa vontade daqueles que se mostram interessados pela cultura portuguesa, formando á sua volta elitezinhas de pequenos seres que poderão ser — e posso desde já afirmar que o serão — verdadeiros apaixonados pela Arte.

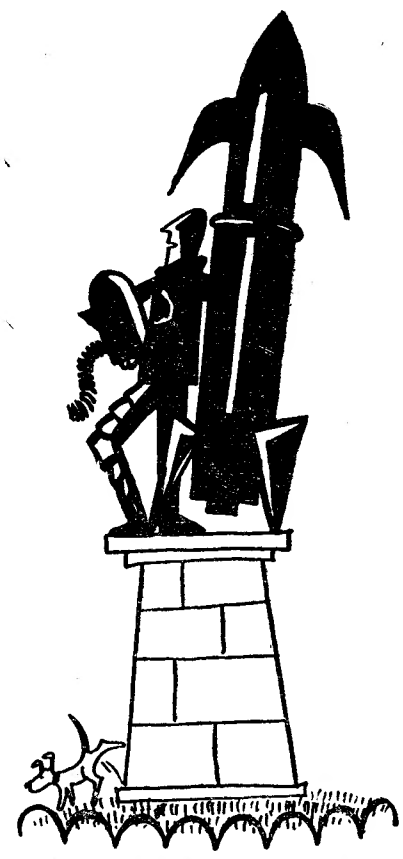
Peço, para finalizar, uma resposta para esta pergunta: — Não será a tão falada crise de teatro causada em parte pelo desinteresse cultural do povo pela Arte?

AMIGO N.º 912

O voluntário do espaço

5.º UMA SALA DE ESPERA DE UM PLANETA ESTRANHO

COMO SE FOSSE O PRIMEIRO EPISÓDIO QUE PODE SER LIDO



por **Agostinho de Brito Macedo**
(19 anos)

Fiquei a saber que todas as cidades do planeta Lyn, tinham um edifício, onde os homens eleitos pelos outros cidadãos, dirigiam os destinos de cada cidade e dos seus arredores desérticos. Assim, na cidade onde eu tinha posto os meus membros inferiores, com o respectivo corpo em cima, também havia um edifício presidencial. Foi este o nome mais conveniente que encontrei para dar áquele enorme casarão, de estilo «terrestre-moderno-encaixotado». — Toda a semelhança que houver entre este estilo de construção e o estilo de certos prédios que nós conhecemos, é pura coincidência. Palavra que eu não passei nenhuns planos de construção, de edifícios da Terra, aos Lynenses... Tanto mais, que eu sou uma pessoa séria...

Entrámos na ampla sala de espera do «Edifício Presidencial» e... mais de um quarteirão de corpos rodaram as cabeças, com olhos e tudo, na minha direcção—repare-se que cada quarteirão de corpos, nas condições normais de pressão e temperatura, têm geralmente dois quarteirões de olhos... São muitos olhos para uma pessoa só.

Pensarão todas as pessoas minhas amigas, que a causa da curiosidade daquela gente por mim, era estarem a ver um ser doutro planeta, ali em Lyn. Um ser que era exactamente igual a todos os Lynenses. Mas não, a causa de toda aquela gente olhar para mim e de terem gargalhado amplamente, foi eu ter dado um grandissimo e barracal trambolhão, pela simples razão de não ter reparado num degrauzito, que o chão humorísticamente tinha colocado no local, onde eu ia a andar a direito em vez de descer — como mandava a configuração do terreno.

Levantei-me auxiliado pelo meu amigo Lynense, que ainda sorria.

Sentei-me numa cadeira, enquanto o meu amigo se dirigia a uma espécie de bilheteira, onde pediu um papel. Depois de o ter preenchido, o Lynense, entregou o papel noutro buraco, onde espreitava a carantonha «amável» de um empregado. Depois como se reparasse que aquilo em que nós estávamos era uma sala de espera, o meu amigo Lynense, veio sentar-se ao meu lado, mostrando-me um agradável sorriso. Ambos esperávamos por qualquer coisa, que eu não sabia o que era. O Lynense devia saber, mas como eu não falava a língua dele, nem tão-pouco ele a minha resolvi calmamente esperar o que viria a acontecer.

Enquanto estive ali sentado, aguardando a minha vez, comecei a pensar o que se passaria na Terra, em volta do meu nome. Se calhar, já me tinham erguido uma estátua, em tamanho natural, com uma inscrição em que se poderia ler: — «Ao primeiro mártir do Espaço». Claro que haviam de fazer a estátua de tal forma, pondo ao meu lado um modelo em bronze, do foguetão espacial, que as pessoas nunca saberiam se o primeiro mártir do espaço seria eu ou o foguetão.

O homem que estava á porta da sala, para onde toda a gente, que ali estava á espera, parecia ter interesse em ir, resmungou qualquer coisa, que fez o meu amigo Lynense levantar-se fazer-me sinal para eu o acompanhar. Levantei-me e dirigi-me para a tal porta e quando olhei para os dois quarteirões de olhos — que pertenciam ao, já citado quarteirão de corpos — vi que não concordavam muito, que eu tivesse passado á sua frente... mas como já era habitual, todos se resignaram...

(Amigo n.º 1.282)

vistos pelos jovens

NOTAS DE LEITURA

POESIA VELHA E POESIA NOVA
ARTE E NÃO-ARTE

Os nossos leitores mais velhos, a partir dos 16 anos, têm mantido no D. L. J. uma pequena discussão sobre Arte Antiga e Arte Moderna, Arte Velha e Arte Nova e até Arte e Não-Arte. Quando publicámos o primeiro artigo — o que deu origem á frutuosa troca de pontos de vista — entre alguns dos nossos amigos (caso, por exemplo, de Ramiro Osório — jovem por quem temos muita simpatia) houve quem discordasse da sua publicação, sob o pretexto de que estava errado, de que exprimia ideias falsas como Judas.

Entretanto foram chovendo as opiniões: ou sob a benvindíssima forma de artigos, ou apenas em tímidas referências, em cartas, ou em manifestações de apoio, também em cartas. Cada vez nos convenciamos mais da vantagem de termos publicado o primeiro artigo. Na realidade sempre nos parecera que a existência de artigos em parte ou totalmente em desacordo com a nossa maneira de pensar, não é motivo necessário e suficiente para que não lhes dêmos toda a publicidade que esteja ao nosso alcance. Por defeitos de educação e de convivência tendemos individualmente a supor que possuimos sempre demasiada razão nos nossos pontos de vista e que os nossos opositores são uns pobres jericos que só produzem asneiras.

Ora a verdade, verdadinha é que sempre que a nossa mentalidade assim se manifestar nós nunca progrediremos. Devemos olhar-nos de soslaio e com toda a desconfiança sempre que alimentarmos na ideia que sabemos tudo e que os outros, se querem saber alguma coisa, devem apenas ouvir-nos.

A's vezes numa discussão (não falo, amigos, em conversa fiada) o mais importante pode não ser a conclusão a que se chegou sobre determinado tema; o tema pode ter muitíssimo pouca importancia, muito menos que a discussão, muito menos que o treino de tolerancia pelos pontos de vista dos nossos colegas de conversa, e a que soubemos habituar-nos durante tal discussão.

Através sobretudo das cartas que recebemos sobre Arte e Não-Arte, verificámos ainda uma outra vantagem de uma discussão: a de obrigar a pensar sobre um assunto que, á primeira vista, parecia não possuir importancia, ou então a de nos levar a aprofundar, a «discutir» as nossas próprias ideias. Muitos jovens nos escreveram a confessar que não tinham pensado no problema da Arte, na oposição entre o que é velho e o que é novo, na oposição entre o que é futuro e o que é passado, entre o que está vivo e o que está morto. Outros pensavam no assunto, mas não sabiam como esclarecer-se, porque não encontravam á sua roda inquietação de espírito, preocupação por estes problemas. Outros, finalmente, sentiam acanhamento em expor o que pensavam, com medo de dizer asneiras, com medo de ter responsabilidades. Ora esta discussão serviu como excelente ponto de partida para muitos outros ensaios. Escreveu-nos um dos nossos leitores a confessar que assim, «como se fosse uma janela aberta ou uma sala de convívio» é que ele gostava do seu pequeno Suplemento — o Diário de Lisboa Juvenil...

Também eu.

Como já repararam, porém, o meu intento não era tratar da nossa discussão sobre Arte, mas de falar de livros. Estes livros são os volumes de Líricas Portuguesas» (2.ª e 3.ª Séries) e a «Antologia da Poesia Religiosa Portuguesa», editadas pela Portugália Editora. Mas a conversa que queria ter convosco a esse respeito fica então para a próxima semana.

AUGUSTO DA COSTA DIAS

DIÁRIO DE BORDO

(Continuação da página anterior)

ra (Lisboa): Tomamos nota. Fixa este numero que passarás a anotar na tua correspondência. Podes concorrer, desde já.

Amigo n.º 1.495 — Jorge Silva Santana (Loulé): Estás inscrito com este numero. Podes concorrer.

Amigo n.º 1.496 — João Falcão (Lisboa): O concurso é para todos os jovens portugueses ou não, mas versando assuntos portugueses. Pode ser em prosa ou verso, ilustrado ou não; pode ser um trabalho de equipa ou individual; terá o numero de páginas á vontade do concorrente. como o assunto é simples escolha o seu. Nos «Juvenis» atrasados poderás ver as condições detalhadas. se esta curta explicação te não chegar.

TROTE

Cultura artística

Muitos dos nossos leitores se queixam da falta de livros sobre Arte publicados em língua portuguesa. E' verdade. Por isso mesmo temos hoje o prazer de anunciar o aparecimento do segundo volume da discutida obra de André Malraux—«AS VOZES DO SILÊNCIO», na Colecção «VIDA E CULTURA», editada por Livros do Brasil, Ld.ª.

O primeiro volume englobava o «Museu Imaginário» e «As Metamorfoses de Apolo»; o segundo e ultimo publica «A Criação Artística» e «O Preço do Absoluto».

Eis uma excelente oportunidade para os nossos leitores mais velhos se familiarizarem na discussão de assuntos de Arte. Qualquer dos volumes tem bastantes gravuras que auxiliam a seguir as hipóteses do texto e a acompanhar as ideias do autor.